

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva
(Organizadores)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0487-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.873221609>

1. Teologia. 2. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.

Apresentamos a obra “Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo”, que adota uma abordagem dialética da teologia e sua articulação com a experiência religiosa, vista e discutida sob o ponto de vista de teóricos de diferentes contextos. Atualmente, a relação entre fé cristã e ciência tem sido moldada em termos de conteúdo e, sobretudo, de atitude. Esta obra encontra-se organizada em 6 capítulos teóricos, cujos objetivos direcionam para profundas reflexões no campo das Ciências Humanas, de forma específica para Teologia e Ciências da Religião. O primeiro texto objetiva, apresentar a convergência entre a perspectiva prático e simbólica das orações-jaculatórias e a realização prática e sugestiva dos automotivadores e, por outro lado, demonstrar o nascimento, o crescimento e a disseminação de um movimento interior e espiritual que atento às demandas da geração digital transpõe os limites da religião e das espiritualidades convencionais. O segundo texto, apresentar reflexões sobre esse cenário em tempos de pandemia e de Papa Francisco. O terceiro texto, busca desabrochar e fomentar reflexões críticas a partir de contrapontos autorais com ênfase nas narrativas, na linguagem, no diálogo e na verdade. O quarto texto, elaborado em metodologia de pesquisa bibliográfica está nos liames da Cristologia e procura estabelecer elementos escriturísticos que atestem e confirmem a preexistência de Cristo. O quinto texto, levantar o debate e estender os estudos carnavalescos abordando a forma como os desfiles das escolas de samba são entendidos pela atual sociedade brasileira. O sexto texto aborda as diversas dimensões do deserto nas Sagradas Escrituras. A discussão aqui apresentada introduz a fenomenologia no âmbito do pensamento contemporâneo e suas conexões com a experiência religiosa numa perspectiva interdisciplinar.

Desejamos a todos boa sorte na leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Elisângela Maura Catarino

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A MÍSTICA DA AUTOSSUGESTÃO: UMA NOVA VERSÃO DA ORAÇÃO JACULATÓRIA José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216091	
CAPÍTULO 2	9
AS MULHERES E A CIBERTEOLOGIA NA PASTORAL EM TEMPOS DE PAPA FRANCISCO Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216092	
CAPÍTULO 3	20
O PARADOXO JESUS NA COMUNICAÇÃO E NA LITERATURA Boanerges Balbino Lopes Filho  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216093	
CAPÍTULO 4	33
ELEMENTOS ESCRITURÍSTICOS E ARTICULAÇÕES TEOLÓGICAS ACERCA DA PREEXISTÊNCIA DE CRISTO Francisco Regimarcio Cardoso de Lima  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216094	
CAPÍTULO 5	46
CONSIDERAÇÕES PERANTE A ASSOCIAÇÃO DO CARNAVAL COMO FESTA DO PECADO Tiago Herculano da Silva  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216095	
CAPÍTULO 6	66
O DESERTO NAS SAGRADAS ESCRITURAS: UMA ABORDAGEM LITERAL-TEOLÓGICA Diego J.L. Carleti  https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216096	
SOBRE OS ORGANIZADORES	75
ÍNDICE REMISSIVO	77

CAPÍTULO 1

A MÍSTICA DA AUTOSSUGESTÃO: UMA NOVA VERSÃO DA ORAÇÃO JACULATÓRIA

Data de aceite: 01/09/2022

José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral

Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP; Professor Assistente da UNICAP

RESUMO: A tradição da mística cristã inventou as *orações-jaculatórias*, caracterizadas pela brevidade, simplicidade e bondade, tendo como efeito a união com Deus, a amorização do coração e a oração contínua. Uma definição clássica de oração é a seguinte: elevação da *mente* a Deus. Com a invenção da *oração-jaculatória*, o ato de rezar passa a ser compreendido como elevação do *coração* a Deus. Dessa forma, o *coração* torna-se *locus* no qual Deus habita porque adentra na vida dos homens e mulheres com a abundância de suas riquezas. O *coração*, além de órgão, é um recurso metafórico através do qual a mística, a religião e a poesia das diversas etnias traduzem o espiritualmente mais profundo, o religiosamente mais precioso e o sentimentalmente mais belo. Análogo à tradição da espiritualidade cristã, notadamente nas *orações-jaculatórias*, tem-se a mística da autossugestão. Os *padres do deserto* criaram as *orações-jaculatórias*, a espiritualidade coaching criou os *automotivadores*: expressões-fórmula repetidas durante todo o dia. Os *automotivadores* fundados na lógica da autossugestão levam o praticante a repetir afirmações positivas, tais como “dia após dia, em todos os sentidos, pela graça de Deus, estou ficando cada vez melhor”.

Tanto a *jaculatória* quanto o *automotivador* funcionam, portanto, a base de repetições que realizam no ambiente intrapsicológico do sujeito o que se chama *substituição simbólica*. O objetivo deste trabalho é, de um lado, apresentar a convergência entre a perspectiva prática e simbólica das *orações-jaculatórias* e a realização prática e sugestiva dos *automotivadores* e, por outro lado, demonstrar o nascimento, o crescimento e a disseminação de um movimento interior e espiritual que atento às demandas da geração digital transpõe os limites da religião e das espiritualidades convencionais.

PALAVRAS-CHAVE: Mística; Jaculatória; Autossugestão; Automotivador; Substituição simbólica.

THE MYSTIQUE OF AUTOSUGGESTION: A NEW VERSION OF THE EJACULATORY PRAYER

ABSTRACT: The tradition of Christian mysticism invented the *ejaculatory prayers*, characterized by brevity, simplicity and kindness, having the effect of union with God, love of the heart and continuous prayer. A classic definition of prayer is as follows: lifting the mind to God. With the invention of the *ejaculatory prayer*, the act of praying came to be understood as an elevation of the *heart* to God. In this way, the *heart* becomes the locus in which God dwells because he enters the lives of men and women with the abundance of his riches. The heart, in addition to being an organ, is a metaphorical resource through which the mystique, religion and poetry of different ethnic groups translate the spiritually deepest,

the most religiously precious and the most sentimentally beautiful. Analogous to the tradition of Christian spirituality, notably in *ejaculatory prayers*, there is the mystique of autosuggestion. The desert priests created the *ejaculatory prayers*, coaching spirituality created the *self-motivators*: formula expressions repeated throughout the day. *Self-motivators* based on the logic of autosuggestion lead the practitioner to repeat positive affirmations, such as “day after day, in every way, by the grace of God, I am getting better”. Both the *ejaculatory* and the *self-motivating* function, therefore, on the basis of repetitions that perform in the subject’s intrapsychological environment what is called *symbolic substitution*. The objective of this work is, on the one hand, to present the convergence between the practical and symbolic perspective of ejaculatory prayers and the practical and suggestive realization of self-motivators and, on the other hand, to demonstrate the birth, growth and dissemination of an inner movement. and spiritual that attentive to the demands of the digital generation, transposes the limits of religion and conventional spiritualities.

Keywords: Mystique; Ejaculatory; Autosuggestion; Self-motivating; Symbolic substitution.

1 | INTRODUÇÃO

Há muitas definições para o ser humano. Uma delas é que ele é ficcional. A adjetivação ficcional não deseja traduzir a ideia de algo fantasioso ou fruto apenas da imaginação, não; ficcional, porém, como criador de narrativas que constroem a sua condição existencial. E uma dessas narrativas que manifesta o caráter ficcional do ser humano é a religião compreendida como revelação curiosa e criativa da engenharia do psiquismo humano.

Com a derrocada da metafísica enquanto desvinculação do sujeito com um ser Superior pessoal, abre-se brechas e manifesta-se buscas outras, que levam pessoas atualmente a vivenciarem práticas que atendem exigências interiores que parecem ser uma resposta outra ou até substitutiva aos anseios da convencionalidade religiosa e espiritual.

“Deus” é uma função? Ver-se-á no desdobramento deste breve trabalho que os *automotivadores*, expressões-fórmula repetidas durante o dia, tornam-se inauguradores de uma concepção de mística¹ diferente da perspectiva convencional. Isto porque “Deus” torna-se uma função, em razão de ele ser um nomeável ou inominável de facetas diversas. “Deus” transmutado na *mente subconsciente* torna-se para os da cultura do mentalismo um outro ser, e de significado alheio, às concepções da teologia cristã, porque “Deus” do ponto de vista das buscas antropológicas atuais é o que se faz dele.

2 | O PONTO CATALIZADOR, O LOGOS

O ser humano é um ser que age, e uma, dentre tantas ações possíveis e realizáveis, é, sem dúvida, o ato de orar. A oração, em caráter religioso, é um exercício atuado pela

¹ O termo mística não será compreendido no sentido tradicional, a saber: “[abordagem] que enfatiza a comunhão com a divina Presença, a qual é espiritual, não-discursiva, e, com frequência, inefável” (CHAMPLIN, 2013, p.313), mas como uma condição interna fruto de *declarações* – como ver-se-á ao longo do texto – que habilitam estados neurofisiológicos positivos como confiança, amor, força interior etc., estados que são de ordem interior, e não de caráter religioso.

maioria da humanidade, tendo como fundamento do que se afirma o fato de que mais de oitenta por cento da humanidade – segundo dados da matéria da revista eletrônica CartaCapital (2021) –, diz-se pertencente a um seguimento religioso, em vista disso deduz-se que a consciência ou vivência da oração, elemento que constitui e efetiva a experiência religiosa das grandes tradições monoteístas, é uma constatação inevitável.

Se a oração é uma constatação inevitável, o que significa rezar? Apesar de existir uma alta produção quanto ao conteúdo, definições, escolas e métodos de oração, é válido inicialmente ressaltar que

toda reflexão sobre o sentido e sobre o significado da oração pode ser apenas uma mediação insuficiente, e, por isso, num certo sentido, uma mentira. Entre as experiências do homem, esta é uma das mais difíceis de ser “classificada” porque nasce do humano, mas depois “levanta voo”, vai além do humano e faz referência ao Outro, ao divino, ao Absoluto, ao objeto imenso, a Deus (TERRIN, 2003, p.107).

A oração enquanto uma das experiências do ser humano não é uma vivência que se encerra nos limites da existência do indivíduo, porque seria um narcisismo disfarçado, quando, na verdade, ela é um *direcionar-se* a um Outro. Dessa forma, o ato de orar, de acordo com Terrin (2003, p. 108) “trata-se de uma outra realidade, que está além do mundo dos sentidos e que dá a tonalidade exata de cada oração, na medida em que ela postula esse ‘sair do mundo do contingente, do empírico’ para abraçar [...] o que está além”.

Ainda que Terrin faça apologia à dificuldade de falar sobre a experiência da oração, do ponto de vista fenomenológico, ele aventura-se a dar uma compreensão, mais do que um conceito, do que venha a ser o ato de rezar, a saber:

[o que] constitui o momento de expressão do sentimento religioso: [ele] é a atualização da experiência religiosa, é a sua concretização aqui e agora numa ação, num gesto, numa palavra que coloca diretamente em contato com o divino. Desse ponto de vista, a oração é a verdade da religião e é, ao mesmo tempo, quase o ‘respiro’ e o pulso de qualquer experiência religiosa autêntica. Não haveria experiência religiosa se ela não conduzisse também e sobretudo ao ato de rezar (TERRIN, 2003, p.108).

A oração como *verdade da religião* é um evento totalizador e que precede tudo o que se pretenda dizer ou sistematizar sobre Deus, deuses, o divino ou o sagrado. A tradição clássica cristã – referência teórico-comparativa deste trabalho em desenvolvimento –, “reconhece a oração como arquétipo e ideia primordial da relacionalidade entre o homem e Deus, que é um dos alicerces da Bíblia” (Dicionário de Mística, 2003, p.803).

A Bíblia em seus textos faz-se mediação entre o *divino* e o humano, os sujeitos diretamente envolvidos no diálogo inaugurado pelo ato de rezar. Desse modo, é oportuno afirmar que para os *padres do deserto*² a Sagrada Escritura é a *norma das normas* porque

² “O termo, Padres do Deserto inclui um grupo influente de eremitas e cenobitas do século IV que se estabeleceram no deserto egípcio. As origens do monarquismo oriental se encontram nessas ermidas primitivas e comunidades religiosas. Paulo de Tebas é o primeiro eremita do qual se tem notícia, a estabelecer a tradição do ascetismo e contemplação monástica e Pacômio de Tebaida é considerado o fundador do cenobitismo, do monasticismo primitivo. Ao final do

rege, inspira e motiva mulheres e homens a se retirarem em lugares solitários para viverem de forma plena a própria união com Deus.

A Sacra Página – para os retirantes e as retirantes por ser *norma das normas* –, é

estudada, mas principalmente atuada como o que ilumina as relações interpessoais e cotidianas. A prática de aprender a memória os versículos torna-se exercício ascético para alcançar a perfeita comunhão com Deus. Na mesma linha são as regras de vida comum que disciplinam os novos centros religiosos. Esses nascem da escuta da Palavra de Deus e da experiência da fraternidade. Representam o verdadeiro trabalho ascético (SCHIADINI, P.; ROSSINI, C. 2007, p.517, tradução nossa).

A *palavra* (= *logos*), independente se é sacra ou não, torna-se mediação para o/a orante³ – aquele/aquela que pratica a oração como união com Deus – como para o/a mentalista⁴ – aquele/aquela que pratica a sugestão como alinhamento com o subconsciente. Desta maneira, a vivência do/da orante como do/da mentalista “pode se dar por intermédio da imaginação criativa, da repetição, da escrita ou de outros meios, mas sempre haverá a palavra, o logos, o verbo criador (‘no princípio era o verbo’)” (MEDINA, 2019, p.11).

3 | DEUS VERSUS MENTE SUBCONSCIENTE

Os *padres do deserto* criaram as *orações-jaculatórias*: orações pequenas e repetidas muitas vezes durante o dia para criar uma disposição interior estável. O mentalismo criou os *automotivadores*: expressões-fórmula repetidas durante todo o dia para “criar uma nova realidade física (de saúde, dinheiro, relacionamento etc.)” (MEDINA, 2019, p.11). Assim como os *automotivadores* – criação que tem suas raízes no século XIX com a publicação do livro *Self-help* do médico escocês Samuel Smiles –, as *orações-jaculatórias* – invenção dos *homens e mulheres do deserto*, localizados no arco de tempo do século III ao VI, tempo do desenvolvimento inicial das referidas orações –, efetivam o que chamamos de *exercício ascético*⁵.

Com a invenção das *orações-jaculatórias*, o ato de rezar passa a ser compreendido

terceiro século, contudo, o venerado Antão do Egito orienta colônias de eremitas na região central. Logo, ele se torna o protótipo do recluso e do herói religioso para a Igreja oriental – uma fama de vida em grande parte à vasta louvação na biografia de Atanásio sobre ele. Esses primitivos monásticos atraíram um grande número de seguidores aos seus retiros austeros, através da influência de sua simples, individualista, severa e concentrada busca pela salvação e união com Deus. Os Padres do Deserto eram frequentemente solicitados para direção espiritual e conselho aos seus discípulos. Suas respostas foram gravadas e colecionadas num trabalho chamado *Paraíso* ou *Apotégmas dos Padres*. Disponível em: <<http://www.padresdodeserto.net/>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

3 Na tradição cristã existe vários tipos de oração, por exemplo, a vocal, a mental, a contemplativa. Quando este trabalho se refere ao termo orante quer significar o que efetiva a união com Deus através da mediação de um escrito que pode ser lido ou não, porque pode ser apenas introjeto à memória, mesmo que a pessoa não tenha a capacidade de ler, porém tem a capacidade de memorizar.

4 Vem de mentalismo que significa “ciência do poder da mente. É um conjunto de teorias, postulados, práticas, métodos e técnicas destinado a ativar os poderes mentais” (MEDINA, 2019, p.9). O mentalista como o orante utiliza-se da mediação da palavra, escrita ou não.

5 Prática que defende “o autocontrole, o comedimento diante dos deleites e das sensações despertadas pelas distrações proporcionadas pela vida material. Os que atingem o exercício da austeridade se consideram praticantes das virtudes da alma e alimentam o propósito de conquistar uma condição espiritual [ou emocional] mais elevada [em e por si mesmo]”. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/ascetismo/>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

como elevação do *coração* a Deus. À vista disso, o *coração* torna-se *locus* no qual Deus habita porque adentra na vida dos homens e mulheres com a abundância de suas riquezas. Com a criação dos *automotivadores*, a conduta da fé – fé não em sua vertente religiosa, mas em sua perspectiva antropológica –, passa a ser vivenciada como um “pensamento que faz com que seu poder mental tome conta de sua vida” (MEDINA, 2019, p.11). Se no entendimento dos que praticam as *orações-jaculatórias*, Deus é o autor dos milagres, na compreensão dos que exercitam os *automotivadores*, o poder oculto da *mente subconsciente*⁶ é o executor dos desejos.

As *orações-jaculatórias* dentro da perspectiva dos *padres do deserto* têm um sinônimo, a saber, *oração do coração*, que é de forma objetiva “um estado habitual da alma continuamente voltada para Deus. Quem o atinge, reza ininterruptamente, sem cansaço, com uma grande paz” (SPIDLIK, 2009, p.49). Esta forma tradicional de orar leva em “consideração o ritmo do coração, da respiração, de uma presença a si para estar mais disponível para Deus” (UGEUX, 2008, p.154).

Como mencionado acima as *orações-jaculatórias* tiveram o seu desenvolvimento inicial, de forma mais precisa, no século VI. Agora, passa a ser usada com maior frequência no Oriente desde o século XVI. Entretanto,

faz pouco tempo que ela se tornou conhecida no Ocidente, principalmente por meio das numerosas traduções dos *Relatos sinceros de um peregrino russo ao seu pai espiritual*. Segundo o relato, o peregrino, simples camponês, procura uma resposta à tradicional questão sobre como orar sem cessar. Um Staretz (literalmente, um ancião, isto é, pai espiritual) aconselha-o a seguir um método bem simples: começar com a invocação repetida: “Jesus”. Devagar, o peregrino passa de 3.000 para 6.000, até chegar a 12.000 invocações diárias. Depois, não as conta mais, porque seus lábios se movem sozinhos, sem esforço, inclusive durante o sono (SPIDLIK, 2009, p.50).

Este é o primeiro estágio da *oração do coração*: começar pelo nome de Jesus, imagem-símbolo, fazendo atenção ao ritmo, devagar, e à modalidade, repetições continuadas. Mais tarde, faz-se passagem para o segundo estágio:

o movimento se transfere dos lábios, que devem permanecer imóveis, para a língua. A seguir, da língua, a oração desce ao coração: o peregrino percebe que a sua oração entrou no compasso das batidas do coração, como se este se pudesse, de alguma maneira, a recitar: 1. Senhor, 2. Jesus, 3. Cristo, e assim por diante. A conclusão que se retira da leitura desse relato é a seguinte: quem une a oração às batidas do seu coração jamais poderá deixar de rezar, porque a oração se torna como que uma função vital de sua existência. Já se trata da oração perfeita? O peregrino não pretende afirmar

6 “A mente se divide em dois níveis – o consciente, ou racional, e o subconsciente, ou irracional. Você raciocina com o primeiro, e tudo aquilo em que pensa habitualmente vai para a mente consciente, que, em seguida, cria algo de acordo com a natureza de seus pensamentos. O subconsciente é a sede das emoções. É a mente criativa. Se pensar no bem, o bem se seguirá; se pensar no mal, o resultado será o mal. É dessa maneira que a mente funciona. Tudo aquilo que você afirma mental e emocionalmente como verdade o subconsciente aceita e materializa em sua experiência. Basta que o subconsciente aceite a ideia. Logo que isso aconteça, a lei que o rege gerará a saúde, a paz e a prosperidade que você deseja. A lei da mente é a seguinte: a reação, ou resposta, que obtemos da mente subconsciente é determinada pela natureza do pensamento ou ideia que mantemos na mente consciente” (MURPHY, 2018, p.32-33).

isso, mas acredita estar no caminho certo para chegar à oração do coração (SPIDLIK, 2009, p.50-51).

As *orações-jaculatórias* fazem do coração o *locus* no qual se realiza a união do orante com quem é invocado quando se ora, Deus. Invocação que se traduz como união das vontades, por isso eleva-se o coração a Deus quando se faz repetições ininterruptas como: “Vinde, Deus, em meu auxílio; Senhor, apressai-vos em socorrer-me” (cf. Sl 69,2). A repetição deste versículo sálmico atua o que se chama *substituição simbólica*, pois a palavra torna-se símbolo que ao ser abstraído e acolhido pelo recurso interno da memória, e ao ser continuamente repetido, realiza a mudança de algo que interiormente incomodava para a realidade que espiritualmente consola.

4 | A MÍSTICA DA AUTOSSUGESTÃO

Análogo às *orações-jaculatórias*, tem-se os *automotivadores* que não têm uma história tão longa nem registros em tal grau de abundância literária como os das *orações-jaculatórias*, entretanto os *automotivadores* são, sem dúvida, uma prática crescente, que se expande sistemática e mundialmente, principalmente em razão da facilidade atual de os livros serem traduzidos para um grande e significativo número de línguas.

Os *automotivadores* atuam pela *sugestão* direcionada à *mente subconsciente*, já as *orações-jaculatórias* atuam pela *intenção* voltada para Deus. Eis uma descrição de como funciona a sugestão:

existe uma nítida linha de diferenciação entre as duas fases de nossa mente tanto no que diz respeito à sua força como também às suas limitações. Um dos corolários da lei da sugestão é que o subconsciente não tem condições para conduzir independentemente uma linha de pesquisas por meio da falta de coleta de fatos, de sua classificação com estimativas de seus valores relativos como provas. Ele aceita todas as sugestões que lhe forem apresentadas, sejam elas falsas ou verdadeiras. O seu método de raciocínio é completamente dedutivo e a sua força de dedução parece bem próxima da perfeição. Não devemos esquecer que tudo isso é verdade, sejam as premissas falsas ou verdadeiras. Isso quer dizer que as deduções do subconsciente, partindo de uma falsa premissa, são tão logicamente corretas como as que partem da premissa verdadeira. Isso mostra a grande importância que tem tudo aquilo que sugerimos ao subconsciente (MURPHY, 1980, p.212).

O que se sugere à *mente subconsciente* é extremamente importante segundo o mentalismo porque o subconsciente é indiferente, não opta pelo bem ou pelo mal, porque ele não é hermeneuta ou seletivo, ele é decididamente executor. Então, pela autossugestão

um indivíduo pode alimentar seu subconsciente com pensamentos de natureza criativa, ou, por negligência, permitir o acesso de pensamentos de natureza destrutiva. Qualquer pessoa, mesmo uma criança, pode ser ensinada a desenvolver uma Atitude Mental Positiva. O método é repetir afirmações positivas, tais como: “Dia após dia, em todos os sentidos, pela graça de Deus, estou ficando cada vez melhor” (HILL, 2019, p.34).

A repetição do *automotivador* “Dia após dia, em todos os sentidos, pela graça de Deus, estou ficando cada vez melhor” segue a mesma ideia da repetição dos versículos bíblicos das *orações-jaculatórias*, tem-se um pensamento que ao ser memorizado passar-se-á a repetir em séries durante momentos específicos estabelecidos para cada dia da semana. Um dos efeitos da repetição é realizar o que está sendo intitulado de *substituição simbólica*, por exemplo, o vazio experimentado por não se ter objetivos definidos na vida é substituído pela presença imaginativa do objeto do desejo ou dos sonhos a serem realizados.

O exercício da repetição de acordo com o mentalismo tem um nome específico, *declaração*. Por exemplo,

quando se lê em voz alta, duas vezes ao dia, a declaração por escrito de seu desejo de dinheiro com emoção e atenção concentrada e se sente já na posse dele, você comunica o objeto de seu desejo para a mente subconsciente. Por meio da repetição desse procedimento, [cria-se] hábitos de pensamentos favoráveis a seus esforços para transformar o desejo em equivalente monetário. É da máxima importância ler em voz alta a declaração com emoção e sentimentos fortes (HILL, 2019, p.34-35).

A ênfase na forma de como tem que ser a *declaração* recorda o algo crucial para o cristianismo, a fé. Para que aconteça qualquer evento da ordem do milagre, a exigência é a fé. Basta lembrar o destaque que o evangelista registra concernente à passagem de Jesus Cristo pela cidade de Nazaré: “E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles” (Mateus 13,58).

Tanto nas *orações-jaculatórias* quanto no exercício dos *automotivadores* há uma exigência, fé. Sendo a fé para o orante: uma entrega de confiança absoluta em Deus enquanto o que cuida da sua vida, e a fé para o mentalista: uma postura de convicção que seu poder mental toma conta de sua vida. Além de compartilharem uma compreensão de fé, os/as orantes e os/as mentalistas compartilham também uma lei de conteúdo diferente, mas de finalidade, talvez, semelhante. O/a orante deixa-se mover pelo seguinte princípio: tudo que se coloca em oração no coração de Deus acaba no seu tempo se realizando, já o/a mentalista permite-se nortear pela seguinte ideia: tudo o que se infiltra no subconsciente acaba sempre vindo à tona.

5 | CONCLUSÃO

Do exposto até o momento, deseja-se fazer três objetivas considerações-afirmações finais. Primeira: há certa convergência entre a perspectiva prático e simbólica das *orações-jaculatórias* e a realização prática e sugestiva do *automotivador*; segunda: apesar da contemporaneidade possuir muitos elementos de ruptura com os períodos que se passaram, os *automotivadores* são como uma atualização não confessional de uma prática tradicional de origem bastante remota, as *orações-jaculatórias*; terceira: começa-se

a ganhar corpo um emergente movimento interior, e não religioso, que tem como ideia-fundamento a *autossugestão* como motor propulsor de uma mística atípica que está em alta aceitação, em razão da ascensão da proposta do empreendedorismo no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Livro:

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia e bíblia, teologia e filosofia**. Vol.4 M/O. São Paulo: Hagnos, 2013.

Dicionário de Mística. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2003.

HILL, N. **Atitude mental**. Porto Alegre: CITADEL, 2019.

MEDINA, D. **Segredos mágicos da sua mente**. Porto Alegre: CITADEL, 2019.

MURPHY, J. **Como usar as leis da mente**. Rio de Janeiro: RECORD, 1980.

MURPHY, J. **O poder do subconsciente**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2018.

ROSSINI, C., SCIADINI, P. **Enciclopedia della preghiera**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.

SPIDLIK, T. **Orar no coração: iniciação à oração**. São Paulo: Paulinas, 2009.

TERRIN, A. N. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo. Paulinas, 2003.

UGEUX, B. **Reencontrar a fonte interior**. Petrópolis: Vozes, 2008.

- Documentos eletrônicos:

JANDIRA, Pimentel. Padres do Deserto – Homens e mulheres embriagados de Deus.

Padresdodeserto.net, 2001. Disponível em:<<http://www.padresdodeserto.net/>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

Pesquisa mostra que 16% da população não tem religião. **CartaCapital**, 2012. Disponível em:<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pesquisa-mostra-que-16-da-populacao-mundial-nao-tem-religiao/>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

SANTANA, Ana Lúcia. Ascetismo. **InfoEscola**, 2012. Disponível em:<<https://www.infoescola.com/filosofia/ascetismo/>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

CAPÍTULO 2

AS MULHERES E A CIBERTEOLOGIA NA PASTORAL EM TEMPOS DE PAPA FRANCISCO

Data de aceite: 01/09/2022

Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon

Doutorado em Ciências da Religião pela UMESP; Docente da Faculdade de Teologia na PUC-Campinas

RESUMO: Uma série de perguntas eclesiais e pastorais nos emergem em tempos do pontificado do Papa Francisco e de pandemia. Entre elas, algumas nos parecem mais significativas: As mulheres ganharam mais autonomia e estão encontrando um sentido cristão mais pleno e autêntico na práxis ao se conectarem às redes ou se deslocarem dos templos para as casas e com isso se aproximarem mais das pessoas nas comunidades? Diante do cenário atual, o Papa Francisco tem sinalizado que uma das suas preocupações, além do espaço ocupado pelas mulheres na Igreja, é a utilização das tecnologias para o bom convívio entre os povos no sentido de agregar pessoas e evangelizar as comunidades. Diante de inseguranças e instabilidades, dores e sofrimentos como afirma a Constituição GS do Concílio Vaticano II, novas possibilidades científicas nos abrem e entre elas a ciberologia têm nos mostrado novas territorialidades construídas para a vivência da religiosidade e da espiritualidade. Esses espaços virtuais e ciberológicos podem ser instrumentos não só onde nos conectamos para viver experiências da fé e da ciência, mas para conquistarmos novos espaços eclesiais, muito além daqueles das territorialidades geográficas. Este trabalho

tem como objetivo apresentar reflexões sobre esse cenário em tempos de pandemia e de Papa Francisco.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; renovação; eclesialidade; mulheres; ciberologia.

WOMEN AND CYBERTHEOLOGY IN PASTORAL CARE IN TIMES OF POPE FRANCIS

ABSTRACT: In these times of pandemic and of Pope Francis' pontificate, a series of ecclesial and pastoral questions emerge. Among them, some seem to be more significant to us: Have women gained more autonomy and are finding a fuller and more authentic Christian sense in praxis by connecting through social media or by moving from temples to homes and thereby getting closer to the people in the communities? In view of the current scenario, Pope Francis has signaled that one of his concerns, in addition to the space occupied by women in Church, is the use of technologies for the good coexistence between peoples in the sense of bringing people together and evangelizing communities. Faced with insecurities and instabilities, griefs and anxieties as stated in the GS Constitution of the Second Vatican Council, new scientific possibilities emerge for us. Among them, cybertheology has shown us new territorialities built for the experience of religiosity and spirituality. These virtual and cybertheological spaces can be instruments not only where we connect to live experiences of faith and science, but to conquer new ecclesial spaces, far beyond those of geographical territorialities. This work

aims to present reflections on this scenario in times of pandemic and pope Francis.

KEYWORDS: Pandemic; renovation; ecclesiality; women; cyberteology.

1 | INTRODUÇÃO

Com o contágio democrático da COVID-19, as mulheres se abriram a novas experiências e estenderam suas relações para além dos espaços tradicionais. Elas se reinventaram e começaram a celebrar a fé para além dos templos. Pelas redes sociais vieram a frequentar um ciberespaço, literalmente um poderoso *locus* das nuvens. São esses novos locais, diferentes daqueles ocupados pelas comunidades cristãs primitivas, que hoje as mulheres ganham mais força. Há agora uma nova configuração da territorialidade das casas e do sagrado e partir da experiência das mulheres fica mais valorizada a pastoralidade feminina, colocando-a no foco, dando-lhe um lugar de destaque, de importância e de potência. Esse lugar de fala das mulheres, ao mesmo tempo, se mostra como um desalojar das opressões cotidianas – colonialistas, racistas e misóginas – que perpassam as suas vidas, pois ali se mostra o não conformismo com a opressão.

Este trabalho a partir dessa temática e com o método VER-JULGAR-AGIR tem como objetivo fazer um exercício de desconstrução de sistemas escravocratas dentro e fora das comunidades, levando neste momento a ver o contexto no qual estamos inseridas e pensar em uma reconstrução de outras possibilidades de experiências comunitárias e eclesiais. E é nessa desconstrução que se desenvolve uma visão feminista da fraternidade e do cuidado, se constrói uma outra perspectiva feminina e feminista, sim, aquela de que “não queremos voltar à uma tradicional ‘normalidade’ injusta e desigual, racista, branca e heteropatriarcal. Essa atualidade nos faz também refletir sobre o papel da teologia e dos novos instrumentos tecnológicos e midiáticos que vem contribuindo para essa reconstrução nas comunidades e fora delas

Neste tempo duro, cruel e pandêmico se torna necessário sempre reafirmar a importância da presença majoritária das mulheres na linha de frente dos hospitais e das comunidades eclesiais. Com tecnologias em mãos, elas têm levado um alento às pessoas e as socorrem nos hospitais junto às condições de sofrimentos e mortes pela Covid 19. No nosso país, sobretudo junto às populações mais vulneráveis, grande parte das vítimas são frutos do descaso do governo e da falta de políticas públicas para com a periferia das metrópoles. A tristeza impera sobremaneira e são mais evidentes nesses lugares. A Covid 19 aponta para uma crise humanitária, para o grito de dor mostrado pela finitude humana, para uma crise da natureza que está em dores de parto (*Rm 8.16*), por isso a pandemia mostra um tempo também de expor a falta de cuidado, de gestão pública e de solidariedade que muitos governantes tem demonstrado. É nesse contexto que surge o lugar e a voz das mulheres nas comunidades, e mais ainda, com habilidades nas tecnologias é aí que elas ocupam espaços e resolvem situações.

21 O CONTEXTO PASTORAL E O CUIDADO DAS MULHERES NAS COMUNIDADES

Nesse cenário, se torna importante enxergar além do que comumente é apontado nas notícias pelas redes. Muitas mulheres suprem a falta de políticas públicas e de governo eficaz e, para cuidar do próximo, elas ficam até mais expostas nas comunidades. Sem falar que as mulheres tem buscado mais soluções digitais para responder aos desafios cotidianos e vêm procurando utilizar as tecnologias tanto para se capacitar quanto para amparar e denunciar casos de violências ao serem vítimas do patriarcado e da necropolítica que se reproduz sob às suas costas. As mulheres, nesse sentido, têm ido a lugares que ainda a Igreja não havia chegado por vias “normais”. E ao tentar cuidar umas das outras, muitas vezes também precisam ser cuidadas, pois correm riscos cada dia piores em meio ao cenário dos lares e das ruas. Portanto, falar de pandemia é também lembrar de cuidados para com as mulheres, é falar de uma prioridade diária a qual todas as pessoas, independentemente do gênero, são responsáveis em diferentes graus e dimensões, sejam físicas, psicológicas, espirituais, afetivas, sociais, educacionais.

O papa Francisco, no âmbito da Carta Encíclica *Laudato Si*, questiona e pede ao mundo que amplie o olhar:

“Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?” Esta pergunta não toca apenas o meio ambiente de maneira isolada, porque não se pode pôr a questão de forma fragmentária”...Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra?”: Se não pulsa nelas esta pergunta de fundo, não creio que as nossas preocupações ecológicas possam surtir efeitos importantes.

Ouve-se muito que as mulheres têm uma aptidão mais acurada para com a cuidado, mas não temos receitas e sabemos que também os homens necessitam assumir o cuidado de forma plena, ajudando a superarmos as desigualdades de gênero, de raça e classe social. E essa se torna uma tarefa primordial nas comunidades, nas igrejas.

É necessário que todos e todas lutem por políticas públicas que assumam os cuidados, sejam com as crianças, as pessoas idosas, com deficiências e com o se relacionar com a natureza. Cuidar, portanto, não é uma tarefa natural das mulheres. É uma construção histórica e que cabe a todas as pessoas e instituições construídas no desenvolvimento histórico da humanidade. É uma nova atitude que deve ser aprendida e apreendida por todos e todas neste momento de pandemia que exige o nosso cuidado contínuo.

O cuidado necessita ser ensinado e aprendido nos diferentes ciclos da vida, inclusive nos momentos que exigem da fé o exercício que lhes é próprio diante das adversidades. Este princípio ético que tem a ver com a existência humana e planetária necessita ser reinventado em nosso cotidiano pandêmico e inclusive ser reconsiderado no atual modelo econômico, por mulheres e homens, com ou sem acessos às tecnologias? Esse tema que

será enfocado em seguida.

A atmosfera atual altamente tecnológica transforma a concepção da mulher e do homem em relação ao universo e a si mesmos. O computador – peça central da atenção do ser humano moderno – que começa como um dispositivo simplificador de tarefas - torna-se um dispositivo facilitador e criador de novos comportamentos e costumes, também nas comunidades eclesiais.

Convocado pelo Papa João XXIII, o Concílio Vaticano II (1962-1965) tratou do tema da fé em vários aspectos, todavia não querendo focar apenas acerca da fé em si mesma, mas de toda a sua conexão com outras temáticas mais específicas, chegando até a tratar a “Eficácia da fé frente ao ateísmo” (*Gaudium et Spes*, 21). Assim também atualmente tem se tratado o papel da fé frente a comunicação e às tecnologias. Portanto, a consciência da fé cristã da mulher e do homem tem o direito de tomar decisão livre acerca daquilo que crê, professa e age. Vemos na Sagrada Escritura que a fé é por natureza algo voluntário e que nos atrai para Deus (*Jo 6,44*). Exclui-se assim qualquer tipo de coação e exclusão, sobretudo quando feitas em nome de Deus nas comunidades eclesiais.

Portanto, neste momento a terra vem pedindo com insistência a necessidade de rompermos com círculos viciosos e viciantes gerados por vírus dentro e fora dos sistemas digitais, que literalmente vem adoecendo a humanidade. Isso se consolida ainda mais ao se presenciarem ações irresponsáveis geradas por governos fascistas e autoritários e que, infelizmente, também atuam em comunidades eclesiais, físicas e digitais. Há a necessidade urgente, neste momento pandêmico, de rompermos com os modelos opressores de um patriarcado capitalista, branco, hierárquico, misógino, racista, militarizado e feminicida.

3 | AS MULHERES, AS TECNOLOGIAS E OS NOVOS ESPAÇOS EM TEMPOS ECLESIAIS DE FRANCISCO

E neste tempo de pandemia, a vida de muitas mulheres nas comunidades eclesiais foram tomando novas formas e, por mais difícil que possa parecer às mais vulneráveis, elas se mostram mais dinâmicas e atuantes do que nunca. Com a ajuda de muitos, conseguiram acesso às mídias sociais e com a internet legitimou, de várias formas, um espaço que elas já conheciam, mas que neste momento, aprenderam a lidar com maior destreza. Nasce daí uma nova configuração do trabalho e das convivências em comunidades eclesiais.

Muitas mulheres, se tornam neste momento sujeitos tecnológicos e sociais, tiveram que aprender a buscar novas formas de trabalhar também na Igreja. Das comunidades para as casas, por meio do home-office nasce também o trabalho pastoral em casa. Este, portanto, agora eclesializado e socializado de outra maneira. A igreja passa a ocupar o lugar das casas, e sobretudo com a internet e o advento de novas tecnologias esse espaço é ocupado pela presença do trabalho das mulheres.

Sobre essa perspectiva, a religiosa Joana Puntel, especialista em cultura midiática

e Igreja, há alguns anos vem alertando sobre uma nova ambiência eclesial, pela qual entraríamos em um novo e poderoso território: o da internet. A autora aponta que:

A Internet mostra-se como um grande instrumento de integração pessoas, homens e mulheres, que se aproximam da máquina. Trata-se de uma inter-atividade, pois quem utiliza das redes está sempre mais ligado a um percurso de utilização pré-formulado, ou seja, a informação. Assim também, a Internet nos apresenta como um grande “ponto de força”, eu a o contínuo enriquecimento dos serviços e das troca de experiências”. (PUNTEL.SP. pp 28-29)

Já a teóloga Maria Clara L. Bingemer, em um artigo intitulado “Igreja hoje: do templo para a casa”, disponível em *Ameríndia em la Red*, diz que as pessoas: “em lugar de ir ao templo celebrar com a assembleia reunida, são convidadas a conectar seus computadores ou celulares e a partir dali unir-se sem restrições de fronteiras geográficas, mas ocupando o imenso espaço virtual que a tecnologia hoje abre.”

Portanto, pode-se afirmar que as mulheres estão exercendo a sua força nesse novo espaço onde acontecem as novas relações de poder eclesiais. Pela internet, elas encontram novos significados e valores para as suas vidas e se empoderam ao celebrar e evangelizar conectadas em um ciberespaço produzido pelas tecnologias. Esses espaços ciberteológicos vieram consolidar cada vez mais a territorialidade religiosa e as nossas relações fé-vida.

Nesse sentido, a geógrafa Zeny Rosendhal, diz que o propósito de mostrar a dimensão do lugar simbólico nos remete à noção de lugar sagrado associado necessariamente a um território definido e que o lugar:

é reivindicado, possuído e operado pela comunidade religiosa. E que as relações de poder hierárquico de uma comunidade sobre outra no território resultará em associação, dominação ou exclusão, dependendo das relações de poder e da política estabelecida no lugar. O certo é que a posse do território é seguida de um ritual que simboliza o ato da criação. O território é ocupado e, dessa forma, consagrado, protegido e reconhecido legitimamente pela comunidade.

Assim, especialistas nos apontam indícios que as formas antigas de celebrar a fé poderão não mais voltar totalmente a ser como antes da pandemia, mesmo que alguns setores exijam a presença física nos templos. Teremos uma mescla de sentidos e convivências virtuais, simbólicas e religiosas, que se legitima em uma ocupação diferente de ambientes, nas casas ou nos templos.

Partindo desse pressuposto, outras perguntas podem ser feitas: é possível fazer a experiência de Deus por meio da nova *ambiência* da fé criada pela internet? Qual seria, portanto, o lugar da fé na convivência das mulheres no contexto eclesial dessa virtualidade? Qual é o horizonte teológico e sociopastoral da evangelização na direção da *ciberteologia* ou *ciberpastoral*?

3.1 A ciberteologia, instrumento no exercício pastoral das mulheres

Moisés Sbardelotto, cientista da comunicação religiosa, assinala em entrevista ao IHU - Humanitas, a existência de uma interface entre a mídia e a religião construída no ambiente digital e a sua centralidade fica explícita no conceito da ciberteologia:

Para ele, o conceito tem, como “maior desafio”, “explicitar com clareza reflexiva qual a diferença que o prefixo ‘ciber’ traz à teologia”, porque “do ponto de vista teológico, um primeiro risco é o de pensar Deus e a experiência cristã no tempo da rede a partir do ‘impacto’ e da ‘influência’ dos aparatos tecnológicos e das tecnologias digitais, entendidos como dominação do digital sobre o religioso e o teológico (...)”. (SBARDELOTTO; 2014; pp 1-2)

Para o autor, ao falar de ciberteologia, fica evidente a dimensão ampla da vivência na casa e fora dela, numa casa maior, aquela citada aqui na encíclica do papa Francisco. A partir da compreensão de *oikos* (grego), não restrito ao espaço familiar de um lar, é num espaço maior e amplo de sentido que acontecem as relações políticas, econômicas, culturais e religiosas. Neste sentido, sempre que falamos do mundo doméstico e nas relações familiares, estamos nos referindo também aos recursos sociais, econômicos, tecnológicos e ambientais, espaços multidimensionais, lugares seguros e inseguros, acessíveis ou não, de relações igualitárias e equilibradas, ou não.

Por meio dos significados desses lugares, a partir de etimologias e epistemologias, a ciência teológica tem procurado mostrar o sentido criacional, o valor dos seres humanos em seu *habitat* e o pensar Deus a partir das novas tecnologias e suas relações humanas aí existentes. Esse é o ambiente da Casa Comum para nós em tempos de pandemia, cenário que impõe redes e sinais de alerta, de denúncia e cuidado, no intuito de sobreviver no espaço privado, no espaço público e no espaço virtual.

Para SPADARO, a rede é um novo contexto existencial, não apenas um espaço característico no qual se entra em algum momento para viver online e do qual se sai para adentrar na vida *off-line*, assim a Rede não é na verdade um simples “instrumento” de comunicação que se pode ou não usar, mas evoluiu num espaço, um “ambiente” cultural que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios e novas formas de educação, contribuindo para definir também um novo modo de estimular as inteligências e estreitar os relacionamentos; efetivamente é um modo de habitar o mundo. Esse autor articula o conceito de ciberteologia mostrando que a fé sofre uma influência do ciberespaço, bem como esse lugar tem uma íntima relação com o sagrado e com a teologia. Diz ele:

É necessário considerar a ciberteologia como a inteligência da fé em tempos da rede, isto é a reflexão sobre a “pensabilidade” da fé à luz da lógica da rede. Referimo-nos à reflexão que nasce da pergunta sobre o modo no qual a lógica da rede, com suas potentes metáforas que trabalham o imaginário, além da inteligência, possa modelar a escuta e a leitura da Bíblia, o modo de compreender a Igreja e a comunhão eclesial, a revelação, a liturgia, os sacramentos. (SPADARO., p.17.)

E o Papa Francisco nos seus últimos escritos como na *Laudato Si* tem destacado essa amplitude da fé cristã. Tem destacado uma espiritualidade ecológica onde tem feito reflexões com consistência e insistência para este momento de pandemia em que muitas comunidades estão destroçadas por mortes, mas conectadas espaços digitais que chegam além fronteiras. Na *Fratelli Tutti* FRANCISCO pontua:

Neste mundo que corre sem um rumo comum, respira-se uma atmosfera em que «a distância entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada parece aumentar: até fazer pensar que entre o indivíduo e a comunidade humana já esteja em curso um cisma. (...) A tecnologia regista progressos contínuos, mas «como seria bom se, ao aumento das inovações científicas e tecnológicas, correspondesse também uma equidade e uma inclusão social cada vez maior! Como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor! (FRANCISCO FT. Nos. 29-31)

No âmbito ciberteológico-pandêmico se encontra aí um dos grandes desafios da teologia e das ciências da religião: pensar Deus e estudar as religiões em meio ao avanço tecnológico possibilitando descobrir as necessidades das pessoas e promovendo a inclusão das mulheres nesses espaços efetivos. Paradoxalmente, quanto ao espaço de ilusão da comunicação digital, o pontífice alerta para um momento contraditório:

Na comunicação digital, quer-se mostrar tudo, e cada indivíduo torna-se objeto de olhares que esquadrinham, desnudam e divulgam, muitas vezes anonimamente. Dilui-se o respeito pelo outro e, assim, ao mesmo tempo que o apago, ignoro e mantenho afastado, posso despidoradamente invadir até ao mais recôndito da sua vida. (FRANCISCO. FT. no. 42)

A pandemia trouxe controvérsias e propiciou novas redes de contatos entre as pessoas. É aí que muitas mulheres, líderes nas comunidades conseguiram ser incluídas em esferas até então não conquistadas. Além de gestos presenciais solidários com os mais próximos elas começaram a celebrar a fé cristã também entre pessoas desconhecidas. Este momento trágico da pandemia na nossa história está fazendo com que grupos radicais destilem discursos de ódio nas redes, mas contrariamente a isso muitas pessoas estão buscando dar um novo sentido à sua fé. E as mulheres pelo jeito fraterno que lhes é próprio, nos diversos contextos comunitários em que atuam, com o auxílio da internet aos poucos estão tornando protagonistas de relações entre diferentes. Aí está a fraternidade que possibilita se tornem semelhantes entre diferentes.

O Papa Francisco cita: “Enquanto a solidariedade é o princípio de planejamento social que permite que os desiguais se torne iguais, a fraternidade é aquilo que permite que os iguais sejam pessoas diferentes” (FRANCISCO. FT. 4)

E quanto ao valor da solidariedade que educa e forma pessoas diferentes, ele conclui: “Quero destacar a solidariedade, que «como virtude moral e comportamento social, fruto da conversão pessoal, exige empenho por parte duma multiplicidade de sujeitos que detêm responsabilidades de carácter educativo e formativo. (FRANCISCO. FT. 214)

4 | SOBRE ESPAÇOS E AÇÕES ECLESIAIS TRANSFORMADORAS

O momento pede formação para mudanças de atitudes, dentro e fora das igrejas e, se torna crucial pensar o papel fraterno das mulheres também junto às estruturais hierárquicas, lugares esses que elas têm se demonstrado cada vez habilidosas e competentes para lidar com essas influências digitais.

São nos momentos atuais tristezas e angústias que elas se estabelecem como pessoas autônomas e exercem seus poderes de decisão frente aos acontecimentos e as estruturas eclesiais. Pela via da internet as suas relações são administradas e legitimadas nos espaços virtuais as quais extrapolam aqueles dos altares e templos. Diante de situações trágicas do nosso cotidiano, tristes ou alegres, mulheres lidam de perto com a vida e com a morte e, em tempos da COVID-19, conseguem legitimar novas relações construindo novos laços de poder estabelecidos até fora das suas antigas territorialidades pastorais. Não há mais fronteiras que demarcam espaços físicos, o nosso próximo são os nossos vizinhos conectados pelas nuvens.

Papa Francisco cita:

Jesus propôs esta parábola para responder a uma pergunta: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10, 29). A palavra «próximo» na sociedade do tempo de Jesus costumava indicar a pessoa que está mais vizinha, mais próxima. Pensava-se que a ajuda devia encaminhar-se em primeiro lugar para aqueles que pertencem ao próprio grupo, à própria raça. Para alguns judeus de então, um samaritano era considerado um ser desprezível, impuro, e, por conseguinte, não estava incluído entre o próximo a quem se deveria ajudar. O judeu Jesus transforma completamente esta impostação: não nos convida a interrogar-nos quem é vizinho a nós, mas a tornar-nos nós mesmos vizinhos, próximos. (FRANCISCO. FT 80.)

Estudando sobre as relações de poder nos espaços eclesiais ocupados pelas mulheres na Igreja Católica pode-se notar que em meio à sua condição ministerial de não pertença aos espaços formais e mesmo com destreza com as tecnologias muitas delas não conseguem exercer seu papel com autonomia e dignidade. Esse tema nos chama a atenção já a partir do texto da Conferência de Aparecida, o qual enfoca a dignidade e a participação das mulheres na Igreja quando diz: “As mulheres constituem, geralmente, a maioria de nossas comunidades. São as primeiras transmissoras da fé e colaboradoras dos pastores, os quais devem atendê-las, valorizá-las e respeitá-las.” (DOC. APARECIDA no.450-451)

Paradoxalmente, poderia se pensar que as mulheres exercem suas funções diante de um espaço que é dual e controverso. Isso poderia ser expresso pela atuação de uma maioria informal (mulheres) X minoria formal (homens). Talvez por isso, que em alguns lugares de pertencimento ainda não ocupados pelas mulheres, muitas delas nem mais almejam conquistá-los. Isso por talvez não mais encontrarem sentido lógico para o exercício do seu trabalho. Este que é permeado de “deslocamentos e permutas” de atividades em

função do autoritarismo e clericalismo de alguns assim como pelo não reconhecimento efetivo delas nas tarefas eclesiais e sociais

São as mulheres, como maioria na Igreja, que em muitos casos coordenam pastorais nas comunidades e ali buscam encontrar um sentido realmente cristão, inclusivo e igualitário, frente as iniciativas e decisões nas ações evangelizadoras. Ocupam espaços e estabelecem vínculos permanentes de poder, mostram a sua capacidade e o seu poderio, pois conhecem como ninguém os sofrimentos das pessoas, sejam em espaços reais ou virtuais. Elas vão para além do espaço de poder de padres e bispos. Em meio às comunidades, onde aparece mais a desigualdade social hoje são as mulheres que se sobressaem e são fraternas e facilitadoras pelos ciberespaços. Elas administram as comunidades, deixam os templos, vão às casas, utilizam as tecnologias resolvendo situações. Nesses espaços as mulheres são muito respeitadas, não ocultadas. Porém há sempre grupos que interferem nas discussões e até proíbem suas participações. Foi o que aconteceu no Sínodo da Amazônia, em 2019. Mesmo que o Papa Francisco tenha tentado abrir espaços de discussão quanto a presença das mulheres na Igreja Amazônica, o tema foi ocultado por grupos contrários.

Infelizmente, esse não é um conflito existente apenas na Amazônia. Está visível em muitos lugares das nossas igrejas, principalmente onde surgem novas forças competentes de trabalho que são reconhecidas pela hierarquia em suas territorialidades físicas e virtuais. Em lugares de difícil acesso aos serviços de redes, aprovadas ou não, as mulheres estão tendo que se reinventar para se manter junto às lideranças nas comunidades. Junto às aldeias indígenas, diante do atual cenário político nacional e do rápido contágio da COVID-19, isso é cada vez mais evidente.

Partir da compreensão da experiência das mulheres neste tempos difíceis é dar-lhes voz em um lugar de destaque, de importância e de potência. É descortina-las das opressões cotidianas – colonialistas, racistas, econômicas e misóginas. É mostrar-lhes na prática o não conformismo com a opressão; é um exercício de desconstrução para outras possibilidades.

5 | CONCLUSÃO

Sobre as mulheres galgarem novos espaços em meio a outras possibilidades eclesiais e sociais em tempos de pandemia, na Igreja, pode-se dizer que o Papa Francisco tem dado alguns sinais da necessidade de renovações. Parece que há uma certa credibilidade nessa iminente necessidade, mesmo com o descontentamento de muita gente que predomina nas atuais estruturas ainda patriarcais. Mesmo não se conseguindo ver de forma efetiva renovações eclesiais significativas, alguma coisa tem sido feita de forma tímida pelo atual pontífice. Passos têm sido dados e, com isso alguns direitos tem sido apontados pelo Pontífice quanto a igualdade de gênero:

Por conseguinte, ninguém pode ser excluído; não importa onde tenha nascido, e menos ainda contam os privilégios que outros possam ter porque nasceram em lugares com maiores possibilidades. Os confins e as fronteiras dos Estados não podem impedir que isto se cumpra. Assim, como é inaceitável que uma pessoa tenha menos direitos pelo simples fato de ser mulher, de igual modo é inaceitável que o local de nascimento ou de residência determine, de por si, menores oportunidades de vida digna e de desenvolvimento. (FRANCISCO. FT.121)

Portanto, nunca se discutiu tanto o lugar das mulheres, mas paradoxalmente há neste tempos de pandemia a cruel frequência dos feminicídios e somos ainda as mais violentadas e assassinadas. Vemos na sociedade e na Igreja, neste tempo de pandemia e do Papa Francisco, que em muitos espaços fomos valorizadas, mas em tantos outros somos ainda culpadas e rejeitadas. O atual momento em que a terra grita por vida e solidariedade, ocorrem sinais claros de buscas por se reverter situações ainda existentes, mas inaceitáveis.

Nesse sentido, os ciberespaços teológicos utilizados largamente pelas mulheres nas comunidades eclesiais estão abrindo brechas para as suas visibilidades, para suas lutas e para a demonstração do seu papel fundamental junto aos ambientes até então desconhecidos. Aí surgem oportunidades e novas perspectivas de contatos nas esferas eclesiais o que poderá abrir espaços para a renovação de estruturas eclesiais, mesmo que venham a desalojar pessoas de funções viciadas.

Este longo tempo de pandemia o qual perduram fragilidades humanas e evidenciam muitas injustiças, os sujeitos foram desalojados de funções tradicionais, mas também apareceram novas oportunidades de ocupação de espaços pelas mulheres, entre eles os *ciberespaços teológicos*. É aí que muitas mulheres têm encontrado autonomia e têm sido mais reconhecidas. Elas aí têm ganhado respeito e procurado viver a sua fé com um sentido cristão mais autêntico. Ocupando novos lugares sociais, culturais e religiosos apontam para um novo *locus teológico* de vanguarda, oriundo das relações de poder geradas pelos ciberespaços nas pastorais. Com certeza, o Papa Francisco tem sinalizado a necessidade de mudanças e mostrado possibilidades reais de renovação eclesial, esta que deverá se apropriar de novos espaços e poderes, pois é um caminho sem volta.

REFERÊNCIAS

Livros

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Editora Paulus, 2005

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium es Spes*. São Paulo: Editora Paulinas, 15ªed, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB/Paulus/Paulinas. 2007

CELAM. Compêndio da Conferência de Aparecida. São Paulo: Editora Paulus, 2007

PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Editora Paulus, 2020

_____. Carta Encíclica *Laudato Si*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Editora Paulinas, 2020

SBARDELOTTO, Moisés. E o verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Editora Paulinas, 2017.

_____. *E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosa na internet*. S. Paulo: Editora Santuário. 2012.

SPADARO, Antonio. Ciberteologia: Pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Editora Paulinas. 2012.

Artigos eletrônicos

BINGEMER, Maria Clara L. Igreja hoje: do templo para a casa". Disponível: <https://amerindiaenlared.org/publicaciones/0/>. Acesso: 04Mai, 2021.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade. Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/territorio-%20territorialidade-religia%CC%83o.pdf>. Acesso: 03Mai, 2021

_____. O virtual é Real. UNISINOS. Disponível: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/533947-como-pensar-e-viver-deus-na-cultura-digital-entrevista-especial-com-mois-es-sbardelotto>. Acesso: 14Jun, 2021

O PARADOXO JESUS NA COMUNICAÇÃO E NA LITERATURA

Data de aceite: 01/09/2022

Boanerges Balbino Lopes Filho

<http://lattes.cnpq.br/7220002011770409>

RESUMO: No Século XXI, 2,2 bilhões¹ de pessoas pelo mundo ainda seguem a figura central do cristianismo: Jesus Cristo. Mais de 78 milhões de exemplares da Bíblia - mito fundador da civilização ocidental - são produzidos anualmente. Pelas obras de jornalistas e escritores como Arias, Betto, Mailer e Pimentel, entre outros, a personagem permanece central na vida contemporânea. De lado os escritos devocionais, é na mescla da literatura com a comunicação que este ensaio busca desabrochar e fomentar reflexões críticas a partir de contrapontos autorais com ênfase nas narrativas, na linguagem, no diálogo e na verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Paradoxo; Jesus; Personagem; Comunicação e Literatura; Narrativas.

LA PARADOJA DE JESÚS EN LA COMUNICACIÓN Y LA LITERATURA

RESUMEN: En pleno siglo XXI, 2.200 millones de personas en todo el mundo aún siguen a la figura central del cristianismo: Jesucristo. Anualmente se producen más de 78 millones de copias de la Biblia, el mito fundacional de la civilización occidental. A través de la obra de periodistas y escritores como Arias, Betto, Mailer y Pimentel, entre otros, el personaje sigue siendo central

en la vida contemporánea. Dejando a un lado la escritura devocional, es en la mezcla de literatura y comunicación que este ensayo busca florecer y fomentar reflexiones críticas desde contrapuntos autorales con énfasis en narrativas, lenguaje, diálogo y verdad.

PALABRAS LLAVE: Paradoja; Jesús; Personaje; Comunicación y Literatura; narrativas.

THE JESUS PARADOX IN COMMUNICATION AND LITERATURE

ABSTRACT: In the 21st century, 2.2 billion people around the world still follow the central figure of Christianity: Jesus Christ. More than 78 million copies of the Bible - the founding myth of Western civilization - are produced annually. Through the works of journalists and writers such as Arias, Betto, Mailer and Pimentel, among others, the character remains central to contemporary life. Devotional writing aside, it is in the mix of literature and communication that this essay seeks to blossom and foster critical reflections from authorial counterpoints with an emphasis on narratives, language, dialogue and truth.

KEYWORDS: Paradox; Jesus; Character; Communication and Literature; narratives.

¹ As religiões no mundo. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/as-religoes-no-mundo.htm>

1 | INTRODUÇÃO

Na tradição judaica,
todo leitor é um revisor de originais,
todo aluno um crítico e todo escritor,
inclusive o Autor do universo, incorre
em grande número de questões.

Amóz Oz e Fania Oz-Salzberger

Estou viajando ao encontro do meu destino
no ventre de um paradoxo

Thomas Merton

Quase 30 anos depois que começou a pesquisa para o livro “O julgamento de Jesus”, terminada em 2005, o jornalista Gordon Thomas, Reforça uma polêmica que decorre pelos séculos. Não à toa inicia a obra com o diálogo entre Jesus e seus discípulos a partir de uma entre tantas perguntas que são feitas por conta do reduzido consenso a respeito da identidade do enigmático pregador da Galileia: “Quem os homens dizem que eu sou?” Ao que respondem: “Alguns dizem que é João Batista; outros, Elias....ou um dos profetas”. A indefinição permanece em pleno século XXI. Torna-se mola mestra que instiga a reflexão inicial. Os preceitos lembrados por Oz e Oz-Salzberguer (2015, p.9) no que tange a ideia especulativa, crua e algumas vezes brincalhona de dizer algo um “pouco novo” sobre um tema de imenso pedigree, a despeito da base científica estabelecida, dão a perceber que há algo no texto de enfoque pessoal a respeito de parte da trajetória essencial de uma personagem marcante da história da Humanidade. Ressalte-se, no entanto, que não houve qualquer tentativa de abranger a gama – por questões que envolvem espaço obviamente – da literatura conhecida e, possivelmente, ainda desconhecida para alguns sobre o tema. Claro que há sempre o risco de resvalar na repetição ou até na banalidade se tomarmos como referência as palavras de Sabino (1994) quando registra que milhares já escreveram sobre Jesus ao longo dos tempos. O escritor mineiro cita João, supostamente autor de um dos evangelhos, para ilustrar que se fossem compilados todos os atos que Jesus praticou, o mundo não comportaria a quantidade de livros a serem escritos. Sabino chama a atenção para o dado de que apenas no século XIX foram publicados mais de 60 mil livros a seu respeito (SABINO, 1994).

Pode-se afirmar que como gênero ensaístico é possível que as reflexões aqui contidas ofereçam discussões, ora um pouco mais densas, ora panorâmicas, em tópicos. Mas, não é possível negar que como tal, a linha tênue é algo que assombra, pois é inegável que o conteúdo se configurou por uma propensa leitura seletiva, viés – parcialmente - pessoal e até uma posição “arrogante” que pode ter resvalado na pretensão à generalização. O que suscita a clareza e transparência da inteira responsabilidade do autor caso lacunas e deficiências sejam detectadas. A complexidade de lidar com o tema não deixa de ser justificativa para determinadas dificuldades encontradas. Por isso, são bem-vindas e

observadas com atenção as palavras de Arias (2001) ao destacar que o grande paradoxo do judeu Jesus de Nazaré é tratar-se de um personagem sobre o qual mal sabemos se existiu, mas que, ao mesmo tempo, influenciou como nenhum outro a vida no Ocidente e de parte do Oriente. Segundo o jornalista e escritor, lidar com a personagem Jesus exige uma condição que vai além, a ponto de haver um antes e depois dele, o que o faz representar um marco divisor na história do mundo e que o mantém “vivo” e controvertido na aventura contemporânea deste terceiro milênio (ARIAS, 2001, p.13). De qualquer maneira, buscou-se para a constituição do texto tanto no bojo autoral quanto em relação aos pesquisadores referenciados, senão todos, alguns dos princípios da modalidade que envolve a comunicação literária, destacados por estudiosos como Sims (1995), Pereira Lima (2008) e Pena (2006): exatidão e precisão, humanização, universalização temática, estilo próprio e voz autoral, imersão, simbolismo, criatividade e responsabilidade ética. Bem como, parte da inspiração motivadora da busca refletida no texto, vem de Meier (1996), ao apontar que no estudo sobre Jesus, o debate não significa apenas que alguém é um intelectual gregário que adora uma boa batalha. Mas sim que o “debate é essencial se quisermos que a investigação sobre Jesus continue sendo um esforço acadêmico honesto. Ele é essencial (o debate) para impedir que autores enveredem por mundos de fantasia de sua própria invenção” (MEIER, 1996, p.12). Reforço, neste sentido, é dado por Schommer (2016) quando se manifesta pelo “campo do sensível” e por expressões originais de Karl Popper, como “conjectura” e “verdade falseável”².

Encruzilhadas, dilemas e paradoxos sempre existiram ao longo da história do pensamento. Ao posicionar a palavra paradoxo no título e relacioná-la a uma personagem e a comunicação literária, é envolvida a proposição de Eagleton (2013), que ao tratar das personagens literárias no capítulo “Personagem”, do livro “Como ler literatura”, reflete sobre a efetividade do caráter literário de uma obra ao encarar as personagens como pessoas reais. De acordo com Eagleton, o leitor deixa de considerar o aspecto literário da obra, o que leva a um paradoxo. Segundo Tordella Santoro (2015), jornalista e doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, sustenta-se a ideia de que o teor literário de uma obra de comunicação é determinado precisamente pelo uso de personagens (reais, mas construídos com estratégias que se assemelham àquelas utilizadas em obras de ficção), entre outros recursos. Enfatiza que produções intelectuais perdem o caráter literário quando as personagens são tratadas como seres reais, em que a construção de sentido do leitor sobre a obra dependesse, em algum grau, da certeza de que as personagens são, de fato seres de ficção. Ou seja, o oposto do que alguém pensa ser a verdade ou o

2 Segundo Schommer, pelo que pôde ser observado com os sentidos, mesmo contando com a ajuda de instrumentos (...) não é, no atual estágio da ciência, uma “verdade falseável”, expressão de Karl Popper, ou seja, não pode ser submetida a teste. Para o autor, talvez um dia seja possível “encontrar esse sujeito além do tempo e da vastidão do universo e perguntar a ele se prefere ser chamado de Acaso ou de Deus (...) ou concluímos diante dele não conseguir se expressar em linguagem reconhecível, de comum acordo, pela hipótese do Tao, ou seja, pelo ser incognoscível, “embora logicamente existente, segundo o Tao Te Ching” (SCHOMMER, 2016, p.15).

contradito a uma opinião admitida como válida define um paradoxo³ pois consiste em uma ideia incrível, contrária do que se espera (TABORDA SANTORO, 2015, p.281). E nos deixa uma instigante provocação: É inadequado, então, afirmar que o jornalismo literário pode ser caracterizado a partir da inserção de personagens que se aproximam das personagens literárias?

2 | O PARADOXO DE SER OU NÃO SER

O paradoxo, argumenta Chesterton (2018), é o coração pulsante do evangelho. Portanto, não é difícil localizar situações paradoxais em páginas da Bíblia. Breves exemplos: como o sol que ficou imóvel nos dias de Josué; a escolha de Abraão para ser o pai de uma grande nação, mesmo sendo sua esposa estéril; o dilúvio nos dias de Noé quando não se via notícias de chuva etc⁴. É o próprio Chesterton que questiona, ao se perguntar se o cristianismo não seria, de fato, todos esses “vícios” de uma só vez: pessimista e otimista, corajoso e manso, ascético e mundano? E polemiza: “Em outras palavras, seria a única falha do cristianismo a sua hospitalidade ao paradoxo?” Pollock Michel (2019) afirma que o paradoxo inevitavelmente oferece estes dois convites: à curiosidade e à humildade. Ela diz que o cristianismo é excepcionalmente hospitaleiro ao paradoxo:

Parece que Deus tem uma espécie de preferência pelo paradoxo — que dada a escolha entre “ou um” e “ou outro”, Deus frequentemente escolhe o “e”. O paradoxo é, claramente, o modo pelo qual podemos avaliar corretamente, não apenas a nossa natureza, mas a de Deus: ele é imanente e transcendente, misericordioso e justo, misterioso e passível de conhecimento. Na pessoa de Jesus Cristo, o grande EU SOU se tornou o grande EU “E” (n.t. trocadilho no inglês de “I AM” com “I AND”), não moderando nem sua divindade nem sua humanidade, mas cobrindo-se com o que nos parece ser (...) a importância do paradoxo não é o desdenhar de modo ambivalente como a pós-modernidade, que descarta a capacidade humana por qualquer conhecimento objetivo. Ao invés disso, o paradoxo fornece uma categoria para um tipo diferente de certeza: “de verdades que não são coesas logicamente”. Em vez de evitar reivindicações quanto à verdade, o paradoxo é um mecanismo para afirmar que a verdade, embora passível de ser conhecida, ainda pode permanecer misteriosa e até mesmo além do alcance da razão (...) quando trazemos à luz a tensão do paradoxo nas Escrituras, devemos nos mover em direção a ele com expectativa, e não nos afastarmos com medo. Seremos deixados em um estado de tensão, complexidade e mistério (POLLOCK MICHEL, 2019)

A vida de Jesus foi paradoxal. O que é sabido sobre Deus, encarnado⁵ em Jesus

3 Do latim (paradoxum) e do grego (paradoxos), também pode representar a ausência de nexos ou lógica em determinadas circunstâncias. O prefixo “para” quer dizer “contrário a”, ou “oposto de”, e o sufixo “doxa” quer dizer “opinião, juízo”. Algo que parece contrário ao senso comum, mas que se mostra verdadeiro pelos seus resultados. Um paradoxo é o contrário daquilo que muitos acham que deveria ser o correto. DORNELLES, Diógenes. Os Paradoxos de Cristo, 9/12/2016. Portal Estudos Doutrinários. Disponível em: <https://estudos-doutrinarios.webnode.com/!os-paradoxos-de-cristo/>

4 Disponível em: <http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/biblia.pdf>

5 Encarnação é uma das palavras-chaves fundamentais das Boas Novas e, portanto, da doutrina cristã. A Igreja chama encarnação de mistério da admirável união da natureza divina e da natureza humana na única pessoa divina do Verbo.

Cristo, é paradoxal: Ele é o Deus Todo-Poderoso e uma pessoa; a fonte de toda a vida e a morte em uma cruz. Segundo os evangelhos, as pregações estão cheias de paradoxos. O exemplo clássico é o do sermão da montanha: “Bem-aventurados os que choram porque serão consolados. Se qualquer te ferir na face direita, volta-lhe também a outra. Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos. O que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado”.⁶

Ao se buscar detalhes paradoxais em Jesus, não há como se furta da ênfase a Inácio de Antioquia⁷, que em suas cartas propõe uma série de aparentes contradições envolvendo Jesus. Como diz Le Donne (2019), algumas questões surgem a partir de Inácio: Como é possível alguém ser criado e incriado? Como pode alguém achar a vida verdadeira na morte? Inácio lista, de acordo com Le Donne, uma série de paradoxos que são possíveis apenas em Jesus. E o apresenta como um mistério no qual o impossível se torna possível. Em sua Carta aos Efésios, propõe a metáfora do “Cristo médico” com o qual estabelece um contraste: os ensinamentos corretos de Jesus curam, enquanto os falsos ensinamentos ferem. Destacam-se outros:

Ao mesmo tempo carne e espírito, criado e incriado, Deus no ser humano, vida verdadeira na morte, vindo tanto de Maria como de Deus: primeiramente, submetido a sofrimentos e, depois, livre e acima deles. Diante de suas explosões de cólera, vós sereis mansos; diante de sua presunção, sereis humildes; diante de suas blasfêmias, oferecereis orações, diante dos erros deles, manter-vos-eis firmes na fé, diante de sua selvageria, sereis pacíficos, sem procurar imitá-los. (Inácio aos Efésios, 10:2).

Elementos dessa ideia continuaram a existir em teologias mais sólidas em períodos subsequentes. A Igreja concluiria — após séculos de controvérsias — que Jesus foi ao mesmo tempo carne e espírito, nascido de Maria e de Deus. A visão dos fatos de Inácio é importante porque demonstra a precocidade com que, na existência da Igreja, essas ideias contrapostas sobre Jesus apareceram (LE DONNE, 2019, p.85).

Faz-se necessário, a seguir, contextualização com projeções numéricas que permitem dar conta dimensional do objeto estudado e refletido, e sua possível condição complexa. Por conseguinte, permite avançarmos no debate que ora se apresenta. Nos últimos 120 anos houve variação na porcentagem do mundo dito cristão. A parte cristã

A natureza humana e a natureza divina em Jesus Cristo, isso é Encarnação. O Verbo, a Palavra de Deus, o Filho de Deus se encarna, pois assumiu a natureza humana. O que significa a palavra encarnação? 27/11/2015. Disponível em: <https://www.folhadonoroste.com.br/colunas/o-que-significa-a-palavra-encarnacao/>

6 O Sermão da Montanha: um convite à gratuidade e à confiança. Entrevista especial com Elian Cuvillier. 23/12/2015. Portal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/550210--deus-reina-para-aqueles-que-nao-se-bastam-sozinhos-entrevista-especial-com-elian-cuvillier#>

7 Bispo de Alexandria, por volta do ano 69, supostamente apóstolo de Pedro, que de passagem fundou a Igreja naquela cidade. Inácio converteu-se ao cristianismo em idade avançada vindo de uma família pagã, não romana, graças à pregação de São João Evangelista. Durante seu episcopado, começou a terrível perseguição do imperador Trajano, da qual também o Bispo foi vítima, por não querer negar à sua fé em Cristo. Por isso, foi preso e transportado acorrentado para Roma. Conhecido no catolicismo como Santo Inácio, ele escreveu sete cartas já preso, a caminho de Roma: Epístola a Policarpo de Esmirna, Epístola aos Efésios, Epístola aos Esmirniotas, Epístola aos Filadélfos, Epístola aos Magnésios, Epístola aos Romanos, Epístola aos Tralianos. Nenhuma incluída no Novo Testamento. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/10/17/s--inacio-de-antioquia--bispo--martir-em-roma.html>

da população mundial representa em média cerca de 33% da humanidade nos últimos cem anos, o que significa que uma em cada três pessoas no mundo são cristãs⁸. Se em 1900, o cristianismo correspondia a 34,5% da população mundial, chegou a 2020 com 32,3%. Dividida por continentes, demonstra-se: América do Norte: 268 milhões; Europa: 565 milhões; Ásia: 379 milhões; América Latina: 612 milhões; África: 667 milhões; Oceania: 28 milhões. Se projetada de acordo com uma distribuição, os dados constataam: Norte/Sul: 1900: 82% de todos os cristãos em Norte global; 18% de todos os cristãos em Sul global; 2020: 33% de todos os cristãos em Norte global; 67% de todos os cristãos em Sul global⁹. Na realidade brasileira, não é muito diferente. Pesquisa Datafolha publicada em 13/1/2020, pelo jornal Folha de S.Paulo aponta que 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos, e 10% não têm religião. Ainda de acordo com o levantamento, as mulheres representam 58% dos evangélicos e são 51% entre os católicos¹⁰.

A diminuição populacional cristã e seu redimensionamento geográfico, entre outros aspectos, estão atrelados há um outro fator intrínseco: a violência que permanece envolvendo seguidores do cristianismo. Todos os dias, 13 cristãos no mundo são mortos por causa de sua fé. Todos os dias, 12 templos ou edificações cristãos são atacados. E todos os dias, 12 cristãos são injustamente detidos ou presos, e outros cinco são sequestrados. As nações listadas somam 309 milhões de cristãos que vivem em lugares com níveis de perseguição muito altos ou extremos. É o que relata a Lista Mundial da Perseguição 2021¹¹, último relatório anual da missão Portas Abertas sobre os 50 principais países em que os adeptos são os mais perseguidos por seguir a Jesus. Estima-se que no último ano o número de cristãos mortos foi de 4.761 (uma média de 13 por dia). Há mais de 340 milhões de cristãos no mundo, cerca de um em cada oito sofrem um alto nível de perseguição e discriminação, fenômeno que para 309 milhões desses fiéis se torna até “extremo” em 50 países. A denúncia é do relatório anual da ONG Open Doors.¹²

3 | BÍBLIA, JESUS E LITERATURA. TUDO A VER?

O livro mais lido e vendido em todo o mundo é a Bíblia Sagrada. De acordo com o Livro Guinness dos Recordes, a Bíblia tem mais de cinco bilhões de cópias comercializadas. A Sociedade Bíblica do Brasil projeta que ela foi traduzida para quase três mil idiomas

8 A religião cristã tem três vertentes principais: o Catolicismo Romano (subordinado ao bispo romano), a Ortodoxia Oriental (se dividiu da Igreja Católica em 1054 após o Grande Cisma) e o Protestantismo (que surgiu durante a Reforma do século XVI). O protestantismo é dividido em grupos menores chamados de denominações. Portal Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cristao/>

9 3ª edição da Enciclopédia Cristã Mundial (World Christian Encyclopedia). Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia-pt-br/agl-pt-br/2021-03-pt-br/o-cristianismo-esta-encolhendo-ou-deslocando-se>

10 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>

11 Lista Mundial da Perseguição 2021- Disponível em: <https://portasabertas.org.br/lista-mundial/mapa-mundial-perseguido>

12 Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2021-01/perseguido-cristaos-coronavirus-relatorio-2021.html>

e ocupa o primeiro lugar do ranking há mais de 50 anos. Segundo Pimentel (2018) em “Jesus, uma reportagem”, mais de 78 milhões de exemplares das Bíblias são produzidas anualmente. Estima-se que mais de 3,9 bilhões de exemplares tenham sido vendidos no mundo até 2020.¹³

Na opinião de Anderson de Oliveira Lima, Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, “a Bíblia como literatura” se popularizou nas últimas décadas e deu nome a vários livros no Brasil e no exterior.¹⁴ Para o pesquisador, ela supostamente define uma prática de leitura bíblica contemporânea, mais próxima dos hábitos preferidos pelos críticos e teóricos da literatura, e se apresenta como uma nova proposta em relação àquelas práticas mais tradicionais comumente empregadas por leitores religiosos ou exegetas. O professor e crítico literário Harold Bloom, autor de *O cânone ocidental* (1995), considera a própria Bíblia, texto sagrado tanto do Judaísmo (se considerarmos apenas o Antigo Testamento) quanto do Cristianismo, como uma riquíssima e complexa obra literária.

Por outro lado, muitos ficam chocados ainda quando descobrem que livros bíblicos, considerados como históricos, na verdade são narrativas míticas contando as origens maravilhosas do povo de Israel. De acordo com Schlaepfer; Orofino; Mazzarolo (2004), a história presente na Bíblia não veio de livros didáticos:

Surgiu nas rodas de conversa, à noite, ao pé do fogo, relembrando os feitos antigos de gente que lutou pela liberdade do povo. Nestas rodas não importavam tanto as datas precisas, mesmo porque o calendário naquela época não era muito preciso. O mais importante era que os feitos mais importantes fossem transmitidos de geração em geração, para que não se perdesse a memória dos fatos e dos personagens antigos. A grande preocupação do povo de Deus era a fidelidade a Deus e aos antepassados chamados por Deus. (SCHLAEPFER; OROFINO; MAZZAROLO, 2004, P. 31)

Ao mergulhar nas escrituras que foram aprovadas pela Igreja e viraram o Novo Testamento assim como nos evangelhos proibidos, e escutar as fontes científicas sobre os feitos e ditos, além de abordar historiadores e suas obras, Pimentel (2018) tentou remontar o que denominou como quebra-cabeças sobre quem foi Jesus de “verdade” a partir de “peças do tabuleiro”, e não apenas pelo recorte mais conveniente à Igreja ou à Ciência. Afirma que não chegou à “Verdade” ao final da apuração e que nem foi esse o objetivo final, algo que acredita ser inatingível. No entanto, ressalta o jornalista, que na condução do livro percebeu muitas vezes que ela se apresentava de forma mais torta possível. Inclusive com personagens completamente desmistificados e mundanos, repletos de falhas, medos,

13 Saiba quais são os livros mais lidos do mundo. 21.01.2020. Disponível em: <https://blog.saraiva.com.br/livros-mais-lidos-do-mundo/>

14 No Brasil, ainda que a produção seja bem mais modesta, algumas editoras têm se empenhado na tradução e publicação de títulos como esses. Para citar alguns poucos exemplos, temos da Editora Loyola *A Bíblia como Literatura*, de John Gabel e Charles Wheeler, em 2003; e *Leia a Bíblia como Literatura*, de Cássio Murilo Dias da Silva, em 2007. A Editora Vozes também publicou o seu *A Bíblia como Literatura*, mas de José Pedro Tosaus Abadía, em 2000. *A Bíblia como literatura – A Bíblia como ficção - Estudos de Religião*, v. 29, n. 1 • 153-168 • jan.-jun. 2015 • ISSN Impresso: 0103-801X – Eletrônico: 2176-1078. Disponível em: <https://bit.ly/3zOwNgO>

sentimentos e influências do meio.

No decorrer de toda a trajetória do livro fui quebrando algumas crenças e construindo novas. As evidências mostram que ele não nasceu em Belém nem no dia 25 de dezembro do ano zero, mas possivelmente quatro anos antes e em Nazaré. Que os quatro evangelhos não foram escritos pelos atribuídos autores, Mateus, Marcos, Lucas e João. Que a Igreja construiu meio que sem querer a maior peça de propaganda da história mundial ao escolher os livros que entrariam no Novo Testamento, e que não fez um bom trabalho de destruição dos 'evangelhos proibidos'. E que os cientistas podem duvidar dos milagres atribuídos a Jesus, mas não conseguem explicar alguns em que as evidências perduram até hoje. É uma tentativa de retratar minimamente à altura um ser humano que, em um dos períodos mais hostis e violentos da humanidade, trouxe e conseguiu espalhar a mensagem de paz e amorosa, e que deixou como legado a mensagem de, creia ou não, a morte Dele como ser humano e sua ressurreição como Filho de Deus mostra que tudo o que praticamos na Terra segue reverberando após o que acreditamos ser o ato final – aquele que batizamos de morte (PIMENTEL, 2018, p. 16-17)

Interessante o posicionamento de Necchi (2007) neste momento da reflexão pois para ele a literatura é, talvez, o meio mais profuso da palavra. Um instrumento com o qual ela, a palavra, institui verdades e inverdades – por vezes fazendo com que uma torne-se a outra. Afirma ele, em artigo intitulado “A (im)pertinência da denominação ‘jornalismo literário’”:

Assim, baseada na liberdade literária de criação, trabalho, respostas absolutas e nem resposta alguma, pretende, isso sim, levantar questões que acareiem o que é crença absoluta com o que poderia ser, ou seja: tratamento literário dispensado a tais verdades; conjeturar sobre crenças que podem parecer (ser) credíves e/ou vice-versa (NECCHI, 2007).

E provoca: será que não ratificamos a desconstrução da perfeição divina na literatura? Moiana (2006), ao estudar a obra “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”, do escritor português José Saramago, uma fonte vasta de inquietantes questões, se alinha à problematização:

A literatura humaniza o Divino ou diviniza o homem? Os textos bíblicos são ditames santos ou literatura santificada? Seria a palavra responsável por tudo o que é tido como real/certo, ficcional/incerto? Esta obra saramaguiana nos faz pensar na veracidade do que lemos, muitos escritos proclamados como verdades absolutas, na aceitação de atitudes ou na falta delas e em nós como um todo com quantidade expressiva de uma fé que nem questionamos como ou por quê. (MOIANA, 2006)

Pode-se ponderar que na atualidade conhece-se melhor o contexto histórico e literário em que viveu Jesus e em que os evangelhos foram escritos. Tanto que, numa breve análise cronológica a partir do início do século XIX, em que os modernos métodos da ciência hiper-críticos aplicados na ocasião aos textos evangélicos relacionados a uma investigação sobre Jesus em etapas, foram aos poucos substituídos com base na superação dos preconceitos e, já no século XX, a situação se modifica, de maneira

mais positiva e aberta. As pesquisas avançaram para uma familiaridade com a literatura intertestamentária - obras do mundo judeu, contemporâneas de Jesus e dos evangelistas (os comentários de livros bíblicos e as traduções do aramaico, os textos de Qumran, a literatura rabínica etc.) -, também permitiram ilustrar, verificar e compreender com maior profundidade os relatos evangélicos e a imagem de Jesus naquele tempo. Escritos apócrifos foram analisados e serviram para rever tradições e contextualizar melhor as afirmações contidas nos evangelhos. Também se incorporaram à investigação sobre Jesus alguns achados arqueológicos, especialmente os que provêm das escavações na região da Galileia. Outras fontes provenientes do mundo greco-romano proporcionaram melhores conhecimentos das influências de caráter helenístico na Galileia em que viveu Jesus e, portanto, do contato dessa região da Palestina com estruturas culturais do mundo grego. E uma maior compreensão das fontes juntou-se o emprego de novos métodos e aproximações exegéticas (literárias, canônicas etc.), que auxiliaram a superar as limitações e a rigidez de épocas anteriores (MOIANA, 2006).

Mas a história de Jesus que viveu na Palestina nos tempos de Herodes, Pilatos e Caifás é mais complexa do que se imagina. Tanto que Betto (2015), ao tratar da “figura enigmática” que afirma ser originária de Nazaré - aldeia palestinese obscura, ignorada pelo Antigo Testamento -, o define como líder de um grupo dissidente do judaísmo, pregador ambulante e que tem gerado diferentes perfis dependendo das concepções de cada escritor: do revolucionário (Samuel George Frederick Brandon) ao libertador (Leonardo Boff e Jon Sobrino); de mago (Morton Smith) a carismático (Geerd Theissen); de rabino (Bruce Chilton) a proto-fariseu (John Fox); de profeta escatológico (Bernie Sanders) a fundador de uma igreja (Joseph Ratzinger). Jornalista e editor, Emediato (2019) escreve ao prefaciar a obra “Jesus, a verdadeira história” que enquanto não se descobrirem mais documentos, o período e a personagem ficarão envolvidos em algum mistério. Constatação que se assemelha ao que ressalta Arias (2001):

As provas históricas da existência de Jesus de Nazaré em fontes com alguma credibilidade científica fora do âmbito religioso-cristão são, sem dúvida, quase inexistentes. E, mesmo essas poucas têm sua autenticidade questionada. Por isso, muitos chegaram a duvidar abertamente que o profeta de Nazaré tivesse existido. (ARIAS, 2001, p.30)

No entanto, o autor destaca que é preciso observar cada momento histórico pois determinada época tem uma forma de transmitir os fatos. Indica de maneira enfática que não é justo julgar com critérios modernos o método usado por historiadores de dois mil anos atrás. Acrescenta que quanto menos rigoroso for o conceito de história e de crítica literária, mais fácil será manipular e fantasiar a história, cercada de mentiras e manipulações, justamente pelo fato de em várias ocasiões ter sido escrita pelos vencedores e nunca pelos vencidos. Bem como pelos homens e quase nunca pelas mulheres.

4 | PONDERAÇÕES FINAIS: QUAL É A VERDADE?

Importante reiterar que apesar de hoje em dia haver “consenso”¹⁵ quanto à existência histórica de Jesus, muito pouco, quase nada, se pode saber a respeito dele e sua vida, além do que relatam as narrativas que constituem os testemunhos literários e escassos registros históricos e jornalísticos que fundam sua historicidade. Após ter vivido durante três anos em Jerusalém, Alvarez (2018), percorreu os mesmos lugares que supostamente Jesus transitou e, compilou de pesquisas em fontes recentes a documentos antigos, incluindo pergaminhos que os primeiros bispos da igreja tentaram apagar na fogueira, e reconhece:

Não há verdade quando a gente fala de um acontecimento de há dois mil anos. Há possibilidades, há hipóteses mais prováveis do que outras. Por exemplo, que Jesus tenha sido seguidor de João Baptista e tenha convivido com os essênios e que venha daí a filosofia do começo do Cristianismo. Essa é uma hipótese muito possível. Agora certezas há muito poucas. Jesus existiu? Claro! Já tentaram negar isso, mas não é possível. Há registros históricos não-cristãos que comprovam a existência de Jesus. A verdade é extremamente particular e subjetiva. (ALVAREZ, 2018)

Alvarez diz que para muitos não há vantagem histórica entre os Evangelhos e alguns outros textos. Apenas foi uma escolha feita pelos homens que mandavam na Igreja no momento em que se fez essa escolha. No entendimento do autor essa foi a verdade escolhida, não necessariamente a verdade. Não é que o texto encontrado agora seja o verdadeiro. Mas ele traz outra verdade — ou fragmentos do que pode ter sido a verdade, enfatiza. Cita que os Evangelhos estão cheios de contradições: “Por exemplo, pelos Evangelhos Jesus pode ter morrido com 33 anos ou com 48. Qual é a verdade?”

O jornalista e escritor deixa claro também um dilema: a possibilidade de conjunção e distinção entre a comunicação e a literatura ao esclarecer que, por exemplo, o critério jornalístico entra com muita força quando pesquisa e realiza uma apuração. Normalmente longa, destaca, para escrever um livro. Depois disso - garante -, e o tempo todo, tem o escritor. “O escritor é diferente do jornalista nesse sentido. O escritor busca uma profundidade, um texto de fôlego, um texto que conta uma história profunda, que é envolvente por si só, porque a história de Jesus é maravilhosa. Então, existe o tempo todo o diálogo entre o critério jornalístico e o estilo literário, a forma de escrever, que é o que eu busco” (ALVAREZ, 2018).

Há uma outra questão que se soma às dificuldades e permeia as discussões

¹⁵ Pfützner (2019) diz que o fato é que Jesus Cristo é uma personagem que sempre instigou o imaginário popular. Assim alguns o consideram uma personagem fictícia; outros acreditam que tenha existido, mas que foi um homem comum ou um líder popular; outros ainda se demonstram convictos da natureza sobre-humana de Jesus: o messias. As diversas hipóteses sobre a origem da personagem cristã, inclusive deram origem a uma área de estudo específica na Teologia: a Cristologia, que tenta, justamente, compreender que foi Jesus.

A existência de Jesus Cristo não é apenas uma questão de fé, mas de ciência. Ao menos é o que diz a maioria dos historiadores, que considera um consenso que a figura central do cristianismo, de fato, existiu em carne e osso. A questão é que o personagem histórico estudado pelos acadêmicos difere em vários aspectos daquele retratado pela Bíblia e outros registros. Portal Revista Veja, 30/11/2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/oito-duvidas-sobre-jesus-cristo-ja-respondidas-pela-ciencia/>

observadas recentemente. Segundo Alt (2018), do ponto de vista científico, é incontestável que a língua materna de Jesus era o aramaico. Portanto, argumenta, a tradução das palavras, das parábolas e dos atos ao serem transpostos para outros idiomas – como o grego e o hebraico, por exemplo – não significam apenas uma transposição para outro idioma, mas também para outro mundo intelectual. E, com isso, questiona: como é possível permanecer nas palavras de Jesus se elas foram traduzidas de modo errôneo e as igrejas insistem em traduções dogmáticas?

Pode-se ponderar que a comunicação e mais especificamente o jornalismo literário, mesmo observando suas condições modeladoras, gozam de uma peculiar liberdade, concedida pela arte poética enquanto expressão criadora humana e ao mesmo tempo mediadora original da história e da cultura de um período, de uma época. Ao não se permitir ser absolvido do rigor científico, mas não deixar de ir além, pode transitar pelos campos da razão e do sagrado sem necessariamente entregar-se a nenhum deles, e assim proporcionar um interessante diálogo entre eles, ao inferir com rigor, mas sem preconceitos, obras (ditas) comunicacionais e ficcionais no segmento religioso. Observar esse movimento do fazer comunicacional/jornalístico e literário dentro do universo religioso, tendo como foco o contexto do Cristianismo e, mais especificamente, a personagem Jesus, relida e recriada é um enorme desafio. Tanto que permanecem muito mais perguntas do que respostas. Do tipo que Emediato (2019), Pimentel (2018), Gibson & McKinley (2015), e Alvarez (2018), entre outros, formulam: Afinal, quem era ele? Um idealista utópico inconsciente dos riscos e perigos a que se expunha? Um maluco adorável, que entristecia a mãe com a história de ser filho de Deus e não convencia disso nem mesmo os irmãos que o julgavam louco? Um embusteiro? Um alegre e jovial contador de fábulas? Um rabi subversivo? O que fez e disse que mudou tanto a história da Humanidade? E o que não fez e não disse? O que, em sua história, não passa de mito e lenda inventados pelos seguidores e contados pelos evangelistas?

Talvez ninguém venha a saber. Talvez nem ele próprio saiba em sua plenitude. Ao tomarmos a expressão: “Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz”, em que Jesus disse a Pilatos, enquanto esperava a sua sentença. “O que é a verdade?”, perguntou Pilatos ao retrucar. Jesus ficou calado, de acordo com o Evangelho de João.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Ricardo. **E a verdade os libertará** – reflexões sobre religião, política e bolsonarismo. SP: MC, 2020.

ALMEIDA, L. T. **O que significa ler a Bíblia literariamente?** Cadernos de Pós-Graduação em Letras. São Paulo, v. 11, n. 1, 2011, p. 7-22.

ALT, Franz. **As 100 mensagens mais importantes de Jesus**. SP: Pensamento, 2018.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia literário da Bíblia**. SP: Editora Unesp, 1997.

ALVAREZ, Rodrigo. **Jesus, o homem mais amado da história**. SP: Leya, 2019.

ARIAS, Juan. **Jesus, esse grande desconhecido**. SP: Objetiva, 2001.

_____. **O grande segredo de Jesus** – uma leitura revolucionária dos evangelhos. RJ: Objetiva, 2012.

BETTO, Frei. **Um homem chamado Jesus**. SP: Rocco, 2009.

_____. **Um Deus muito humano** – um novo olhar sobre Jesus. SP: Fontanar, 2015.

CHESTERTON, G.K. **O homem eterno**. SP: Mundo Cristão 2018.

_____. **Ortodoxia**. SP: Principis, 2019.

DUQUESNE, Jacques. **Jesus, a verdadeira história** – revelações surpreendentes sobre o personagem histórico. SP: Jardim dos livros, 2019.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. SP: L&PM, 2019.

EVANS, Craig. **O Jesus fabricado** – como os acadêmicos atuais distorcem o evangelho. SP: Editora Cultura Cristã, 2009.

FRYE, Northrop. **O grande código** – A Bíblia na literatura. SP: Sétimo Selo, 2021.

FRAILE YÉCORA, Pedro I. Guia de leitura Jesus aproximação histórica. Petrópolis, RJ: VOZES, 2014.

GIBSON, David; MCKINLEY, Michael. Em busca de Jesus – fé, fatos, falsificações. SP: Fontanar, 2015.,

LAHAYE, Tim. **Jesus, descubra os mistérios do homem que fascinou o mundo e mudou a história da humanidade**. RJ: Thomas Nelson Brasil, 2009.

LE DONNE, Anthony. **A história de Jesus para quem tem pressa** – do Jesus histórico ao divino Jesus Cristo. RJ: Valentina, 2019.

LOHFINK, Gerhard. **Jesus de Nazaré** – o que ele queria? Quem ele era? RJ: Vozes, 2015.

LOURES, Marisa. Rodrigo Alvarez: “**Jesus não é dos cristãos apenas. É da humanidade**”. JF: Tribuna de Minas. Texto publicado em 10/04/2018.

MAILER, Norman. **O evangelho segundo o filho**. RJ: Record, 1998.

MEIER, John P. **Um judeu marginal, repensando o Jesus histórico**. SP: Imago, 1996.

MOIANA, Murilo. **A humanização do divino em o evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago**. Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar. Publicado em 03.12.04 e atualizado em 26/8/2006. <http://www.urutagua.uem.br/010/10moiana.htm>

NECCHI, Vitor. **A (im)pertinência da denominação “jornalismo literário”**. Estudos Jornalismo e Mídia. Fronteiras com a Literatura. v. 6 n. 1, 2009.

OZ, Amóz; OZ-SALZBERGER, Fania. **Os judeus e as palavras**. SP: Cia das Letras, 2015.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. SP: Editora Contexto; 2ª edição, 2006.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura/ Jornalismo literário 4ª edição, revista e ampliada, Barueri/São Paulo: Manole, 2008.

PFÜTZENREUTER, F. M. **Evangelhos literários**. PR: Appris, 2019.

PIMENTEL. Luiz Cesar. **Jesus**: Uma reportagem. SP: Seoman, 2018.

POLLOCK MICHEL. **A Vida Cristã É Paradoxal**. Portal TGC: 28/6/2019. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/vida-crista-e-paradoxal-aceite-isto/>

PUIG, Armand. **Jesus, uma biografia**. SP: Paulus, 2020.

RYKEN, Leland. **Formas literárias da Bíblia**. SP: Cultura Cristã, 2017.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. SP: Companhia das Letras, 1991.

SCHOMMER, Aurélio. **O evangelho segundo a filosofia**: do filósofo Jesus às ideias sobre Jesus. SP: Recprd, 2016.

SIMS, Norman. **The art of literary journalism**. In: SIMS, Norman (org.); KRAMER, Mark (org.). *Literary Journalism – a new collection of the best american nonfiction*. New York: Ballantine, 1995.

SCHLAEPFER, Carlos Frederico; OROFINO, Francisco Rodrigues; MAZZAROLO, Isidoro. **A Bíblia. Introdução historiográfica e literária**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TABORDA SANTORO, André Cioli. **O uso de personagens no jornalismo literário**. Disponível em: http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/2015_19_o-uso-de-personagens-no-jornalismo-literario.pdf

TOSAUS ABADÍA. J. P. **A Bíblia como literatura**. Petrópolis: Vozes, 2000.

THOMAS, Gordon. **O julgamento de Jesus** – um relato jornalístico sobre a vida e a inevitável crucificação de Jesus Cristo. RJ: Thomas Nelson Brasil, 2007.

ELEMENTOS ESCRITURÍSTICOS E ARTICULAÇÕES TEOLÓGICAS ACERCA DA PREEXISTÊNCIA DE CRISTO

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 06/07/2022

Francisco Regimarcio Cardoso de Lima

Discente do curso de Especialização em Metafísica e Epistemologia da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Docente da rede pública municipal de ensino de Juazeiro do Norte/CE
Juazeiro do Norte/CE
<http://lattes.cnpq.br/3455091025188313>

RESUMO: O presente tema elaborado em metodologia de pesquisa bibliográfica está nos liames da Cristologia e procura estabelecer elementos escriturísticos que atestem e confirmem a preexistência de Cristo. A Sagrada Escritura como primeira fonte da Revelação deve ser o primeiro fundamento para afirmações dogmáticas. Sob essa perspectiva propõe-se uma análise hermenêutica de textos da literatura sapiencial, de epístolas paulinas e dêutero-paulinas, da carta aos Hebreus e do evangelho de João. A literatura sapiencial (Eclo 24,3-4; Sb 7,25-26; Sb 9,1-2) com a questão da Sabedoria preexistente, fruto de pressupostos especulativos do judaísmo helenizado, fornece elementos relevantes para a compreensão de modo análogo da preexistência de Cristo dentro do contexto do anúncio querigmático no início do Cristianismo. Essa ideia da Sabedoria preexistente que surgiu em textos sapienciais do período pós-exílico foi um suporte precioso para fundamentar as bases da Cristologia da preexistência. Com

esses elementos prévios da literatura sapiencial, ergue-se uma base para a compreensão das articulações teológicas sobre a preexistência nos textos de tradição paulina como a carta aos Romanos (1, 3b-4a) e a carta aos Gálatas (4,4-5) que abordam de forma contundente a teologia do envio de Cristo. Se houve envio é porque havia um preexistente. Portanto, ao falar do envio do Filho de Deus, fala-se da sua preexistência. Os hinos cristológicos de Filipenses (2,6-11) e Colossenses (1,15-20) também apresentam pressupostos teológicos sobre a preexistência de Cristo e sua Encarnação. O primeiro mostra o divino que assume a nulidade humana com o propósito de salvá-la. Percebe-se também a unidade do mistério de Cristo que tem como ponto de partida querigmática o evento pascal que expressa a compreensão do itinerário da redenção operada por Cristo. O segundo oferece reflexões coerentes em relação a preexistência de Cristo a partir da tese do seu primado na obra da criação e da redenção. Ele não é apenas uma grandeza cósmica ou a primeira das criaturas, mas ele é o princípio da criação, ele já preexistia a tudo isso e por isso é preeminente a tudo.

PALAVRAS-CHAVE: Preexistência. Sagrada Escritura. Encarnação. Cristologia.

SCRIPTURAL ELEMENTS AND THEOLOGICAL ARTICULATIONS ABOUT THE PREEXISTENCE OF CHRIST

ABSTRACT: The present theme, elaborated in a bibliographic research methodology, is in the bonds of Christology and seeks to establish scriptural elements that attest and confirm the preexistence of Christ. Sacred Scripture as the

first source of Revelation must be the first foundation for dogmatic assertions. From this perspective, we propose a hermeneutic analysis of texts from the Wisdom Literature, Pauline and Deutero-Pauline epistles, the letter to the Hebrews and the Gospel of John. The wisdom literature (Sir 24,3-4; Wis 7,25-26; Wis 9,1-2) with the question of the preexisting Wisdom, fruit of speculative presuppositions of Hellenized Judaism, provides relevant elements for the understanding in an analogous way of the preexistence of Christ within the context of the kerygmatic proclamation in early Christianity. This idea of pre-existing Wisdom that emerged in post-exilic wisdom texts was a precious support to ground the foundations of the Christology of pre-existence. With these previous elements of the wisdom literature, a basis for understanding the theological articulations about preexistence in texts of Pauline tradition, such as the letter to the Romans (1, 3b-4a) and the letter to the Galatians (4, 4-5) that address in a forceful way the theology of the sending of Christ. If there was a shipment, it is because there was a pre-existing one. Therefore, in speaking of the sending of the Son of God, one speaks of his preexistence. The Christological hymns of Philipians (2:6-11) and Colossians (1:15-20) also present theological assumptions about the pre-existence of Christ and his Incarnation. The first shows the divine who assumes human nullity in order to save it. It is also possible to perceive the unity of the mystery of Christ, which has as its kerygmatic starting point the paschal event that expresses the understanding of the itinerary of redemption brought about by Christ. The second offers coherent reflections on the pre-existence of Christ from the thesis of his primacy in the work of creation and redemption. He is not just a cosmic greatness or the first of creatures, but he is the principle of creation, he already pre-existed all this and therefore he is preeminent in everything.

KEYWORDS: Preexistence. Holy Scripture. Incarnation. Christology.

1 | INTRODUÇÃO

“[...] Et in unum Dominum nostrum Iesum Christum Filium Dei, natum ex Patre unigenitum, hoc est de substantia Patris, Deum ex Deo, lumen ex lumine, Deum verum de Deo vero, natum, non factum, unius substantiae cum Patre (quod graece dicunt homousion), per quem omnia facta sunt, quae in caelo et in terra [...]” (DENZINGER, n° 125). Com esta definição do Símbolo de Niceia, a Igreja professa sua fé na preexistência de Cristo. Assim sendo, é uma definição dogmática que está substancialmente ligada à verdade de fé da Encarnação de Cristo. Ao mesmo tempo essa definição atesta a fé na Trindade e na unidade substancial do Pai e do Filho. Na mesma afirmação é nítida a relação do Filho Unigênito com a criação, isto é, o Pai que fez todas as coisas por meio do Filho.

Apesquisa aqui desenvolvida está nos liames da Teologia Sistemática, principalmente da Cristologia e procura estabelecer elementos escriturísticos que atestem e confirmem a preexistência de Cristo. A Sagrada Escritura como primeira fonte da Revelação deve ser o primeiro fundamento para afirmações dogmáticas.

2 | PRESSUPOSTOS DA ESPECULAÇÃO SAPIENCIAL JUDEU HELENISTA

Os judeus e os judeu-cristãos compreendiam o mundo como uma realidade temporal-

escatológica diferente da visão helenista que compreendia o mundo como cosmos. Apesar dos esforços filosóficos dos pensadores gregos, no mundo helênico ainda era muito forte a crença no mito e nos seres mitológicos. Foi nesse contexto que a mensagem de Cristo deveria ser anunciada pelos primeiros cristãos, isto é, um contexto mitológico marcado pela força de deuses e a influência dos astros e ao mesmo tempo a razão filosófica e as novas concepções epistemológicas. Para tal empreitada os textos sapienciais constituíram-se como auxílio para dar bases à Cristologia da preexistência.

A ideia de preexistência de Cristo defendida pela Cristologia do Novo Testamento, especialmente a teologia paulina, encontra apoio na literatura sapiencial que floresceu no contexto do judaísmo helenizado no período do pós-exílio babilônico.

O conceito de Sabedoria, núcleo dos escritos sapienciais é tratada como um atributo divino. “Quão numerosas são tuas obras, lahweh, e todas fizeste com sabedoria! A terra está repleta das tuas criaturas” (Sl 104, 24). A sabedoria de Israel presente nos escritos pré-exílicos acreditava que somente Javé é preexistente. “Teu trono está firme desde a origem e desde sempre tu existes.” (Sl 93, 2).

Somente nos escritos do período pós-exílico, no contexto da dominação selêucida em que os judeus estavam em contato com a cultura grega é que encontramos a sabedoria não mais como um adjetivo divino, mas como um ser preexistente à criação.

Só na Sabedoria pós-exílica mais recente de Israel, que se confronta com o mundo do helenismo, encontra-se uma noção de Sabedoria de Javé na qual esta deixa de ser uma qualidade de Deus e se transforma numa grandeza preexistente (relativamente) autônoma. (KESSLER, 2002, p. 281)

Em muitas passagens dos escritos sapienciais há a sabedoria personificada que é um recurso literário que os mesmos escritos usam para as exortações da sabedoria. A sabedoria adquire voz própria e fala de si mesma. Entretanto nos escritos pós-exílicos a sabedoria de Deus aparece não somente personificada, mas como um ser pré-mundano e anterior a todas as outras criaturas. “Saí da boca do Altíssimo e como a neblina cobri a terra. Armei a minha tenda nas alturas e meu trono era coluna de nuvens.” (Eclo 24, 3-4). A sabedoria é apresentada como primícias da obra de Deus, reflexo da bondade e do poder do Altíssimo. “Ela é eflúvio do poder de Deus, uma emanação puríssima da glória do Onipotente, pelo que nada de impuro nela se introduz. Pois ela é reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade de Deus e imagem de sua bondade.” (Sb 7, 25-26.)

A sabedoria também pode ser vista como onipotência de Deus, habitação de Deus no homem. “[...] sendo só, ela tudo pode; sem nada mudar, tudo renova e, entrando nas almas santas de cada geração, delas fez amigos de Deus e profetas.” (Sb 7, 27).

Na perícopre Sb 9, 1-18 encontramos uma oração para obter sabedoria. Nesta oração é perceptível a importância da sabedoria para aquele que suplica por ela. No v. 18 está posta a afirmação da sabedoria que salva, ou seja, aqueles que a possuíram, ela os salvou. É ela quem deve guiar as ações do homem. Interpretando este versículo a partir de um

sentido histórico-teológico, ou mesmo uma leitura tipológica podemos nos referir ao envio do Filho de Deus e sua finalidade salvífica. Essa compreensão poderia figurar como uma evolução do judaísmo helenizado para uma compreensão do mistério salvífico de Cristo.

[...] Sb 9 não é simplesmente uma prece individual (com Salomão como locutor), mas justamente por causa dos vv. 12-18 o capítulo tem característica de um protótipo, que visa à redenção dos sábios em geral (v. 18). A partir desse enfoque, é muito viável uma aplicação no “sentido histórico-teológico”, referindo-se ao envio do Filho de Deus. Isso vale tanto mais quando a recepção cristológica da fórmula do envio sapiencial faz parte do contexto maior da adoção propriamente dita de concepções sapienciais por parte do primeiro cristianismo. [...] (MÜLLER, 2004, p. 16-17)

No livro da Sabedoria também encontramos dois modos de compreensão da sabedoria que são usados na Cristologia como atributos de Cristo *lógos* divino. Em Sb 1, 6-7 a sabedoria é espírito e em Sb 9, 1-2 é com ela que Deus realiza a criação.

A Sabedoria é um espírito amigo dos homens, não deixa impune o blasfemo por seus propósitos; porque Deus é a testemunha dos seus rins, perscruta seu coração segundo a verdade e ouve o que diz a sua língua. O espírito do Senhor enche o universo e ele, que mantém unidas todas as coisas, não ignora nenhum som. [...] Deus dos Pais, Senhor de misericórdia, que tudo criaste com tua palavra e com tua sabedoria formaste o homem para dominar as criaturas que fizeste. (Sb 1, 6-7; 9, 1-2).

A concepção judeu-helenista da sabedoria preexistente é um auxílio para o discurso sobre a preexistência de Cristo e sua encarnação. Ela pode ser comparada com o próprio Filho que preexistiu junto ao Pai como Sabedoria eterna pela qual o Pai fez todas as coisas. Contudo, não é coerente afirmar que a sabedoria judaica-helenista acerca da sabedoria preexistente pensasse na encarnação real. O envio da sabedoria àquele que pede tornando-o sábio e conseqüentemente justo não pode ser nivelada do mesmo modo da encarnação de Jesus Cristo professada pelo cristianismo.

[...] É verdade que a sabedoria deve auxiliar o sábio na terra, afadigar-se por ele (Sb 9, 10), a fim de instruí-lo; sim, ele “penetra em almas santas”, “prepara amigos de Deus e profetas” (Sb 7, 27), de maneira que chega a habitar com eles (Sb 7, 28). Contudo não se pode afirmar que ela se torna um ser humano. Nesse aspecto, o pensamento da primeira Igreja de fato tem de criar algo novo, considerando que, afinal, é o Jesus histórico único que se contempla à luz da ideia judaica da sabedoria, mas não o protótipo do sábio, o justo ideal. [...] (MÜLLER, 2004, p. 17)

Devemos entender essa sabedoria preexistente nos escritos sapienciais não afirmando que esses textos falam diretamente de Cristo e que a sabedoria é o próprio Cristo porque isto foge da concepção judaica de Javé como único preexistente, mas podemos fazê-lo de modo análogo.

Nas palavras de Müller (2004) é compreensível esta analogia dos escritos sapienciais com a cristologia da preexistência:

“[...] é essa a localização da cristologia da preexistência: ela poderia evidenciar-se 'como uma transformação da especulação sapiencial do judaísmo helenista de Jerusalém, orientado pelo Templo e pela Torá', a uma transformação 'com base na confissão do significado salvífico da morte de Jesus'” (MÜLLER, 2004, p. 17)

Portanto, o conceito de sabedoria preexistente pode ser entendido de modo análogo como o Filho de Deus preexistente e que num determinado momento da história se encarna com um fim soteriológico.

3 I A CRISTOLOGIA DO ENVIO NA TEOLOGIA PRÉ-PAULINA

Referindo-se à Cristologia da preexistência temos elementos escriturísticos de grande aplicabilidade na teologia paulina. Esses elementos tratam precisamente do envio de Cristo. É lógico que para acontecer um envio é necessária uma preexistência. Se Cristo foi enviado ao mundo pela via da encarnação, assumindo a condição humana, ele teria intrinsecamente que preexistir. Os textos paulinos abordam esse argumento.

A primeira fórmula de envio que analisaremos é de Rm 1, 3b-4a. Nessa fórmula, Paulo entende a existência terrena de Jesus e sua humanidade a partir da descendência de Davi. A divindade de Jesus é reconhecida pela sua ressurreição. “[...] seu Filho nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos.” Com isso, Paulo não quis dizer que Jesus Cristo não seja Deus na sua Encarnação, mas o enfoque está direcionado ao sentido messiânico de sua divindade. “Nessa compreensão está enfocada a posição do poder celestial do Filho de Deus entendido em sentido messiânico” (MÜLLER, 2004, p. 13). Nessa fórmula a afirmação de Filho de Deus referida a Cristo tem enfoque na sua ressurreição. Porém, isso não quer dizer que ele não fosse o Filho de Deus preexistente. Implicitamente, Paulo corrobora a Encarnação do Cristo Jesus porque está presente a afirmação de sua humanidade no começo da fórmula.

[...] se Paulo, pois, acolhe a primeira linha da fórmula: “nascido da semente de Davi (segundo a carne?)”, no conjunto de sua cristologia da preexistência está sendo feita implicitamente uma afirmação na encarnação. No entanto ela não é interpretada sob a perspectiva de sua teologia da cruz [...]. Pelo contrário, o Filho de Deus tornado ser humano aparece em Rm 1, 3s como aquele que nasceu da semente de Davi. [...] (MÜLLER, 2004, p. 14)

Essa compreensão de Jesus como Filho de Deus em sentido messiânico está posta também na passagem do Batismo de Jesus no evangelho de Marcos (Mc 1, 9-11) e no discurso inaugural da pregação de Paulo diante dos judeus (At 13, 32s). Entretanto, o problema acerca da preexistência está no fato de alusões a um envio divino significando a condição divina de Jesus antes mesmo de sua revelação messiânica, o ser divino de Jesus que depois se encarna tornando-se humano sem deixar de ser divino.

Em Gl 4,4-5 a fórmula de envio está relacionada a uma dimensão histórico- salvífica

“Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial”. A partir disso podemos afirmar que o envio do Filho de Deus tem uma finalidade específica. O enfoque não é tanto ao modo do envio ou à preexistência, mas ao objetivo do envio. Contudo, por causa da finalidade do envio podemos depreender o tema da preexistência. “[...]a fórmula do envio já terá pressuposto que o Filho de Deus preexistente se tornou humano (‘nascido de uma mulher’), porque a ideia da preexistência faz parte da fórmula [...]”. (MÜLLER, 2004, p. 14)

A ideia central dessa fórmula é a finalidade soteriológica do envio de Cristo. A encarnação e a preexistência são motivos secundários e servem de suporte para esse argumento. A locução “Deus enviou” (Gl 4, 4a) salienta a preexistência, a expressão “nascido de uma mulher” (Gl 4, 4b) aponta a encarnação e a sentença “para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a filiação adotiva” (Gl 4, 5ab) denota a finalidade do envio. Na teologia paulina essa finalidade é manifestada com a morte de Cristo na cruz.

[...] A ideia da encarnação tão-somente fornece a premissa para a afirmação soteriológica central da finalidade: Deus enviou seu Filho, “nascido de uma mulher, sujeito à lei, *a fim de que* ele pagasse a alforria dos que estão (escravizados) sob a lei...”. “Isto é, a fórmula que antes de Paulo era interpretada no sentido da encarnação do Filho preexistente é relacionada por Paulo à morte vicária de Jesus na cruz. [...] (MÜLLER, 2004, p. 14-15)

Em Rm 8, 3 encontramos: “[...] Deus, enviando o seu próprio Filho em carne semelhante à do pecado e em vista do pecado, condenou o pecado na carne.” Essa fórmula assim como a de Gl 4, 4-5 fala do envio de Cristo e, portanto da sua preexistência. O enfoque deste versículo também é a redenção vista a partir da ótica da morte vicária de Cristo. O âmago não é a encarnação enquanto tal, pois a redenção acontece de forma plena no mistério da morte de Cristo. Com isso não desconsideramos o conjunto do mistério salvífico de Cristo (encarnação, paixão, morte e ressurreição), porém precisamos ser fiéis às ênfases dadas por Paulo em sua teologia e compreender a preexistência e a encarnação como premissa para a concretização da obra da redenção no mistério pascal de Cristo.

[...] “A fim de redimir o ser humano, que é pecador, Cristo tornou-se ser humano, a saber, sujeito ao poder do pecado como qualquer ser humano”. Frases como esta deslocam as ênfases. Ela sugere que a encarnação poderia ser para Paulo o evento específico da salvação, quando a realidade é diferente. De qualquer modo, no pensamento fundamental de que, ao morrer, Cristo se entregou pelos pecadores, identificou-se com eles, está exposta de forma convincente a intenção substancial da teologia da encarnação – apenas não está relacionada ao aspecto essencial de que o Filho se tornou um humano. (MÜLLER, 2004, p. 15)

A fórmula de Rm 8, 3 também sugere o modo como aconteceu a encarnação do Filho de Deus. Esta fórmula expressa de forma mais profunda a encarnação do que a

formula de Gl 4, 4. Não apenas enfoca o nascimento do Filho de Deus por uma mulher, mas vai além. Fica claro que a encarnação do Filho é na carne humana, carne de pecado. Porém não significa dizer que o Cristo encarnado é pecador, mas “designa apenas a figura concreta, assim como a possuem as pessoas enquanto pecadoras na carne determinada pelo pecado”. (MÜLLER, 2004, p. 15). É para essa esfera do pecado que Deus envia seu Filho com a finalidade de redimir a carne de pecado, para que ela volte à sua condição original. “[...] o Filho de Deus foi enviado à esfera da realidade do pecado por causa da salvação do ser humano [...]”. (MÜLLER, 2004, p. 17)

Em suma, a cristologia pré-paulina do envio situada nas fórmulas bíblicas que apontamos remete-nos à preexistência de Cristo. O envio teve finalidade salvífica no mistério pascal de Cristo e a encarnação foi o modo do envio. Todavia, precedente ao envio e para que este possa acontecer pressupõe-se a já existência, isto é, a preexistência.

4 | A IDEIA DE PREEXISTÊNCIA NOS HINOS NEOTESTAMENTÁRIOS PAULINOS

4.1 Filipenses 2, 6-11

A verdade de fé acerca da encarnação e conseqüentemente da preexistência de Cristo é exposta na teologia paulina no famoso hino de Fl 2, 6-11. É perceptível o modo como Paulo narra a condição humana de Jesus e o meio e a finalidade da conveniência de sua encarnação. A perícopa à qual analisaremos está inserida em um contexto maior de cunho exortativo. Paulo exorta à comunidade de Filipos a terem o mesmo sentimento de Cristo, ou seja, que se desprendam de sua arrogância e nada façam por competição ou vanglória.

Esta perícopa é considerada por muitos como um hino cristológico pré-paulino e que Paulo cita na sua exortação por se adequar à intenção de sua mensagem aos Filipenses. Paulo mostra o caminho terreno de Jesus a partir do esquema de exaltação e humilhação do Filho de Deus. Para nós, antes de tudo, interessa que este caminho começa com a preexistência divina de Cristo.

Na Epístola aos Filipenses (c. 54/55 dC), Paulo cita um hino cristológico mais antigo, já existente antes dele e proveniente de judeus-cristãos helenistas, com duas estrofes Fl 2, 6-11. Ele louva o caminho de Jesus Cristo, e o faz atendendo ao esquema bíblico-sapiencial de (auto-)humilhação e exaltação por Deus (“aquele que se humilhar será exaltado”: Mt 23, 12 e o.), mas sugerindo que esse caminho começa num plano meta-histórico, na preexistência divina. (KESSLER, 2002, p. 283)

Valendo-nos da afirmação de que este hino possui duas estrofes, podemos nomear cada estrofe a partir do esquema de humilhação e exaltação. “Os vv. 6-8 tratam da auto-humilhação do Cristo preexistente, os vv. 9-11, da exaltação do humilhado por parte de Deus.” (MÜLLER, 2004, p. 19).

No cerne do texto pré-paulino encontramos cinco expressões que enfatizam o tema deste hino: forma de Deus, figura humana, esvaziamento, humilhação e exaltação. Forma de Deus e figura humana referem-se respectivamente à preexistência e à encarnação. O auto-esvaziamento e a auto-humilhação – *Kenosis* se encontram entre o estado pré-encarnado e encarnado do Verbo.

O hino é enfático ao afirmar a subsistência de Cristo na forma de Deus. “Ele estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus.” (FI 2, 6). No seu estado preexistente, Cristo existia na pessoa do Filho (Verbo) possuindo toda a natureza da divindade. Ele existia na comunhão trinitária. A deidade do Filho é inerente à sua pessoa.

A expressão *forma de Deus* – em grego *μορφή Θεου* possui um significado particular. O preexistente está no mesmo nível da divindade referindo-se à sua proveniência e status. (KESSLER, 2002, p. 283). Ele é o Filho de Deus e, portanto Deus. Na relação trinitária o Filho sempre existiu com o Pai. Não há um momento da criação do Filho. As Sagradas Escrituras apontam para essa eternidade do Filho junto ao Pai. A existência do Cristo não pode limitar-se à sua vida terrena.

Se, porém, o Pai é desde a eternidade aquele como o qual foi revelado na relação com Jesus, seu Filho, e por meio dele historicamente, então também, inversamente, o Filho pertence ao Pai desde a eternidade, o Pai não pode ser concebido sem o Filho. [...] O pertencimento de Jesus como Filho ao eterno Deus, porém, significa, por outro lado, também que o Filho está ligado com o Pai antes do começo da existência terrena de Jesus e que o próprio pertencimento de Jesus ao Pai remonta também ao tempo antes de seu nascimento terreno. [...] (PANNENBERG, 2009, p. 515-516)

No hino de Filipenses é notória a afirmação da divindade de Cristo e de sua condição de Deus (FI 2,6). Todavia, ela contraria a lógica humana não fazendo de sua condição divina uma usurpação, mas esvaziando-se de sua glória e assumindo a condição humana, submetendo-se à humilhação da morte e morte de cruz. “Mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz.” (FI 2, 7-8). Aqui está evidente que a humilhação do Preexistente em forma de Deus é uma ação voluntária. A humilhação não é intrínseca à sua essência, mas ele assume essa condição como uma condição soteriológica. Estas afirmações estão em perfeita sintonia com a teologia pré-paulina do envio, pois o envio do Filho, e por isso a ideia de sua preexistência, possuem um fim.

O Preexistente estando na condição divina não fez disso uma usurpação, mas renuncia a essa condição para assumir a forma de escravo e tornar-se semelhante ao homem escravo do pecado. Ele se despoja radicalmente da divindade que detinha, mas não deixa de ser Deus. Isso ficará evidente na argumentação sobre sua exaltação. É um movimento dialético, pois o mesmo se humilha e é exaltado na condição de *Kyrios*. Esse é o esquema kenótico de Cristo, sua auto-humilhação, auto-esvaziamento e exaltação.

O Preexistente encontra-se “em figura (forma) de Deus”, isto é, no que se refere à sua identidade ele é determinado por sua divindade. Mas não se agarra gananciosamente a essa condição, de “ser igual a Deus”. Com isso se descreve sua forma original como posição de singular dignidade, como *status* que perfaz a sua identidade [...]. Ele abandona sua identidade anterior e se submete à configuração da existência humana, marcada pela dependência escrava do destino e da morte. Essa nova identidade forma um contraste extremo com a condição original divina do Preexistente. (MÜLLER, 2004, p. 21)

O Preexistente existia em “forma de Deus” - *μορφη Θεου* (v. 6), sendo portanto, Deus. Apesar de sua deidade, ele não se auto-afirma Deus, mas seu despojamento e nivelamento à condição escrava do ser humano vai até ao extremo da humanidade: a morte. Ele assume essa condição total até as últimas consequências. “O sentido soteriológico é: quem quer romper a escravidão dos seres humanos precisa vir de além de tal existência, mas precisa entrar inteiramente nela.” (KESSLER, 2002, p. 283).

A expressão *μορphen δούλου* – “forma de escravo” (v. 7), pode levar-nos a pensar nesta condição assumida pelo Preexistente como apenas uma troca de aparência sem categoria ontológica. Entretanto, foi uma condição que Cristo assumiu voluntariamente e ontologicamente. Na expressão “se despojou”, o pronome reflexivo nos leva a entender que Cristo fez isso por vontade própria.

Acerca da identidade assumida pelo preexistente Müller (1990) afirma: “[...] Essa nova identidade forma um contraste extremo com a condição original divina do Preexistente. [...]”. (MÜLLER, 2004, p. 21). Pela expressão *μορφή* presente no texto encontramos uma dificuldade semântica. Esta dificuldade está, justamente, no fato do termo *μορφή* possuir vários sentidos. Esse termo utilizado em Fl 2,6s pode levar a entender que o Preexistente assumiu a forma de escravo não como caráter transitório, mas como nova identidade abdicando da primeira radicalmente. Se bem que, essa interpretação não é aceita por todos, pois a humilhação do Preexistente é apenas uma fase que não deve ser vista isolada do todo. O Preexistente humilhado continua com sua identidade divina até porque ele assumiu a forma de escravo, ou seja, de homem, mas não como um homem qualquer, mas é o homem por excelência, o homem antes da prevaricação do pecado.

Na segunda estrofe do hino encontramos a resposta de Deus à auto-humilhação do Preexistente encarnado.

“Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e debaixo da terra, e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai.” (Fl 2, 9-11).

Após a auto-humilhação voluntária, o próprio Deus exalta-o até o mais alto grau dando-lhe o título de *Kyrios*. Neste hino, podemos perceber uma oscilação de extremos, pois ao passo que Cristo se humilha até as últimas consequências da existência humana, Deus o exalta até o mais alto grau, elevando-o à condição de senhor do mundo.

Para o hino de Fl 2, 6-11 Jesus Cristo é sobretudo o ser humano humilhado e exaltado que veio de Deus. A afirmação acerca da figura divina de um preexistente designa a dimensão profunda do caminho de Jesus e o qualifica em seu conjunto como acontecimento de revelação e salvação. (KESSLER, 2002, p. 284)

Podemos ainda dizer que a auto-humilhação do Preexistente não é simplesmente uma troca de identidade, mas é a encarnação real. Quando ele assume a forma de escravo submetendo-se à morte, ele não está aquém da carne humana, pelo contrário, ele radicalmente assumiu a carne até à morte. “[...] O hino consegue alcançar essa compreensão singular somente pelas tentativas de circunscrever com formulações sempre novas que o Preexistente se tornou um humano, no intuito de se aproximar de sua verdadeira intenção afirmativa.” (MÜLLER, 2004, p. 25).

O hino de Fl 2, 6-11, além de nos mostrar elementos sólidos sobre a preexistência de Cristo (Verbo), ele nos introduz numa reflexão profundíssima sobre a encarnação do Verbo. A encarnação é tão admirável que a adoção da natureza humana por Cristo é completa indo ao encontro da última instância humana que é a morte. “[...] O hino enaltece esse acontecimento como um milagre, porque o cumprimento do *ethos* sapiencial por Jesus extrapola a experiência humana normal. Deus responde a esse procedimento com a exaltação incomparável daquele que a si próprio se rebaixou. [...]” (MÜLLER, 2004, p. 26).

A radicalidade da encarnação do Preexistente nesse hino é fascinante. O divino assume a nulidade humana com o propósito de salvá-la. Vemos também a unidade do mistério de Cristo (preexistência, encarnação, paixão, morte e ressurreição) que tem como ponto de partida querigmática o evento pascal que permite-nos compreender todo o itinerário da redenção operada por Cristo.

4.2 Colossenses 1, 15-20

O texto da epístola aos Colossenses nos permite tecer reflexões coerentes sobre a profissão de fé na preexistência de Cristo. A perícopes em questão trata do primado de Cristo frente ao problema que se gerou na comunidade de Colossos para combater ideias gnósticas e especulações judaico-helenistas sobre os poderes celestes ou cósmicos. Essas especulações colocavam em perigo a doutrina da primazia de Cristo.

Apesar da comunidade de Colossos já ter uma caminhada cristã sólida, a carta a ela endereçada possui um tom preocupado e alarmante. No escopo da carta não é explícita de forma direta essa preocupação e o motivo de tal preocupação. A polêmica está em torno da questão dos “elementos do mundo”. O sistema religioso e especulativo combatido pela carta refere-se a algumas concepções cosmológicas que se infiltraram na comunidade. O cerne dessa polêmica está em divinizar os elementos da natureza e controlar o destino dos homens. Assim sendo, essas especulações colocam em xeque a doutrina do primado de Cristo, pois a doutrina da primazia está totalmente oposta a este modo de pensar.

[...]. O papel único e insubstituível de Cristo certamente se contrapõe à

pretensão de experiências religiosas supletivas e complementares. Nele (em Cristo) habita agora, definitivamente, toda a "plenitude (gr. *plêroma*) da divindade" e por meio dele os fiéis podem ter acesso à perfeição, segundo o projeto de Deus. [...]. (FABRIS, 1992, p. 40)

Nesse contexto polêmico é que se insere este hino cristológico citado na carta aos Colossenses. O hino possui duas estrofes com unidades temáticas próprias. A primeira parte trata do primado universal de Cristo na criação e a segunda a plenitude de Cristo na reconciliação e pacificação. Para este trabalho, vamos nos debruçar apenas à primeira parte do hino que interessa ao tema desta pesquisa.

As palavras iniciais do hino são:

Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. É antes de tudo e tudo nele subsiste. (Cl 1, 15-17).

Esses versículos falam de Jesus Cristo e atribuem-lhe dois títulos que o definem em relação a Deus e ao mundo criado. Em primeiro lugar ele é a *Imagem* de Deus e em segundo lugar ele é o *Primogênito* da criação. Essas duas expressões são de fundamental importância para uma compreensão sólida do significado da preexistência de Cristo.

O termo *Imagem* é bastante comum na literatura bíblica. Por exemplo em Gn 1, 26-27 encontramos o homem que é criado à imagem de Deus. Na literatura sapiencial encontramos a sabedoria como imagem de Deus. A sabedoria na fé judaica é entendida como sabedoria-lei comunicada por Deus que possibilita ao homem ir até Deus porque está trilhando seus caminhos e o caminho é a lei. A sabedoria-lei, nesta concepção, exerce um papel de mediadora entre Deus e o homem. A sabedoria-lei é o reflexo do ser de Deus, é imagem da sua bondade; ela é a fonte da revelação de Deus. A partir dessas concepções foi que a fé cristã atribuiu esta função da sabedoria-lei a Jesus Cristo como imagem do Deus invisível, mediador entre Deus e os homens pela sua encarnação e enviado de Deus para que os homens possam trilhar o caminho à Deus. "Jesus é a face histórica de Deus, aquele que o manifesta de modo único e definitivo, tomando o lugar de todas as prefigurações históricas, tanto da sabedoria como da lei judaica." (FABRIS, 1992, p. 60).

Primogênito é o termo que relaciona Jesus Cristo ao mundo criado. Se Cristo é o Primogênito de toda a criação, ele não possui apenas a faculdade de mediador entre Deus e a sua criação como a sabedoria-lei de Israel, mas ele exerce o senhorio sobre a criação. "Jesus não é só a 'imagem' de Deus enquanto realmente nele se torna manifesta a face escondida e inacessível de Deus; porque 'primogênito', todo o mundo criado é atraído, nele, para o mundo de Deus." (FABRIS, 1992, p. 60). Ao dizer que Cristo é o primogênito de toda a criatura não significa dizer que ele foi criado por Deus antes de serem criados o céu e a terra como se ele fosse a primeira das criaturas de Deus¹, mas foi por ele que o

1 [...] No séc. IV, na época da controvérsia cristológica suscitada por Ário e seus sequazes, a fórmula de Cl 1,15 esteve no centro do debate. De fato, os arianos se referem a esse texto bíblico, associado a Pr 8,22, para sustentar que Cristo

Pai na comunhão do Espírito Santo criou todas as coisas. A criação é uma obra trinitária.

Com essa afirmação do senhorio de Cristo sobre a criação, o autor da carta rebate as doutrinas estranhas que se infiltraram na comunidade de Colossos. Não são os elementos do mundo que devem ser cultuados como divindades porque Cristo é superior a tudo isso e toda a criação tem nele a sua consistência. Os elementos cósmicos não podem ser nivelados a Cristo e tratados como forças autônomas. Cristo é primaz em relação a tudo isso.

[...] Em relação ao mundo, em todas as suas dimensões, ele desempenha o papel de fonte, fundamento-consistência e meta final. A insistência na dimensão universal do papel ou senhorio de Cristo sobre todas as coisas – “as do céu e as da terra”, segundo a linguagem bíblica, com a pedante enumeração das realidades “invisíveis” (tronos, dominações...) – provavelmente corresponde a uma preocupação polêmica contra o culto aos seres celestes. [...] (FABRIS, 1992, p. 61)

O versículo 18 nos remete de forma mais acurada ao tema da preexistência de Cristo ao dizer que Cristo é antes de tudo e nele tudo subsiste. Tanto na sua preexistência como na encarnação ele é superior a toda a criação. Ele possui todos os atributos divinos e é por meio dele que a criação é levada à sua plenitude. É o próprio Cristo quem restaura a harmonia do cosmos, ou seja, ele é o motor e o centro da reconciliação universal da criação com o criador.

Neste hino é perceptível também o propósito soteriológico da encarnação do Preexistente. O mediador entre Deus e os homens possui a divindade como característica ontológica e portanto a primazia sobre toda a criação como também possui o primado na redenção.

No hino de Colossenses o peso é colocado na afirmação soteriológica: Cristo é a “imagem” protológica “do Deus invisível”, visa soteriologicamente o “novo ser humano”, que “é renovado segundo a imagem de seu Criador”, de modo que as diferenças de povo, classe e posição existentes entre as pessoas não contam mais. Em Cristo, promessa de seu amor inviolavelmente fiel, Deus abarca todo o mundo de modo acolhedor, libertador e evocativo – tanto a partir da origem como da meta. (KESSLER, 2002, p. 286).

Em suma, podemos concluir que o hino cristológico da carta aos Colossenses visa resolver uma questão contundente da comunidade, mas nos oferece reflexões bastante coerentes em relação a preexistência de Cristo a partir da tese do seu primado na obra da criação e da redenção divina. Ele não é apenas uma grandeza cósmica ou a primeira das criaturas, mas ele é o princípio da criação, ele já preexistia a tudo isso e por isso é preeminente a tudo.

não é Deus, mas apenas a primeira das suas criaturas, por meio da qual tudo o mais foi criado. A reação às teses arianas, cujo centro é Alexandria do Egito, tende a limitar ou a eliminar de vez a atribuição a Cristo desse título de “primogênito de toda criatura”. Mas apesar desse clima polêmico, começa a se difundir o hábito de se referir o título do hino de Cl ao Cristo encarnado, primogênito da nova criação. Essa orientação pode ser encontrada no séc. V em alguns escritores greco-orientais e nos latinos. (FABRIS, 1992, p. 44)

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos elementos escriturísticos sobre a preexistência de Cristo abordados nessa pesquisa, fica mais aclarado à nossa compreensão esta verdade de fé contida na Revelação.

Consideramos que a partir da hermenêutica dos textos nossa compreensão sobre a preexistência de Cristo se aquilata e podemos entender melhor a doutrina da Encarnação de Cristo. A preexistência de Cristo é um dado latente da Cristologia e sua afirmação abre espaço para a confirmação de outras verdades de fé acerca de Cristo.

Podemos constatar que para que haja uma apreensão mais profunda do mistério da Encarnação é imprescindível uma clara compreensão da preexistência e o modo como a Escritura trata disso considerando que ela é a primeira fonte da Revelação.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2. Impr. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coord.: Gilberto da G. Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson).

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünemann, por José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2007.

FABRIS, Rinaldo. *As cartas de Paulo (III)*. Trad. José Maria de Almeida; supervisão exegética Johan Konings. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

KESSLER, Hans. *Cristologia*. Trad. Luís M. Sander. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática* v. I. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan; et. al. *O evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1999.

MEUNIER, Bernard. *O nascimento dos dogmas cristãos*. Trad. Odila Aparecida de Queiroz, CSJ. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MÜLLER, Ulrich B. *A encarnação do Filho de Deus: concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. Trad. Werner Fuchs. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. Trad. Ilson Kayser. Santo André/São Paulo: Editora Academia Cristã, Paulus, 2009. v. 2.

CONSIDERAÇÕES PERANTE A ASSOCIAÇÃO DO CARNAVAL COMO FESTA DO PECADO

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 08/07/2022

Tiago Herculano da Silva

Doutorando do curso de Teatro
Universidade do Estado de Santa Catarina,
campus I
Florianópolis – Santa Catarina
<http://lattes.cnpq.br/3688535576275314>

RESUMO: Ao longo do tempo várias associações foram feitas as festividades do período carnavalesco, uma delas foi o entendimento do carnaval enquanto Festa da Carne com conotação sexual e pecaminosa, porém questionamos neste artigo estas associações. Como elas possivelmente tenham surgido e como as agremiações carnavalescas lidaram com elas? Quais repercussões provem do entendimento do carnaval das escolas de samba como festa libidinosa e como a mídia e os corpos atravessam estas relações? O objetivo é levantar o debate e estender os estudos carnavalescos abordando a forma como os desfiles das escolas de samba são entendidos pela atual sociedade brasileira. Para isto, faremos um levantamento histórico da origem do carnaval e uma análise perante a forma como a mídia explorou os corpos dos foliões nos desfiles a fim de compreender o jogo de interesse da elite e os discursos midiáticos proferidos por gestores públicos e líderes religiosos ao afirmarem o carnaval como festa do pecado.

PALAVRAS-CHAVE: Escola de samba; Carnaval; Pecado; Festa da carne.

CONSIDERATIONS REGARDING THE ASSOCIATION OF CARNAVAL AS A FEAST OF SIN

ABSTRACT: Over time, several associations were made to the festivities of the carnival period, one of them was the understanding of carnival as a Meat Festival with sexual and sinful connotations, but in this article we question these associations. How did they possibly arise and how did the carnival associations deal with them? What repercussions come from the understanding of the carnival of the samba schools as a libidinous party and how the media and bodies cross these relationships? The objective is to raise the debate and extend the carnival studies approaching the way in which the samba school parades are understood by the current Brazilian society. For this, we will carry out a historical survey of the origin of carnival and an analysis of the way in which the media explored the bodies of the revelers in the parades in order to understand the game of interest of the elite and the media speeches given by public managers and religious leaders when they affirmed the carnival as a feast of sin.

KEYWORDS: Samba school; Carnival; Sin; Meat Feast.

Eu sou Mangueira, meu senhor
Não me leve a mal
Pecado é não brincar o carnaval!¹

Durante minha pesquisa de doutorado em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), cujo objetivo do estudo é refletir perante o uso da imagem de Jesus nos desfiles das escolas de samba, me deparei com falas como “o carnaval é a festa do pecado”. Afirmações que me estimularam a refletir perante a formação do carnaval no Brasil como local do pecado, do exagero e, como alguns falam, a “festa da carne” com sentido libidinoso. O intuito é questionar este local e quais suas consequências para a arte carnavalesca buscando compreender como o carnaval dialoga com as tensões entre instituições religiosas e sociedade. Este artigo é um recorte de minha pesquisa acadêmica que se encontra em andamento, portanto, não objetivo por respostas e sim pela possibilidade de diálogo e reflexões sobre o tema.

1 | O JESUS DA MANGUEIRA

No ano de 2020 a escola de samba Estação Primeira de Mangueira apresentou o enredo intitulado “A verdade vós fará livre” do carnavalesco Leandro Viera. O enredo aborda a possibilidade do retorno de Jesus Cristo no Brasil atual. Este Jesus nasce pobre, negro e favelado no Morro da agremiação e enfrenta o atual sistema sociopolítico brasileiro. Um Jesus plural cujo sua *imagem e semelhança* pode ser a indígena, a mulher, entre outras faces abordadas pela escola.

Em entrevista para o canal do *youtube* da Rádio Arquibancada, Leandro falou sobre a proposta do enredo para 2020, que tem como origem nos anseios e inquietações da comunidade do Morro da Mangueira:

[...] o que me cerca, o que me serve de contorno, influencia diretamente aquilo que eu proponho para o carnaval que eu quero apresentar. Por exemplo: essa ideia de levar o Cristo para o carnaval de 2020 ela tem intimidade profunda com o morro da Mangueira pentecostal. O morro da Mangueira evangélico. O crescimento dessa mentalidade evangélica. De pessoas que, eu acho que de alguma forma na minha cabeça, é preciso dialogar porque eu convivo no morro da Mangueira; eu convivo com pessoas de lá. E bem próximo a quadra da Mangueira, bem próximo a entrada da Mangueira, têm igrejas evangélicas que dialogam naquele universo. [...] disputa espaço, disputa narrativa [...] A informação, por exemplo, de que escolas de samba estão perdendo baianas porquê baianas estão virando evangélicas, pra mim, é uma informação importante que desperta uma centelha e essa centelha quer levar ao debate e esse debate, na minha cabeça, pode virar carnaval. [...] Isso gera na minha produção artística uma inquietação [...] a inquietação tem sido uma espécie de norte para o meu trabalho plástico e de discurso de mensagem artística (VIEIRA, 2020, 00:41:46).

¹ Trecho do samba-enredo da Estação Primeira de Mangueira no carnaval de 2018. Composição: Lequinho, Junior Flonda, Igor Leal, Gabriel Martins, Gabriel Machado, Alemão do Cavaco e Wagner Santos.

Possivelmente o fato de as baianas deixarem a escola e migrarem para igrejas evangélicas tem como justificativa o entendimento de que o carnaval é pecado, de que no samba e na escola de samba não existe a presença de Deus. Pensando o projeto do desfile carnavalesco como uma resposta e buscando dialogar com o pensamento neopentecostal de que Deus não habita nos locais que não sejam locais de fé como templos e igrejas, Leandro desenvolve o enredo da Mangueira de 2020 carnavalizando a imagem do retorno de Cristo nos dias de hoje, um Cristo que nasce no morro da Mangueira e que estar presente no samba. Pegando este fato como ponto de partida para esta reflexão, começo a traçar uma possibilidade de diálogo com o pensamento religioso que afirma a perspectiva do carnaval como local do pecado.

2 | ORIGEM DAS FESTAS

Para refletir sobre o local do carnaval desde sua origem e onde o pecado possivelmente acabou sendo inserido em sua história, faz-se relevante falarmos sobre o surgimento das festividades e sua relação com a quaresma cristã. Vejamos:

A história começou no ano de 604 quando o papa Gregório I deliberou que, num determinado período do ano, os fiéis deveriam deixar de lado a vida cotidiana para, durante um certo número de dias, dedicarem-se exclusivamente às questões espirituais. Todo esse evento durava em torno de quarenta dias, lembrando os quarenta dias de jejum e provações passadas por Jesus no deserto antes de iniciar o seu ministério apostólico. Por causa disso o período ficou com o nome de 'quadragésima' ou 'quaresma' (FERREIRA, 2004, p. 25).

Na quarta-feira de Cinzas havia o costume de marcar a testa dos fiéis com símbolo da cruz feito de cinzas de uma fogueira, que simbolizava a penitência, este dia ficou marcado como início desse período da quaresma. Era permitido fazer, nos dias que antecediam a quaresma, tudo aquilo que as pessoas teriam como privação social durante a mesma, isto é, comer carne, beber, dançar, cantar, festejar e ter relações sexuais. As confraternizações nesses dias antes da quaresma visavam aproveitar ao máximo possível estes desejos antes das restrições religiosas. Este período de festividades tinha o nome de "*Carne Vale*", que significa "adeus à carne" (FERREIRA, 2004). Com o passar dos anos, as festas foram ganhando formas diversas e se tornando um acontecimento mundial.

Esses dias de festa eram interpretados de diversas formas distintas de acordo com as localidades em que ocorriam. A vida difícil na Europa com poucos recursos, muito trabalho e sofrimento fez o homem imaginar um lugar onde não existiam estas dificuldades. Um local que existia muita comida e não precisavam trabalhar. Surge a interpretação de o *País da Cocanha* ou Mundo da Abundância.



Imagem 01: Obra “The Land of Cockaigne” de Pieter Bruegel (ano 1567 - Altura: 52 cm; Largura: 78cm).

Fonte: <https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Schlaraffenland.jpg>.

Analisando a pintura de Pieter Bruegel (imagem 01) vemos as pessoas deitadas no chão sem fazer nada; este era a imaginação do ideal de uma vida fácil e sem sacrifício. Também percebemos que a comida brotava em árvores e já vinha pronta, sem precisar cozinhar ou prepará-las; além da comida brotar das telhas das casas e etc.. São muitas as análises que podemos tirar da obra, em todo caso, o que é relevante é o ideal de vida fácil que se tinha como algo oposto a vida cotidiana europeia. “Essa ideia de abundância e de barriga cheia estava diretamente associada ao que as pessoas pensavam do tempo carnavalesco medieval. Os dias festivos anteriores à Quaresma eram como se, por algum tempo, o Reino da Cocanha existisse de verdade” (FERREIRA, 2004, p. 35). Assim, as festividades carnavalescas começam a ser vistas como um momento oposto ao cotidiano, isto é, um momento da vida em que as pessoas tentassem concretizar um ideal de fartura com muita comida e lazer.

Comer e beber de maneira farta passou a ser um hábito neste período que antecedia a quaresma, portanto, comer carne se tornou um “evento”. Em uma região fria como a Europa, de vida árdua, se privar de comer carne era um “jejum” difícil de ser feito por quarenta dias, desta forma, era compreendido como necessário comer bastante carne para se despedir bem desta alimentação. O “adeus à carne” – *Carne Vale* – deu origem a palavra “carnaval”, assim, a primeira relação do carnaval como “festa da carne”, aqui associado a alimentação, tem esta origem epistemológica.

Esta ideia do carnaval como momento oposto a vida diária, vai dar origem a ideia de um mundo ao avesso, isto é, durante das festividades de momo as pessoas poderiam

sair da rotina diária. Sair da “norma social” fazendo coisas que não fariam no cotidiano ou em público e/ou fingir ser quem não são durante as brincadeiras carnavalescas. Segundo Damatta (1997, p. 52, grifos do autor):

As festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa. Daí o cotidiano ser designado pela expressão *dia a dia* ou, [...] *dura realidade da vida*. Em outras palavras, sofre-se na vida, na rotina impiedosa e automática do cotidiano, em que o mundo é reprimido pelas hierarquias do poder e, [...] obviamente, do “cada coisa em seu lugar”.

Assim, o carnaval se torna o lugar onde este sofrimento cotidiano poderia ser pausado e o folião viveria uma possível “suspensão” das regras sociais. Esta suspensão no carnaval não é completa, pois um folião pode se vestir de policial e brincar as festas fingindo ser o mesmo, atuando como tal, mas o policiamento nas ruas ainda exerce uma hierarquia perante ele. Para o pesquisador

Novamente estamos diante da inversão que pode permitir a subversão temporária, mas básica, da hierarquia secular da sociedade, criando outras áreas e linhas de poder. E, note bem o leitor, inverter não é liquidar a hierarquia ou a desigualdade, mas apenas submetê-las, como numa experiência controlada – caso das festividades – a uma recombinação passageira (DAMATTA, 1997, p. 177).

Popularmente se fala que “no carnaval pode-se tudo”, mas não é bem assim, as hierarquias ainda existem dentro da festividade. O policiamento nas ruas, por exemplo, ainda vai exercer força, ordem e poder perante o brincante. Contudo, entendemos que existem hábitos que podem ser feitos nestes dias cujo o cotidiano social “não permitiria”. Possivelmente, com esta recombinação das hierarquias e a liberdade de fazer coisas que a rotina da vida diária não permitiria, o carnaval ganha contorno de um entendimento que seus eventos são percebidos como algo extracotidiano, pelo qual, tudo poderia ser permitido.

O relevante é entender que este avesso também pode acontecer quando um folião interpreta na folia personagens que não fazem parte de sua vida. Citando o samba-enredo da escola de samba Beija-flor de Nilópolis de carnaval de 1989: “Sou na vida um mendigo/ Da folia, eu sou rei”².

As escolas reúnem pobres e milionários, astros de futebol e do rádio, televisão e cinema, e a população do Rio fica segmentada e dividida segundo suas preferências por essa ou aquela escola, como acontece com o futebol. Além disso, o desfile desses grupos é revestido de extrema pompa, já que se fundamenta na teatralização que tem como tema personagens, ambientes e ações de um período aristocrático ou mítico, tal como esse período é percebido pelos membros das classes dominantes. Chama a atenção, nesses desfiles, a inversão constituída entre o desfilante (um pobre, geralmente negro ou mulato) e a figura que ele representa no desfile (um nobre, um rei, uma figura mitológica) e, ainda, a participação de toda a sociedade, seja como

2 Composição: Betinho, Glyvaldo, Osmar e Zê Maria.

juiz, seja como torcedor (DAMATTA, 1997, p. 58).

Brincar o carnaval é extravasar uma alegria podendo viver um personagem durante os dias de festa realizando ações extracotidianas. É viver a possibilidade de uma outra vida por meio da teatralização; ser um mendigo na vida e na folia poder ser um rei. “Essa teatralização salienta o caráter domesticado da transmutação de pobre em nobre, quando realizada em momentos programados, como ocorre no carnaval” (DAMATTA, 1997, p. 58). A teatralização abre brecha na rotina cotidiana permitindo o folião a brincar nas ruas, nos cortejos ou nos bailes extravasando suas dores do sofrimento cotidiano ao experimentar a possibilidade de vida distinta daquela diária. Essa “mudança” ilusória de status social pode ser percebida como uma possibilidade de avesso; o carnaval como uma festa que bagunçaria a hierarquia social. Assim, vemos as colocações que proferem o discurso do carnaval como festa da bagunça.

3 | O CARNAVAL NO BRASIL

No Brasil, as festividades carnavalescas chegaram com os portugueses. Um conjunto de brincadeiras chamadas de Entrudo que consistia em jogar limões de cheiros e outras substancias nas pessoas que passavam nas ruas.

[...] a brincadeira não era tão inocente e incluía ataques perigosos feitos do alto das casas ou sacadas de prédios. Os passantes recebiam sobre suas cabeças sacos de areia,oringas e até tachos de cobre. Sem contar que os foliões besuntavam escadas para provocar tombos, lambuzavam as maçanetas para evitar que as pessoas entrassem em casa, serviam sopas apimentadas e zombavam dos habitantes do local” (MONTEIRO, 2010, p. 27).

Na imagem 02 vemos pessoas nas ruas sendo molhadas por outras que estão nas janelas das casas. O que começa a irritar a burguesia brasileira nestas festividades é o fato de a qualquer momento que eles saíssem nas ruas poderiam ser molhados e/ou sujos de algo indesejável. Era uma burguesia que queria ocupar os espaços da rua para serem vistos, para exibir o seu status, então, a rua passa a ser um território que precisava de um controle. Se andar pela rua tinha se tornado perigoso devido as brincadeiras do Entrudo, então era preciso fazer algo para que elas acabassem.



Imagem 02: O Entrudo retratado por Angelo Agostini (Carnaval de 1882).

Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/carnaval-de-debret/entrudo-retratado-por-angelo-agostini-carnaval-de-1882-cidade-do-rio-de-janeiro/>.

As brincadeiras eram vistas como algo ultrapassado e ainda ligado a uma herança lusitana. A elite começa a perceber estas festividades na rua como desordem, sujeira e algo perigoso. Assim, o carnaval no Brasil começa a ser percebido como sinônimo de desordem. Frases como “isto estar um carnaval” – como sinônimo de bagunça – começam a se popularizar. Para ocupar as ruas, a elite precisava mudar a forma como o carnaval era feito no país.

O carnaval no Brasil passa a ser inventado a partir da influência do jogo de interesse das classes sociais dominantes que objetivavam ocupar os espaços da rua (FERREIRA, 2004). A Elite começa a importar festividades da Europa para compor seu carnaval, como os bailes de máscaras. “A ideia de civilizar o Brasil através do contato com o europeu estava presente no Carnaval dos passeios, desfiles e bailes desejado por boa parte da burguesia” (FERREIRA, 2004, p. 250). Burguesia tenta proibir o povo de brincar o Entrudo nas ruas. “‘Fora o Entrudo das sociedades semi-bárbaras; viva o Carnaval das sociedades cultas!’ O texto acima, publicado no *Jornal do Commercio*, de 16 de fevereiro de 1904, representa, com muita propriedade, o que a burguesia brasileira pensava sobre a festa carnavalesca do início do século XX no país” (FERREIRA, 2004, p. 226). O objetivo de atrair o turismo para a cidade do Rio de Janeiro e da elite em frequentar as ruas, acaba por estimular a “organização” das festividades. Todo este jogo de interesses da classe dominante perante a festa vai criar diversas formas de perceber o carnaval brasileiro, pois a elite tanto vai popularizar as ideias medievais da Europa em que o carnaval do Entrudo era o local da desordem, do extravagante e do exagero como vai importar um carnaval “mais civilizado”

para representar, perante o mundo, um Brasil culto e elitizado. É desta perspectiva que a elite vai estimular a visão que o carnaval de rua, ou aquele que ela não controla e/ou não participa, é algo desordeiro que deve ser evitado.

É válido salientar que o que sobrevive do carnaval dos séculos XIX e XX no Brasil para nossa atualidade são os blocos de rua e as escolas de samba. Nenhum destes dois foram carnavais importados pela Elite brasileira para lhes representar, ou seja, o povo quem determinou os festejos carnavalescos. Isto fez com que a Elite tivesse um desgosto perante as festividades.

As escolas de samba, por exemplo, surgem do morro, das favelas, do samba que se tocava nestes locais, do negro querendo fazer parte da festa. O samba não só foi marginalizado como recebeu também o discurso de que era algo pecaminoso. Em 1916 surge o primeiro samba, Pelo Telefone³, “[...] Os compositores foram recebidos sob protestos, visto que o ritmo era reconhecido como o som que ecoava nos encontros de músicas pobres e nas festas do morro onde moravam os pobres e negros” (MONTEIRO, 2010, p. 41). Ao longo de toda a história do carnaval brasileiro a elite decorre várias tentativas de desmoralizar o desfile da escola de samba e a festividade carnavalesca. Esta rejeição vai atravessar a forma como o carnaval é visto como errado, pecado e improprio ainda hoje. O corpo do folião, que precisa ser dócil socialmente (FOUCAULT, 1987), acaba sendo o alvo de críticas por aqueles mais conservadores e aqueles que veem as festividades como desordem.

Os primeiros barracões das agremiações carnavalescas foram nos terreiros das religiões de matrizes africanas. O toque dos tambores e pandeiros tem ligação com o toque destas religiões. O corpo que atravessa essas regiões também se encontra atravessado pelas festividades carnavalescas. A alegria do povo negro das favelas e suas festas afrodescendentes são rejeitadas por uma burguesia e por conservadores religiosos que percebem estas religiões e suas manifestações como pecados e como expressões inferiores. Os religiosos mais severos enxergam no samba um local que coloca o corpo – que deve ser dócil pelos dogmas sociais e religiosos – em um pecado. Assim, pelo olhar destes religiosos, o desfile da Mangueira de 2020 ao apresentar um Jesus que nasce no morro e frequenta a escola de samba estaria colocando Jesus como pecador.

Começamos este trabalho apresentando como o carnavalesco buscou dialogar com o movimento neopentecostal do morro da Mangueira ao apresentar a possibilidade que Deus pode estar presente no samba. “Me encontro no amor que não encontra fronteira/ Procura por mim nas fileiras contra a opressão/ E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão”⁴. Se Deus existe no olhar da porta-bandeira para o pavilhão da escola então ele estar em todos os locais, inclusive no carnaval. Se ele estar no meio de nós, ele também estar no meio de um desfile carnavalesco.

3 Composição de Ernesto dos Santos, conhecido como Donga, e do jornalista Mauro de Almeida.

4 Composição de Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo.

Porém, a formação iconográfica do corpo de Jesus na cruz foi feita de forma que expressasse a vitória do espírito perante a carne, perante o pecado (TREVISAN, 2003). Colocar Jesus no carnaval seria fornecer a vitória ao pecado, já que a “festa da carne” estaria compreendida como a festa do pecado? A elite tentava impor uma forma de carnaval ideal para o povo e a religião tentava controlar os corpos dos fiéis para reafirmar seus dogmas e crenças, esta relação vai estimular a associação do carnaval como lugar do pecado. O cristão não deve se colocar neste lugar e os santos e Deus não pertenceriam as festividades.

Contudo, muitas imagens de Jesus atravessaram o sambódromo, algumas foram censuradas e outras negociadas com as instituições religiosas (SILVA, 2020). A elite brasileira e alguns representantes religiosos também proferiram críticas perante o desfile da Mangueira de 2020⁵. O diálogo se tornou necessário e aconteceu por diversos setores⁶, alguns menos amistosos. Algumas colocações fundamentadas no prisma do carnaval como a festa do pecado; outras comparando o Jesus da escola com traficantes e bandidos.



Imagem 03: Postagem do político Daniel Silveira⁷ em seu *Twitter*.

Fonte: <https://www.portaldoholanda.com.br/carnaval-do-rio/mangueira-causa-debate-na-web-apresentando-jesus-negro-mulh>.

5 Para mais informações: **Blasfêmia!** Mangueira 2020/ Jesus corpo de mulher. [S. l.: s. n.], 25 jan. 2020. 1 VÍDEO (13min 35seg), son., color. Publicado pelo canal A voz do povo notícias. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C_PTFcjavbw. Acesso em: 04 jul. 2022.

6 Para mais informações: **Como era e como seria Jesus hoje?** Setores religiosos estão ressabiados com desfile da Mangueira. [S. l.: s. n.], 20 fev. 2020. 1 VÍDEO (08min 29seg), son., color. Publicado pelo canal Morning Show. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FRSo0freOXc>. Acesso em: 04 jul. 2022.

7 Daniel Lucio da Silveira é um ex-policial militar, político, filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro e deputado federal pelo Rio de Janeiro. Ele foi preso em 16 de fevereiro de 2021, após publicar um vídeo com injúrias e ameaças a ministros do Supremo Tribunal Federal.

Apontando como exemplo, o carnaval da Mangueira de 2020 teve como personagem central um Jesus negro, favelado e podre que pregado na cruz, na alegoria *O Calvário*, é um apontamento do enredo perante como a sociedade trata estes indivíduos negros na atualidade brasileira. Se Jesus voltasse hoje e fosse negro e favelado, ele seria perseguido pelo sistema social racista e, possivelmente, seria crucificado pela elite social e pelos *profetas da intolerância*⁸.

Para Roberto DaMatta (1997) a burguesia social tolera o fato do pobre no carnaval representar os burgueses, se passar por integrantes da alta sociedade, imitar o nobre e rico, mas, quando essa teatralização carnavalesca expressa uma crítica, uma denúncia ao sistema ou um discurso de luta social em que o pobre questiona aqueles que estão no poder, o que provocam em quem se identifica com esta burguesia a rejeição à festa e ao samba. A Mangueira ao apontar que a sociedade atual crucificaria um Jesus negro também denuncia e critica o quanto este sistema social é racista e preconceituoso.

Na imagem 03 temos a postagem de um político brasileiro em suas redes sociais perante o Jesus negro do desfile da Mangueira no carnaval de 2020 afirmando que o Jesus crucificado, no carro *O Calvário*, é um bandido. Se fosse a imagem de um Jesus branco de olhos claros será que o deputado iria fazer a mesma associação? Vivemos em uma sociedade racista que ainda persegue o negro, sua cultura e religiosidade “pregando-os” todos os dias em cruzes e o carnaval das escolas de samba, manifestação negra, nascido nas favelas, termina sendo associado a desordem e ao pecado. O diálogo, aqui proposto e necessário, se faz para entendermos este sistema e para nos colocarmos perante ele em prol de melhorias e respeito.

4 | AS RELAÇÕES SEXUAIS

O carnaval medieval não era apenas este período de se alimentar de forma exagerada e teatralizar personagens, mas de exacerbar outras coisas que seriam privadas na quaresma como as relações sexuais. A Igreja controlava os corpos de seus fiéis e as privações na quaresma também atravessavam as relações amorosas. Desta forma, percebemos que, assim como havia um certo exagero no consumo de bebidas e comidas, também haviam os mesmos nas relações sexuais. Mesmo se tratando de pessoas casadas. Aqui, talvez, podemos começar a refletir perante uma libidinagem no período carnavalesco.

Em uma sociedade que controla as corporeidades, a sexualidade do corpo se torna o local de maior controle. Para Foucault (1987) um corpo disciplinado pelo sistema social em que está inserido é um corpo dócil; este não só se apresenta dentro das normas e padrões sociais que vigoram na sua sociedade, mas também educa outras corporeidades

8 Termo usado pela escola para designar os religiosos facistas que crucificariam Jesus na atualidade. O trecho do samba-enedo fala: “Eu tô que tô dependurado/ Em cordéis e corcovados/ Mas será que todo povo entendeu o meu recado?/ Porque de novo cravejaram o meu corpo/ Os profetas da intolerância/ Sem saber que a esperança/ Brilha mais na escuridão”. Composição de Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo.

a obedecer uma norma social. Quanto mais disciplinado o corpo for mais obediente as normas sociais o indivíduo será e, portanto, mais dócil. Desta forma, a liberdade sempre parece desrespeitosa e o corpo, como local de prisão tanto física quanto psicológicas pelos sistemas, se torna ofensivo no momento em que se coloca enquanto libertador. Para o sistema, o corpo do folião pode brincar o carnaval, mas deve se comportar e, para a Igreja, o corpo não deve ser colocado em local de pecado. A sexualidade como ato de liberdade corporal é vista como pecaminosa pelas religiões cristãs, assim, o extravasar de seus desejos sexuais nas festividades acaba sendo visto como algo que deve ser evitado.

O fato da sexualidade ser controlada durante a quaresma fez com que nas festas que a antecediam gerassem uma possibilidade de expressá-la, isto faz com que o carnaval comece a ganhar uma conotação de lugar libidinoso. A sexualidade que se expressa é vista como um ato pecaminoso, portanto o carnaval se coloca como local que estimula o pecado. A “carne” deixa de ter conotação de “o alimento” para ser percebida como “sexualidade” e não importa aqui se estamos falando sobre heterossexualidade ou outras sexualidades. A reflexão proposta é indagar as mudanças de significado da “festa da carne” a partir do sinônimo de festa libidinoso.

5 | A EXPLORAÇÃO DA MÍDIA

A elite pode ter criado narrativas perante o carnaval que foram usadas por alguns políticos e representantes religiosos criarem seus discursos, porém a exploração dos corpos pela mídia termina sendo aquilo que mais corroborou para a associação do carnaval como festa libidinoso.

O carnaval brasileiro é um reflexo do jogo de interesses das classes sociais (FERREIRA, 2004). Por ele, o corpo passou a ser produto de consumo para conquistar a audiência televisiva. A disputa entre as transmissões dos desfiles das escolas de samba, por exemplo, entre a extinta TV Manchete e a Rede Globo de Televisão, acentuou o lugar do corpo feminino como produto para adquirir mais ibope. Isto acarreta em um ponto importante para o entendimento do carnaval como pecado: a sexualidade sendo potencializada pela exploração do corpo, principalmente o da mulher, tanto pela mídia que noticiava em revistas e jornais quanto transmitia os desfiles pela televisão.

Os estudos de Selma Felerico (2008) apontam para como os corpos femininos foram explorados por essa mídia, pelas revistas, campanhas publicitárias e como as modelos ocuparam os lugares de destaques nos desfiles das escolas de samba visando ingressarem na fama. Para a pesquisadora:

O desfile de belezas contou ainda com Juliana Paes, a rainha de bateria da Viradouro, eternizada como “Boa”, ícone da campanha publicitária da cerveja Antártica, desde os anos 2000. Vale ressaltar que modelos, atrizes e apresentadoras de televisão, desde a década de 1980, ganham cada vez mais espaço na mídia, roubando a cena dos foliões, dos sambistas e dos passistas na Avenida Marques de Sapucaí. Várias celebridades fizeram sua

fama a partir do carnaval, como Luma de Oliveira, Monique Evans, Valéria Valenssa, Viviane Araújo, Nani Venâncio, entre outras. [...] Vários artigos informam que todo o sacrifício das modelos e atrizes tem, muitas vezes, como objetivo serem reconhecidas pela mídia e assim conseguirem bons papéis na televisão, fechar contratos publicitários vantajosos ou posarem para a revista *Playboy* (FELERICO, 2008, p. 8-9).

Podemos apontar que houve interesse das modelos, atrizes e mulheres pertencentes as comunidades de cada agremiação em aparecerem com destaque nos desfiles na tentativa de terem oportunidades de trabalho ou serem famosas, nem que para isto permitissem a mídia televisiva explorar seus corpos. Esse confronto por audiência nas transmissões foi especialmente acirrado entre as redes de televisão Manchete e a Globo e, como consequência, as imagens da transmissão das décadas de 1980 e 1990 dos desfiles disputavam sobre quem mostra mais o corpo das mulheres. Deste contexto de exploração do corpo feminino, surgem as câmeras ofensivas que focam detalhes dos corpos das assistidas quase como quem faz um “exame ginecológico”. Essa é a imagem que a mídia vendeu do carnaval e a cereja desse bolo foi a nudez da Mulata Globeleza⁹.

Assistindo aos desfiles postados na plataforma de vídeos como o *Youtube*, durante o processo de pesquisa da tese, terminamos encontrando, em um deles, algo na abertura das transmissões do carnaval da Rede Globo de Televisão que nos chamou a atenção. Alguma coisa acontecia no finalzinho da vinheta, quando o símbolo da emissora cobre a Globeleza Valéria Valenssa: ela aparece nua por um instante (imagem 04).

9 A Globeleza é o nome usado pela Rede Globo de Televisão para sua transmissão dos desfiles. Para as vinhetas, a Globo criou a Mulata Globeleza, cuja Valéria Valenssa ficou à frente deste cargo por 14 anos. Na disputa por audiência com a Manchete e na exploração do corpo da mulher nas transmissões, a Globeleza, como a personagem foi chamada, se tornou nacionalmente conhecida e chegava a ser disputada por algumas agremiações para que ela desfilasse na escola. Chegou a ter outras mulheres fazendo a personagem e até a ficar vestida – momento que houveram bastantes críticas por ela não estar seminua mais -, mas com o advento dos questionamentos feministas perante o corpo da mulher no carnaval e na sociedade como um todo, esta personagem deixou de compor a vinheta da emissora.



Imagem 04: Vinheta de abertura da *Globeleza* no carnaval de 1994.

Fotografia: Captura de tela da transmissão dos desfiles pela Rede Globo de Televisão aos 00:00:05.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=4PuMuhfDpAY>.

Pausando a vinheta foi possível ter acesso à imagem e perceber o quanto o corpo da mulher negra foi, e ainda é, explorado nas transmissões carnavalescas como produto dos desejos masculinos machistas e reforço da ideia de que o carnaval é o espaço-tempo por excelência da nudez, da libido e do sexo. Assim, o carnaval acaba sendo percebido como o lugar que explora os corpos e estimula suas sexualidades, o que incentivaria, segundo algumas falas, as pessoas à prática do sexo, ou seja, a culpa não é da mídia e sim do carnaval! Nesse jogo de poder a mídia é inocentada de seu ato de exploração, contudo existe interesse dela em filmar estes corpos seminus e existem interesse das modelos em exibi-los para se tornar possíveis famosas.

Em um breve levantamento histórico perante o corpo da mulher e o carnaval das escolas de samba para problematizar o espaço da sexualidade, podemos olhar para os carnavais da década de 1970 que, com o advento dos profissionais do teatro nas escolas de samba, os desfiles se modificaram em vários aspectos. Um deles foi na Comissão de Frente cujo espaço era formado pelos baluartes, poetas e fundadores da escola, em sua maioria homens, passou a ter, em algumas agremiações, mulheres vestidas de vedetes¹⁰ do Teatro de Revista.

¹⁰ O Teatro de Revista apresentou um forte apelo à sensualidade do corpo feminino. As vedetes, como eram chamadas as mulheres que usavam biquínis ou maiôs exibindo suas curvas e beleza física, faziam parte da atração desta forma de teatro. Berta Loran, Dercy Gonçalves, Elvira Pagã e Aracy Cortes são alguns nomes de atrizes que ficaram famosas por serem vedetes.



Imagem 05: Imagem do desfile da Portela em 1976. Foto de Eurico Dantas.

Fonte: <http://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=fotos1976>.

A imagem 05 mostra um registro da agremiação Portela que apresentou em 1976 uma Comissão de Frente formada por mulatas vestidas de vedetes. Observamos pela imagem o quanto a figura feminina começa a ocupar o espaço, que antes era pertencente ao homem nos desfiles, acarreta em reverberações.

Não demorou até os baluartes da escola criticarem estas mudanças em prol de uma tradicionalidade dos desfiles. Candeia¹¹ passou a questionar o gigantismo do carnaval e a popularidade midiática na festa na década de 1970 (CANDEIA; ISNARD, 1978). Para ele, o carnaval estava perdendo seu vínculo com a comunidade, com as raízes negras e com o popular devido esse crescimento estimulado pela exploração da mídia e do mercado: “[...] esses espetáculos carregando carros vultosos puxados por tratores ou jipes levando mulheres seminuas representam shows importados ou teatro de Revista” (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 70) e completa que

Assim como a “Comissão de Frente”, lançado inicialmente com o objetivo de dar aos mais antigos componentes sambistas da Escola, a possibilidade de desfilar andando e apresentando sua Agremiação. A infiltração de falsos evolucionistas tirou dos antigos sambistas esta alegria, colocando em seus lugares mulatas de corpo bem feito e que na sua maioria não têm nada a ver com as Escolas de Samba (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 35).

A própria escola do Candeia, a Portela, desfilou com mulatas em 1976 (imagem 05)

¹¹ Antonio Candeia Filho, conhecido apenas como Candeia, é sambista e compositor de músicas como “O mar serenou” interpretada por Clara Nunes. Aos 13 anos ele já desfilava na Portela, chegou a compor vários samba para a agremiação. Ele é um representante importante do meio carnavalesco que dialogava com a negritude.

compondo a Comissão de Frente. Para ele: “Não que tenhamos preconceito contra essas lindas criaturas, também gostamos do belo frágil, mas sim por sabermos que elas nada têm a ver com o samba e nada podem representar para a Escola, a não ser para aqueles que cultuam o sexo” (CANDEIA; ISNARD, 1978, p. 78). É exatamente na busca pela audiência desses que “cultuam o sexo” que a mídia vai potencializar a sensualidade dos corpos nas transmissões e nas fotografias das revistas. Se uma escola recebe mais repercussão midiática por ter mulheres com corpos *seminus* em seu cortejo, outras agremiações vão querer copiar a fórmula para tentarem obter seu espaço na mídia e vão estimular suas componentes a se exibirem.

Falando de década de 1980, de um Brasil após ditadura que desejava ser um país livre e próspero, este sentimento de liberdade atravessou os corpos nos cortejos carnavalescos. O corpo outrora estimulado pelo controle do sistema a ser dócil agora se colocava em estado de liberdade após a ditadura. Nos dias do reinado de Momo, isto é, nos dias do mundo do avesso em que “tudo era permitido”: extravasar, beber, comer, ter relações exacerbadas e ficar *seminu* nos desfiles, a liberdade dos corpos se tornou algo incentivado pela mídia e legitimado por um sentimento de liberdade pós ditadura.

O sentimento de liberdade também contribuiu para naturalizar a exploração do corpo na mídia. Se tornou não questionável ver corpos *seminus* sendo explorados pelas novelas, filmes e propagandas de televisão nas décadas de 1980 e 1990, por exemplo. A naturalização da exploração do corpo pela mídia vai reforçar o entendimento que a “carne” – antes sinônimo da festa que se despede da alimentação da carne – agora como a carne sexualizada, isto é, a festa do ato sexual. Se o espectador tem acesso aos desfiles das escolas de samba apenas por aquilo que a televisão transmite, ou seja, acesso a esta exploração do corpo de forma sexualizada e naturalizada, ele vai perceber os cortejos como locais de conotação sexual.

Todo este conjunto de fatores vão solidificando o espaço para o sentido de o carnaval ter, pelos neopentecostais e alguns outros conservadores religiosos, sinônimo sexual. É o resultado da forma como a mídia explora os corpos até hoje e a maneira como a sexualidade é tratada com tabu em nossa sociedade que vai potencializar essa conotação. Não falamos sobre sexo, não discutimos sobre a exploração dos corpos pela mídia, pelas novelas, pelas propagandas de televisão. Esta ausência cria lacunas que serão preenchidas pela desinformação e pelo preconceito. O sexo ainda é visto como tabu e o corpo como algo que não pode ser livre e prazeroso.

6 | AS IMAGENS DE SEXO NAS AGREMIÇÕES

Para problematizar esta questão do uso de imagens de sexo no carnaval, pois acreditamos que as agremiações carnavalescas tiveram interesses em explorar estas imagens – sejam em esculturas ou nos corpos dos foliões –, olhamos para o desfile da

agremiação Acadêmicos da Grande Rio no carnaval de 2004, enredo intitulado *Vamos vestir a camisinha, meu amor!*. O carnavalesco Joãozinho Trinta realizou este carnaval sobre a prevenção do vírus HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (IST), o enredo relacionado as campanhas do Ministério da Saúde.

A narrativa deste desfile começa abordando o Jardim do Éden e a primeira relação sexual. Depois de o ser humano usufruir dos prazeres do jardim, precisou “entendê-los”, para isso, o segundo setor do desfile apresenta os manuais de prazer do antigo Oriente, o Kama Sutra, que seriam as primeiras formas de entendimento do corpo e seus prazeres. No setor seguinte, surge o vírus e as doenças; e, para combatê-las, um setor mais na frente abordou as primeiras formas de prevenção, as primeiras camisinhas feitas de vísceras de animais, para depois, em um último setor, tratar das campanhas nacionais para tratamento e prevenção, estimuladas pelo Ministério da Saúde. Na proposta narrativa deste desfile, o sexo não é visto como a Igreja quer que seja, isto é, o sexo não é pecado e o corpo é livre para amar, na narrativa do enredo.

Em 2004, novo milênio, século XXI, o Brasil ainda não conversava suficientemente sobre sexo. Embora fosse uma questão vital o incentivo ao uso de preservativos, o diálogo parecia limitar-se a questões médicas. O carnavalesco João, ao nosso ver, desejava com seu desfile conversar sobre algo mais do que isso: que seu desfile fosse uma narrativa não violenta do ato sexual. O entendimento de liberdade do corpo que pode amar quem quiser sem pudor e medo do pecado. Mas, a Igreja entendeu como uma narrativa que estimulava a libertinagem e a promiscuidade. Durante muitos anos a Igreja não aprovava o uso de anticoncepcionais e preservativos sobre a alegação que isto estimulava a promiscuidade. Já o desfile fazia campanha para o uso, então podemos apontar um embate de narrativas entre ele e as instituições religiosas cristãs.

A pesquisadora Fátima Lima (2021, p. 180) aponta que “No âmbito da justiça, o Ministério Público emitiu uma liminar proibitiva a partir de uma representação da União dos Juristas Católicos do Rio de Janeiro que ‘argumenta que o enredo desrespeita ‘valores envolvendo a família, a dignidade da pessoa humana e o Estatuto da Criança e do Adolescente’”. Neste sentido, falar sobre prevenção parece desrespeitar a sociedade brasileira, mais ainda se levarmos em conta que esta é uma sociedade que foi ensinada a perceber o carnaval como local de libidinoso ao invés de local possível de diálogo sobre as questões sociais.

O jornal Folha de São Paulo chegou a publicar uma entrevista com o assessor de imprensa da agremiação da época. Sobre a saída do João da escola. Avelino Ribeiro afirma que “A proposta era que o desfile fosse uma extensão da campanha de prevenção à Aids, mas isso ficou em segundo plano. Primeiro ficou a liberdade sexual, nas esculturas, nas alas, isso passou a ser a principal tônica do desenvolvimento do enredo” (FOLHA, 2004).

Nesta fala, chama a atenção o uso da expressão “liberdade sexual” quase como antagonista a “campanha de prevenção”. O corpo livre não pode se prevenir? Na proposta

narrativa da Grande Rio, percebe-se a abordagem da campanha de prevenção em setores do desfile que falavam também sobre os avanços científicos e as pesquisas perante as ISTs.

Contudo, trazer imagens da primeira relação entre Adão e Eva sem a perspectiva do pecado e abordar os manuais de prazer do Kama Sutra sem o temor e a culpa cristã parecem terem reduzido a visão do desfile a apenas estes dois setores – quase como ler dois capítulos de um livro e dizer que o entendeu. Dialetizzando liberdade carnavalesca e promiscuidade sexual, Lima (2021, p. 181) defende que:

A “liberdade” do desfile de *Vamos vestir a camisinha, meu amor!* não se relaciona com a suposta promiscuidade sexual no mundo carnavalesco do avesso, mas com as verdades que o carnaval pode contar. Não se trata, porém, de estabelecer, mas de desvelar verdades conhecidas e ocultas até agora insignificantes.

A verdade dos corpos que são aprisionados por um sistema de valores da Igreja, corpos dóceis de uma sociedade da “moral e bons costumes”, vem à tona com o desfile e sua repercussão. O corpo aprisionado não é um corpo que desfruta de sua sexualidade com liberdade, prazer e amor: é um corpo que percebe no ato sexual o temor e o pecado, tornando o sexo uma extensão desses valores forjados pelo medo e pela culpa. Neste sentido, o carnaval se torna um local possível para revelar para a sociedade o quanto os corpos que nela vivem estão aprisionados. Segundo Lima (2021), quando algo é encoberto num ato de censura, outra coisa é relevada: a forma como a sociedade trata aquela questão. Logo, o carnaval pode jogar na cara da sociedade seus próprios valores opressores, que ela exerce e ao mesmo tempo tenta esconder.

O mesmo processo é percebido na postagem do deputado da Daniel Silveira (imagem 03) ao tratar o corpo negro como bandido. A escola denuncia, pela imagem de Jesus negro, o quanto a sociedade é racista e martiriza estes corpos de negros, pobres e favelados. O apontamento da escola é claro: se Jesus voltasse hoje e fosse negro, ele seria crucificado novamente por um sistema social racista. A escola não aponta que o Jesus na alegoria, *O Calvário*, é um bandido. A associação é feita por quem entende aquele corpo expresso na escultura como um corpo de um bandido. Então, ao postar nas redes sociais afirmando que o Jesus na representação carnavalesca se trata de um bandido, apenas estar revelando como o corpo negro é percebido por este representante público. O racismo é expresso na fala de quem fez a postagem.

No caso do desfile de 2004 da Grande Rio, a escultura de Adão e Eva, que realiza o primeiro ato sexual da humanidade no carro abre-alas, foi coberta por um tecido dourado (imagem 06). Mas, o resultado desta censura tem a aparência de um casal que se cobriu com um tecido dourado na hora do ato; ou seja, tudo ainda continua visível na escultura, embora não haja órgãos genitais nelas (o que é muito comum no carnaval esculturas sem os genitais). Logo, a repercussão se deve à posição, que deixa revelar o ato sexual.



Imagem 06. Alegoria abre-alas *O Jardim das Delícias* do desfile da Grande Rio em 2004.

Captura de tela: Transmissão pela Rede Globo de Televisão aos 00:34:42.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ACgCl2_pYOo.

Observando a pesquisa de Lima (2021, p. 186) sobre o ocorrido, percebemos que “Segundo Paulo Silveira Martins Leão Júnior, presidente da entidade que fez a representação contra a alegoria, a questão é de natureza ‘ética, e não religiosa. Não somos contra nada que é insinuado. Mas nesse caso era algo muito explícito’”. Será que a vinheta da Globeleza em 1994 tinha uma nudez apenas insinuada mesmo ela aparecendo completamente nua (imagem 04)? O que seria tão explícito nesta imagem 06 para um desfile que aconteceu cerca de quatro horas da madrugada e do qual, se reprisado no turno da tarde, poderia ter a alegoria cortada na edição, para que as crianças não vissem?

O endereço eletrônico Observatório da Censura comentou o ocorrido e apontou a fala de Dom Eusébio Scheid, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, afirmando que “Não seríamos tão irresponsáveis ao ponto de mostrar para o mundo inteiro imagens que não pudessem ser vistas por qualquer pessoa, inclusive crianças”¹². Sua preocupação recai sobre a transmissão das imagens carnavalescas para o mundo inteiro, que chocariam crianças de todas as idades. O que fica de fato explícito é a demagogia social em relação àquilo que não se deve conversar: o sexo. O interessante é que a seminudez dos filmes, das novelas e das propagandas de televisão não chocam as crianças, para estes líderes religiosos; porém os desfiles das escolas de samba, um evento assistido por “todas as crianças do país”, assusta.

Esta censura do abre-alas não foi a única censura ocorrida no desfile, havia um tripé localizado antes da ala das baianas que remetia as passagens do Kama Sutra e a segunda

¹² Para mais informações: <http://observatoriodacensura.blogspot.com/2006/07/dom-eugnio-sales-e-censura-iii.html>.

alegoria do desfile, também sobre o mesmo tema, ambas foram censuradas com lonado preto e tecidos coloridos contendo uma faixa com a palavra “censurado”.

Houveram vários outros desfiles em que as imagens de corpos nus, seminus e esculturas de atos sexuais atravessaram a avenida, contudo todo este jogo de cobrir os corpos nus, de censurar esculturas em posições amorosas e da exploração da seminudez na festa teve um forte impacto no desfile aqui exemplificado resultando no afastamento do carnavalesco da agremiação.

O ponto importante debatido aqui é a possibilidade de perceber como as agremiações também se aproveitaram do uso destas imagens para compor seus enredos, atrair a atenção da mídia nas décadas de 1970 a 1990, e como a sociedade e as instituições religiosas reagiram a tudo isto. Como os conceitos e narrativas perante o carnaval criados pela sociedade e pela religião também afetaram nosso modo de ver a festa. A associação do carnaval como festa do pecado é a soma de diversos fatores e, é importante frisar, que todos possuem sua parcela neste processo, pois houveram interesses das diversas esferas sejam midiáticas, carnavalescas, sociais e religiosas. Este jogo de poder, de hierarquias, de interesses e a exploração da mídia televisiva e publicitária vão fortalecer as narrativas perante a festa, como se gerassem uma verdade absoluta. Algumas dessas associações existem desde o medieval europeu, outras foram construídas no Brasil por meio da elite, da mídia, do machismo e do racismo.

REFERÊNCIAS

CANDEIA; ISNARD. **Escolas de samba: a árvore que esqueceu a raiz**. Rio de Janeiro: Lidador/SESC, 1978.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FELERICO, Selma. Comprav-se corpos ultramedidos. Representações do corpo feminino na mídia impressa no carnaval brasileiro. *In: VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DE MÍDIA*, 4., 2008. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro, 2008. Disponível: <https://docplayer.com.br/33310269-Comprav-se-corpos-ultramedidos-representacoes-do-corpo-feminino-na-midia-impressa-no-carnaval-brasileiro-1.html>. Acesso em: 04 jul. 2022.

FERREIRA, Luiz Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FOLHA de São Paulo. **Grande Rio demite carnavalesco Joãosinho Trinta**. 25 fev. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u90623.shtml>. Acesso em: 04 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

LIMA, Fátima Costa de. **Alegoria benjaminiana e alegorias proibidas no sambódromo carioca: o Cristo Mendigo e a carnavalesca trindade**. 1.ed. São Paulo: Hucitec: A2, 2021.

MONTEIRO, Lucas. **Carnaval Capixaba**: histórias, honras e glórias. 1. ed. Serra, ES: Editora do Autor, 2010.

SILVA, Tiago Herculano da. As diversas faces de Jesus no desfile da Estação Primeira de Mangueira no carnaval 2020. *In*: III SEMINÁRIO (DES)FAZENDO SABERES NA FRONTEIRA: Lutas e (Re) Existências. v. 3, set. 2020. **Anais eletrônicos** [...]. São Borja – PA: UNIPAMPA, 2020. p. 869-890. ISSN: 2527-2411. Disponível em: <https://doity.com.br/iii-seminario-desfazendo-saberes-na-fronteira/blog/anais>. Acesso em: 04 jul. 2022.

TREVISAN, A. **O rosto de Cristo**: a formação do imaginário e da arte cristã. Porto Alegre: RS, Editora AGE, 2003.

VIEIRA, Leandro. *In*: **Conversa Franca** – Leandro Veira. [S. l.: s. n.], 19 fev. 2020. 1 VÍDEO (57min 57seg), son., color. Publicado pelo canal Rádio Arquibancada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWnh5-jJuck>. Acesso em: 04 jul. 2022.

O DESERTO NAS SAGRADAS ESCRITURAS: UMA ABORDAGEM LITERAL-TEOLÓGICA

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 25/08/2022

Diego J.L. Carleti

Licenciado em História pela Unifeob e bacharelado em Teologia pela Uninter, Santo Antonio do Jardim
<http://lattes.cnpq.br/8446130805863792>

RESUMO: O termo deserto é muito recorrente nas Sagradas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Entretanto, seu sentido varia conforme o contexto narrado. O presente artigo pretende através de uma revisão bibliográfica, abordar as diversas dimensões do deserto nas Sagradas Escrituras, partindo da literal, de local árido e inabitado; passando pelo sentido de local propício e místico para o relacionamento com Deus; e por fim *locus* teológico, especificamente no Novo Testamento, no qual é feita uma leitura tipológica, no evangelho de Mateus, entre o livro do Êxodo e a preparação da vida pública de Jesus em suas três tentações.

PALAVRAS-CHAVE: Deserto; Sagradas Escrituras; Interpretação; Tipologia; Jesus.

THE DESERT ON THE SACRED SCRIPTURES: A LITERAL-THEOLOGICAL APPROACH

ABSTRACT: The term desert is widely used in the Sacred Scripture, both in the Old and New Testament. However, its meaning ranges in conformity with the narrative context. This

paper aims, by the means of literature review, to approach the several dimensions of the word on the Sacred Scriptures, departing from literal meaning, of an arid and inhabited location; going through mystical and propitious for relationship with Good meaning; and finally theological *locus*, specifically on the New Testament, in which a typological reading is mad on the Mathew gospel, between the Exodus narrative and preparation of Jesus' public life in their three temptations.

KEYWORDS: Desert; Sacred Scriptures; Approach; Typology; Jesus.

1 | INTRODUÇÃO

Muito se fala em pregações católicas, tanto em homilias quanto em reflexões leigas, sobre o *deserto*. Utilizam a palavra em diversos sentidos tornando o termo elástico e pouco específico. Se encaixa tanto em uma descrição em linguagem metafórica de uma 'secura espiritual', quando se quer se expressar um período em que o Espírito Santo não 'nos fala ao coração' – expressão muito utilizada em âmbitos mais espirituais – quanto também como local de encontro privilegiado com Deus, como nos afirma Silvio Baez em seu artigo *El desierto en el nuevo testamento*. Como duas interpretações, aparentemente tão contraditórias, podem coexistir em um mesmo termo?

Por outro lado, quando Jesus inicia sua vida pública, é impulsionado pelo Espírito Santo ao deserto. Porque especificamente o deserto?

O presente artigo tem a intenção de

responder a esta questão. Para isso, iremos traçar um itinerário em busca de uma definição do termo em relação aos seus diversos usos. Nossos objetivos são analisar a concentração das ocorrências tanto no Antigo como Novo Testamentos; aprofundar as interpretações de seu sentido literal – como local geográfico – e como esse local geográfico influenciou na Tradição Judaica; e em seguida passando para os efeitos que este local teve culturalmente no Povo Eleito, abordaremos o sentido espiritual do deserto para chegarmos ao contexto neotestamentário: o papel do deserto na vida de Jesus Cristo, o próprio Deus encarnado.

Recorreremos a revisão bibliográfica delimitando o material pelo *tema*. Foi buscado principalmente no *Google Scholar* utilizando-se de palavras chaves bem específicas em português, espanhol, inglês, francês e italiano: *Sagradas Escrituras, deserto, Jesus, leitura tipológica do Êxodo, porque Jesus foi ao deserto no início de sua vida pública*. Muitos artigos foram baixados e lidos e alguns foram descartados por não se adequarem ao tema específico da pesquisa.

Creemos que atribuir o sentido contextual para o termo deserto dentro de seus diversos usos pode ser de grande auxílio na academia para ajudar a elucidar teologicamente as várias interpretações as vezes controversas atribuídas ao mesmo.

21 O DESERTO NAS SAGRADAS ESCRITURAS: ABORDAGEM LITERAL E TEOLÓGICA

A figura do deserto está abundantemente presente nas Sagradas Escrituras. Seus primeiros registros já se iniciam no livro do Gênesis. Ele perpassa os escritos do Pentateuco, se entrelaça com os ensinamentos Sapienciais, conferindo-os profundidade, chegando até o Novo Testamento em que terá primordial importância no ministério de Cristo.

O termo [...] se distingue claramente de *polis*, da cidade, em Jo 11,54. É utilizado com função adjetival, com o sentido de “desolado, desabitado”, para qualificar pessoas (Gal 4, 27: uma mulher abandonada) ou determinados espaços (Mt 23,38: uma casa abandonada; At 1,20: um prédio desabitado; At8,26: um caminho deserto). Com esta mesma função aparece 9 ocasiões qualificando a *tópos*, formando o sintagma *éremos tópos*, “lugar deserto ou solitário”. (BAEZ, 2004: p. 302, tradução nossa)

No livro do Êxodo, o deserto ocupa *locus* central porque é o cenário onde acontece toda a narrativa. Lá o Povo Eleito será provado física e espiritualmente, sendo submetido a todas as intempéries deste local. Mas principalmente será testado em sua *obediência* aos planos de Deus.

No Levítico, é narrada toda a liturgia do povo judeu que é constituída oficialmente *no deserto* e por isso adquire características de passagem por este ambiente. Uma Tenda é constituída e transportada pelo terreno árido ao longo de toda a peregrinação do Povo Eleito e nela os sacrifícios rituais são oferecidos. E ainda mais, era esta mesma Tenda que ditaria o ritmo da marcha e a vida cotidiana dos israelitas: “Quando a nuvem se elevava sobre a Tenda, então os israelitas se punham em marcha; no lugar onde a Nuvem parava

aí acampavam os israelitas”. (BÍBLIA, Números, 9,17).

Já no Novo Testamento, em especial nos relatos Evangélicos, com uma frequência muito grande Jesus se retirava dos lugares agitados para algo muito específico: a comunhão íntima com Deus Pai: “De madrugada, estando ainda escuro, ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava” (BÍBLIA, Marcos, 1, 35). Isso evidencia claramente que os locais desérticos eram preferidos por Jesus para se manter em comunhão com o Pai.

A região desértica é uma pequena área que compõe uma totalidade do cenário das narrativas da vida de Jesus. A diversidade geográfica da Terra Santa é ampla se relacionada à sua extensão. Há desde áreas litorâneas, montanhosas e até florestas. Nas palavras de Daniel Rops: “Um passeio de uma hora nos leva de uma das planícies mais férteis às montanhas desnudas onde pastam ovelhas: e as caravanas, castigadas pelo vento quente do deserto”. (ROPS, 1986: p. 13)

E é em oposição às áreas férteis, “verdadeiras savanas”¹ na região da galileia, que remetem à vida, à agitação e o convívio humano — onde as plantações de vinha, trigo e oliveira se espalham abundantemente — que se apresenta as regiões secas, áridas desabitadas e particularmente silenciosas do deserto.

É este caráter de isolamento que Baez denomina uma terra “separada radicalmente del mundo vital destinado a los hombres”². Não há movimento, não há dinâmica, há pouca vida de algumas vegetações e poucos animais que se adaptaram a este clima rigoroso.

2.1 Termo deserto: Definição e recorrências nas sagradas escrituras

O termo mais empregado pelos tradutores da Septuaginta para traduzir *midbar* – deserto em hebraico – foi *ἡρημος*. Das 345 ocorrências ao longo das Escrituras da Antiga Aliança, ele aparece 241 vezes:

Éremos se dá 32 vezes para derivados da raiz hebraica *hareb*, estar seco, ressecado, 25 vezes como tradução de *samém*, desértico *yermo*, horroroso e seus derivados, e 10 vezes como equivalente do hebraico *negeb*, terra seca. *Éremos* se encontra 120 vezes no pentateuco, posto que desde Ex até Dt (109 exemplos) se refere a peregrinação de Israel pelo deserto. Também nos Salmos (21 vezes), como em Is (45 vezes), Jer (28 vezes) e Ez (38 vezes), o conceito *eremos* desempenha um papel importante. (COHENEN; BIETENHARDT, 1990: p. 27 tradução nossa)

“*Ἠρημος*” na cultura extra bíblica, mais especificamente a dos greco-romanos, não designava estritamente extensos locais de clima seco e sem vida, sem água, mas também, nas palavras de Baez: “páramo pouco habitado, uma campina o um poblado abandonados”³.

O mais notável é que, ao chegarmos no Novo Testamento, a palavra aparece somente 46 vezes ao longo dos 27 livros; sendo que trinta e sete delas registradas nos Evangelhos sinóticos (COHENEN; BIETENHARDT, 1990: p. 28).

1 ROPS, Daniel. A Vida Diária nos Tempos de Jesus. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 13.

2 BAEZ, S. El desierto en el nuevo testamento, 2004.

3 “Local pouco habitado, uma campina ou uma aldeia abandonados”. (Tradução Nossa)

Há portanto, uma concentração de mais da metade das ocorrências do termo exatamente nos relatos da vida de Jesus Cristo no contexto neotestamentário. E isso se deve por uma relação direta entre o ministério de Jesus e o livro do Êxodo, a qual incorpora o sentido da vivência do Povo Eleito no deserto da Antiga Aliança para dar novo sentido à Revelação Divina.

2.2 Sentido espiritual do deserto

Devemos evidenciar que a figura do deserto sempre teve um traço místico na Tradição Judaica. Muitos matizes constituíram o pensamento religioso do povo judeu em relação à este local. No livro do Levítico, por exemplo, há um trecho muito curioso que narra a proibição de oferendas aos “demônios do deserto”: “Não mais oferecerão seus sacrifícios aos sátiros, com os quais se prostituem” (BIBLIA, Lv 17, 7).

Em Lv 16, capítulo dedicado à detalhar o ritual *Yom Quipur*, cita-se um anjo que vive no deserto chamado *Azazel*. Uma criatura que tem a função de enumerar as faltas do Povo Eleito diante de Deus. Neste ritual dois bodes seriam apresentados diante de Aarão, sendo um deles sacrificado a Deus na Tenda da Reunião pelos pecados do Povo Eleito, enquanto o outro seria solto no deserto e morto por *Azazel*:

Aarão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode e confessará sobre ele todas as faltas dos filhos de Israel, todas as suas transgressões e todos os seus pecados. E depois de tê-los assim posto sobre a cabeça do bode *enviá-lo-á ao deserto*⁴, conduzido por um homem preparado para isso, ²e o bode levará sobre si todas as faltas deles para uma região desolada. (BIBLIA, Lv 16, 21-22)

Por outro lado, o deserto também é local privilegiado de encontros místicos entre o homem e Deus. Jacó, por exemplo, tem uma experiência bem específica de transformação neste local para se preparar e seguir com os planos de Deus dando continuidade à descendência do Povo Eleito:

E Jacó ficou só. E alguém lutou com ele até surgir a aurora. ²⁶Vendo que não o dominava, tocou-lhe na articulação da coxa, e a coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele. ²⁷Ele disse: “Deixa-me ir, pois já rompeu o dia.” Mas Jacó respondeu: “Eu não te deixarei se não me abençoares.” ²⁸Ele lhe perguntou: “Qual é o teu nome?” — “Jacó”, respondeu ele. ²⁹Ele retomou: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte” contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste.” ³⁰Jacó fez esta pergunta: “Revela-me teu nome, por favor.” Mas ele respondeu: “Por que perguntas pelo meu nome?” (BÍBLIA, Gn 32, 25-30)

Há de se notar que, nos relatos onde o deserto aparece com o sentido de local de encontro com Deus, ele é sempre um *meio*. Ou seja, ninguém vive no deserto. É uma espécie de local de passagem, de *transição*: um “*ὁδός*”. Um meio pelo qual Deus se utiliza para *outro fim*. E sendo assim, os autores bíblicos geralmente se utilizam de termos bem

⁴ Itálico nosso.

específicos para indicar esta *transição*, como a preposição “εκ”, que tem o sentido de movimento, de *sair* de um local (BAEZ, 2004: p. 306). Renato Silva concorda com este uso gramatical atribuído ao deserto afirmando: “[...] a expressão εις τὴν ἔρημον, modulada pelo acusativo grego, transmite a ideia de que Cristo passou pelo deserto sem permanecer ali. Enfatiza-se, assim, a transitoriedade da vivência desértica.” (SILVA, 2017: p. 14)

Essa característica é uma referência clara ao livro do Êxodo, que é *per se*, um registro judaico essencial. É dele que se retiraram as maiores simbologias da Tradição Judaica. Corresponde a uma espécie de *Ilíada* e *Odisseia* se comparada à literatura grega. Qual seja: é o relato fundante, fonte, referência no imaginário religioso para a descrição de outros textos. É no Êxodo que Deus manifesta de forma mais forte, evidente e profunda no AT, a sua intervenção em favor do povo que Ele escolheu e separou pra salvar a humanidade.

Isso dá ao deserto um caráter bem específico de local transitório e místico de encontro com Deus. Podemos compreendê-lo sobretudo nos próprios escritos do Antigo Testamento. Geralmente o deserto é utilizado como metáfora para separar uma pessoa, ou o próprio povo de Israel, e lhe “falar mais de perto ao coração”. Vemos um exemplo muito claro disso em Oseias 2, 16: “Por isso, eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração.” O deserto é uma “experiência necessária para a fé. Nele, se exercita a fé de forma excepcional ao descobrir e experimentar que o único essencial e vivificante para a existência é viver uma relação de gratuidade e fidelidade amorosa com o Senhor” (BAEZ, 2004, p. 324 tradução nossa).

Gibson confirma esta visão argumentando que, tanto na Antiga quanto na Nova Aliança, o deserto é um local extremamente profícuo para a experiência com Deus. O SENHOR escolhe o deserto para um tipo de relacionamento específico com seus eleitos. (GIBSON, 1994: p. 15) Baez acrescenta que, a experiência do deserto vivida pelo Povo Eleito no Êxodo é de “purificação”, um “espaço e um tempo necessários para que sepultada a rebeldia e a infidelidade do povo, nasça uma nova geração digna das promessas de Deus” (BAEZ, 2004, p. 313-314). Um local:

Onde Israel se encontrou com seu Deus, [...] ali onde Deus “fala ao coração” (Os 2,16) e pode preparar seu profeta para a missão em um âmbito silencioso e exilado em que outras vozes não podem interferir. (BAEZ, 2004, p. 316)

Ou seja, a experiência transitória e mística do deserto é também preparatória. Qual seja, desenvolve na pessoa (ou povo) escolhido, na realidade de intimidade com Deus e isolamento das outras pessoas (ou outros povos), as características essenciais para se cumprir uma missão específica. Uma comprovação disso é o caso de João Batista. Ele cresce no deserto com roupas grosseiras em uma vida ascética, modelado pela dureza e o silêncio do deserto para assumir a missão de preparar o Povo Eleito para a mensagem do Reino de Deus.

Os evangelhos sinóticos são consensuais ao narrar esta relação essencial de

João Batista com o deserto no que tange sua missão. O seu amadurecimento espiritual é indissociável do ambiente de austeridade no qual viveu.

Assim como João Batista, também, o próprio Jesus, ápice da Revelação Divina. Ele é movido pelo Espírito Santo para o Deserto logo após ter sido batizado no rio Jordão por João Batista. Nas palavras de Baez, Jesus no evangelho de Marcos, é “literalmente empurrado (*ekbállo*) ao deserto pelo Espírito” (BAEZ, 2004, p. 318 tradução nossa) para la ter uma experiência com as tentações feitas pelo demônio (Mt 4, 3-11) enquanto foi servido pelos anjos (Mt 4,11).

Por outro lado, Jesus também vive no deserto como um tempo de provação. Ele é o Filho de Deus e deverá percorrer todo o itinerário proposto por Deus Pai para a Salvação da humanidade. Deverá revelar Deus ao homem, passar pela Cruz e Ressuscitar. Por isso, no deserto, viverá a “aceitação da própria identidade e missão [...], adesão pessoal e fidelidade a missão recebida por Deus”. No Evangelho de Lucas é ressaltado que Jesus vai ao deserto, experiencia a realidade da “tentação, diante da qual permanece firme”. (BAEZ, 2004, p. 320 tradução nossa).

2.3 Leitura tipológica do deserto

É no evangelho segundo São Mateus que é descrito com maior clareza o sentido mais profundo da ida de Jesus ao deserto. Esta narrativa toda é uma espécie de releitura da *Torah* sob a ótica cristológica. E a ida de Jesus ao deserto antes de sua vida pública é claramente descrita como equivalente da epopeia judaica do Êxodo. Denaux, em seu artigo *Jésus au désert*, descreve sistematicamente a ligação das Tentações sofridas por Jesus no deserto e as sofridas pelo Povo Eleito rumo à Terra Prometida.

Gibson concorda com Denaux nessa interpretação, mas extrai suas evidencias do relato de Marcos. Ele argumenta que o deserto ao qual Jesus foi levado pelo Espírito Santo não é *qualquer* deserto, mas exatamente aquele mesmo por onde o Povo Eleito chegou à Terra Prometida. Ele prossegue dando mais pontos de ligação entre os dois episódios fortalecendo esta interpretação:

Em segundo lugar de acordo com Marcos *πειρασμός* ocorre lá. E em terceiro lugar Marcos designa o local da experiência da tentação de Jesus como o Vale do Jordão inferior, a área na qual o pensamento contemporâneo relacionou com o cenário da segunda metade do livro do Êxodo e do livro do Levítico, Números e Deuteronômio. Portanto, quando Marcos diz que a experiência da tentação de Jesus *ἐν τῇ ἐρήμῳ*, Marcos fez mais do que simplesmente localizar a tentação de Jesus. Usou a geografia para servir a um interesse teológico, ele disse algo de muito concreto sobre a natureza da tentação [...] (GIBSON, 1994: p. 16 tradução nossa).

Nixon também viu estas mesmas conexões. E os três afirma consensualmente que a diferença entre Jesus e o Povo Eleito é que Nosso Senhor não cedeu a estas provações enquanto o Povo Eleito a todo instante murmurava e caia em desobediência. Apresentemos estas conexões feitas por ele numericamente: (1) O Povo Eleito estava insatisfeito com a

provisão do maná: Jesus foi tentado pela sua fome a transformar as pedras em pão e não o fez. (2) Em Massa, Deus foi tentado pelos israelitas sobre a dúvida de sua presença e poder: Jesus foi tentado a pular do pináculo do templo para pôr a prova Deus fazendo com que os anjos o segurassem, mas disse não. (3) E por fim, quando o Povo Eleito impaciente com a demora de Moises no Monte Sinai fundiu para si um bezerro de ouro: Jesus é tentado a se curvar e adorar a satanás, mas respondeu enfaticamente em Lucas, 4 12: “Não tentarás ao Senhor, teu Deus”. (NIXON, 1962, pp. 14-15).

Denaux ressalta que até mesmo as citações que Jesus utiliza, são extraídas do livro do Deuterônômio e por isso, corroboram com esta interpretação:

[...] Jesus cita três vezes a Escritura, respectivamente Deuterônômio 8,3; 6,16 e 6,13. Estas citações pertencem a um contexto mais amplo de Deuterônômio 6, 8, onde são descritas as tentações do povo de Israel no deserto. Jesus é colocado a prova de maneira semelhante, mas reage de outra maneira. Onde Israel, filhos de Deus, sucumbiram à tentação, Jesus se manifesta como verdadeiro filho de Deus em sua vitória sobre as tentações. (DENAUX, 2019: p. 42 tradução nossa)

Jesus não abandona os planos do Pai porque Ele é o cumprimento e a plenitude da Lei. Por isso foi “*Πνεῦμα αὐτὸν ἐκβάλλει εἰς τὴν ἔρημον*”⁵ (Mc 1,12). E nesta mesma lógica se segue que Jesus assume essencialmente e sinteticamente nas três Tentações do Deserto todo o conteúdo da Lei judaica.

A primeira tentação de Jesus, a de transformar as pedras em pães (Mt 4, 3-4; Lc 4, 3-4) é relacionada por Denaux com a fome que os Israelitas sofreram ao deixarem o Egito. Ao invés de confiarem filialmente no SENHOR, começam a murmurar contra Moisés: “Antes fôssemos mortos pela mão de lahweh na terra do Egito, quando estávamos sentados junto à panela de carne e comíamos pão com fartura! Certamente nos trouxestes a este deserto para fazer toda esta multidão morrer de fome.” (BÍBLIA, Êxodo, 16-3).

Eles não tinham mais confiança no alimento da palavra e nas promessas divinas. [...] O fim dessa provação era de ver como Israel iria reagir a uma situação de privação e de escassez, e assim para ensinar que a vida não depende somente do alimento material, mas da fé e da confiança em Deus. Deus queria dar a Israel uma lição de dependência. (DENAUX, 2019: p. 44 tradução nossa)

Jesus responde à primeira tentação assertivamente seguindo esta linha: “Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (BÍBLIA, Mateus, 4:4).

Prosegue Denaux argumentando que, a segunda tentação⁶ (Mt 4, 5-7; Lc 4, 9-12) na qual o demônio sugestia a Jesus Se lançar do pináculo do Templo para pôr à prova

5 Impulsionado pelo Espírito ao deserto.

6 Há uma inversão de ordem na narrativa da segunda e da terceira tentações em Mateus e Lucas. Em Mateus segue-se (1) Transformação das pedras em pães; (2) A tentação de Jesus se atirar do pináculo do templo; e (3) Prostrar-se diante do demônio. Em Lucas (a) Transformação das Pedras em pães; (b) Prostrar-se diante do demônio; (c) A tentação de Jesus se atirar do pináculo do templo. Optamos por seguir a ordem de Mateus porque Denaux assim dispôs em seu artigo.

se Deus Pai realmente está com Ele, está relacionada à sede que Povo Eleito é submetido no deserto de Massa (Ex 17, 2-4). Nesta ocasião, demonstram mais uma vez sua falta de fé, testando a Deus em seus desígnios:

Nos dois casos pretende-se forçar Deus a intervir de maneira miraculosa, em outras palavras, pretende-se colocar Deus à prova, invertendo a relação Criador-criatura. Se Jesus tivesse se jogado, Deus teria lhe enviado seus anjos para o resgatar, mas neste fato, ele teria forçado Deus a realizar um milagre. Jesus recusa firmemente provar a autenticidade de sua missão [...] Ele resiste à prova e se lembra da lição de Deuteronomio 6,16. (DENAUX, 2019: p. 46 tradução nossa)

Na terceira tentação, a que o demônio oferece à Jesus o poder sobre todos os reinos da Terra em troca de lhe demonstrar reverência (Mt 4, 8-10; Lc 4, 5-8), Denaux relaciona ao episódio do livro do Deuteronomio, quando os Israelitas estão próximos de entrar na Terra Prometida. Nesta ocasião Deus irá submeter as sete nações cananeias à nação judaica, mas adverte-os que não cedam à adoração de seus deuses (Dt 6,10-14). Ao longo de todos o Antigo Testamento comprovamos sucessivamente que os judeus sucumbem a esta tentação, ora com deuses egípcios, ora com deuses cananeus, ora com deuses sírios. Mateus quer demonstrar que Jesus não segue pelo mesmo caminho, e não se prostra diante dos deuses deste mundo:

Se Jesus não rende nenhuma honra divina ao diabo, mesmo quando ele promete em troca todos os impérios e sua glória, então o cristão tampouco e contra nenhuma vantagem terrena não pode adorar Satanás [...] não se pode servir a Deus e a Mammon. (DENAUX, 2019: p. 49 tradução nossa)

Levando em consideração estas observações narrativas há um claro sentido teológico que une o Antigo ao Novo Testamento na vida de Jesus. Ele assume a carne humana na história e nestes relatos assume em sua natureza humano-divina as imperfeições do pecado do Povo Eleito para redimi-lo. Revive as tentações pelas quais os israelitas pereceram para incorporá-las na sua cruz.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos então que a palavra deserto possui – pelo menos – três diferentes níveis de interpretação dentro da literatura bíblica. O primeiro e mais imediato é o local de clima árido presente na geografia do Povo Eleito. Este local teve muita influência na formação tanto da religião quanto da cultura judaica por fazer parte de seu cotidiano e estar ligado à sua principal festa religiosa, a Páscoa, e à instituição do culto levítico, e por isso adquiriu também uma segunda dimensão: a espiritual.

Surgiu uma ideia de natureza mística do deserto, de *locus* privilegiado para se encontrar com Deus e por muitas ocasiões personagens bíblicos foram submetidos à experiências nele como é o caso de Jacó, quando lutou com o anjo; de João Batista que

se preparou para apalpar o caminho do messias pregando um batismo de renúncia dos pecados. Tudo isso para serem preparados para uma grande missão geralmente associada a algo maior: a própria História da Salvação.

Mas também há uma terceira dimensão do deserto nas Sagradas Escrituras e que está relacionada especificamente a missão de Jesus Cristo como messias esperado. Ele assume toda História da Salvação representada pela narrativa do Povo Eleito no livro do Êxodo para que, assumindo a carne humana, ele possa redimi-la. Por isso se submete as mesmas tentações do Povo Eleito, mas ao invés de perecer a elas, as supera. E essa é a principal missão de Cristo no deserto: ser obediente ao Pai, onde o gênero humano não o foi.

Não foi o objetivo desse artigo uma busca exaustiva de todos os sentidos possíveis do termo deserto nas Sagradas Escrituras. Isso demandaria um trabalho exegético muito mais aprofundado e apurado de crítica textual, literária, narrativa, dentre outros, o que não seria viável para um artigo científico por sua própria natureza. Por isso, selecionamos os três sentidos mais evidentes levando em conta um *crescendi* da profundidade teológica do termo de acordo com os autores citados.

REFERÊNCIAS

BAEZ, S. El desierto en el nuevo testamento. **Teresianum**, v. 55, n. 2, p. 301–324, 2004. Disponível em: <https://www.teresianum.net/wp-content/uploads/2016/05/Ter_55_2004-2_301-324.pdf> Acesso em: 13/01/2022.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 12a. ed. São Paulo SP: Paulus, 2017.

DENAUX, Adelbert. Jésus au desert. **Communio**, 2019/1, n. 261, pp. 39-50. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-communio-2019-1-page-39.html>> Acesso em 13/01/2022.

GIBSON, Jeffrey B. Jesus Wilderness Temptation According to Mark. **Journal for the Study of the New Testament** 53 vol. 16:3, pp. 3-34. Chicago, 1994. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0142064X9401605301>> Acesso: 13/01/2022.

NIXON, M.E. The Exodus in the New Testament. **The Tyndale New Testament Lecture**, 1962. Disponível em: <https://biblicalstudies.org.uk/pdf/tp/exodus_nixon.pdf> Acesso: 13/01/2022.

RICO, Enrique Sanz Giménez. Señor, condúceme por el Camino de la Salvación – El Desierto y el Antiguo Testamento. **Vida Nueva**, n. 23-30. Madrid, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.comillas.edu/rest/bitstreams/39852/retrieve>> Acesso: 13/01/2022.

ROPS, Daniel. **A Vida Diária nos Tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1986.

SILVA, Renato Gonçalves da. **Γέγραμμαι (Está escrito): A utilização das Escrituras no relato das tentações de Jesus segundo Lucas 4, 1-13**. Dissertação (mestrando em Teologia) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/20781/2/Renato%20Gon%c3%a7alves%20da%20Silva.pdf>> Acesso: 13/01/2022.

TRINITARIAN BIBLE SOCIETY. **Koiné Greek New Testament**. London, 1976.

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO – Pós-Doutor em Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra - Portugal (PFCE/UC, 2014-2016). Pós-Doutor em Formação Docente, Identidade e Gênero pelo Instituto Politécnico da Escola Superior de Educação de Coimbra - Portugal (ESEC, 2017-2021). Doutor em Ensino (Educação Matemática e Tecnologia - pela UNIVATES, 2018/2022). Doutor em Ciências da Religião (Religião, Sociedade e Cultura/Movimentos Sociais - pela PUC-Goiás, 2010-2014). Doutorando em Educação (Estudos Culturais - pela ULBRA, 2020-). Possui Mestrado Profissional em Teologia - Educação Comunitária, Infância e Juventude (EST/UFRGS, 2008-2009) e Mestrado Acadêmico em Ciências da Educação (UEP, 2007-2009). Graduado a nível de licenciatura em: Matemática (UEG), Pedagogia (ICSH/UFG), Filosofia (FBB) e Ciências Sociais (Faculdade Única) e, bacharelado em teologia (FATEBOV). Atualmente é Professor Titular C-II da Fundação Municipal Integrada de Ensino Superior (FIMES / UNIFIMES) desde 2014 (onde atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e pós-graduação) e Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás (SEDUC) desde 1999 na área de Matemática. Atua, ainda, como Docente Permanente nos seguintes Programas de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Fundação Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), Linha 1 Currículo, Formação Docente e Diversidade (Cooperação técnica nº 1038/2019. Publicado no D. O. nº 10038 de 28/11/2019), Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Faculdade de Inhumas (PPGEDU-FACMAIS), Linha 1 Educação, Instituições e Políticas Educacionais (EIPE) e, do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (Colaboração Técnica, sem vínculo empregatício), na Linha 2 Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES-CNPq); Colíder do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias Sociais e Desenvolvimento no interior do Amazonas (do IFAM). Associado na ANPED/Nacional. Associado na APEDUC - Associação Portuguesa de Educação em Ciências. Membro da Comissão Editorial da Revista Científica em Educação da FACMAIS (2020); Membro do Comitê Científico da Editora Atena (2019 -); Editor da Revista Científica Novas Configurações Diálogos Plurais (2020 -). Membro do Comitê Científico da área Ciências Humanas da editora Publishing. Avaliador do Guia da Faculdade (2020). Avaliador de Cursos e Instituições cadastrado no Conselho Estadual de Goiás - CEE/GO. Pesquisador cadastrado no ORCID e no ResearchGate. Tem experiência na área da Educação atuando no eixo da Diversidade. Atualmente interessa-me pesquisa em dois grupos temáticos: I Processos Educativos: Formação de Professores, Políticas Educacionais, Currículo, Desenvolvimento Profissional, Ensino e Tecnologia; II Estudos Culturais: Identidade, Representação, Gênero, Violência, Negritude, Religiosidade e Cultura.

ELISÂNGELA MAURA CATARINO – Pós-doutora em Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra - ESEC/PT (2017-2019) sob a orientação da Dra. Fátima Neves. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-GO (2005 - CAPES 5) na Linha de Pesquisa

Religião e Movimentos Sociais. Mestra em Teologia com especialização em Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS (2010 - Conceito 5 CAPES). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira (2007) e Docência do Ensino Superior pela FAMATEC (2012). Licenciada em Língua Portuguesa e inglesa e suas respectivas licenciaturas, pela Universidade Estadual de Goiás (2004) e Licenciada em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas - ICSH (2003). É servidora pública da Secretaria Estadual de Educação de Goiás - SEDUCE (1999 - Professora P-IV) e da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (2015 - Professora Titular - CII), onde atua como professora na Pós-graduação e nos Cursos de Medicina Veterinária, Engenharia, Pedagogia, Educação Física e Psicologia. Colíder do Grupo de Pesquisa Psicologia, Processos Educativos e Inclusão da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Pesquisadora no Grupo de Pesquisa NEPEM/UNIFIMES/CNPq. Professora colaboradora no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social - MPIES da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente trabalha com as seguintes temáticas: Literatura. Linguagem. Educação e Diversidade e Educação Especial com foco nos surdos.

SANDRA CÉLIA COELHO GOMES DA SILVA – Pós-doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Doutora em Ciências da Religião (PUC-GO), Mestra em Ciências da Religião (PUC-GO). Pós-graduação Lato Sensu em Sociologia (UFMG); História Econômica; Terapia Transpessoal e Práticas Integrativas do Cuidado à Saúde (PICS). Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE). Formação Profissional em :Terapia Holística e Transpessoal, Programação Neurolinguística (PNL), Hipnoterapia, Constelação Familiar. Membro da Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM) e da Sociedade de Teólogos e Cientista da Religião (SOTER). Atualmente é Professora Permanente (Linha I - Novos Contextos de Aprendizagem) e Coordenadora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES - UNEB -DEDC - Campus XI - Serrinha); Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia. UNEB-DEDC - Campus XII - Guanambi. Tem experiência na área de Ciências Humanas e Sociais, com ênfase em Sociologia, Antropologia, Antropologia e Saúde; Ciências Sociais Aplicada à Saúde; Metodologia da Pesquisa; Gênero; Espiritualidade; Religião e Internacionalização. Autora do Método VIVA na V/IDA - Terapia para Todas as Mulheres. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS). Pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas Interdepartamental, Interinstitucional e Internacional em Culturas e Religiões (CEPICR/UNEB).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Automotivador 1, 7

Autossugestão 1, 6, 8

C

Carnaval 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65

Ciberteologia 9, 13, 14, 19

Comunicação e Literatura 20

Cristologia 29, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 45

E

Eclesialidade 9

Encarnação 23, 24, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45

Escola de samba 46, 47, 48, 50, 53

F

Festa da carne 46, 47, 49, 54, 56

J

Jaculatória 1

Jesus 5, 7, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 53, 54, 55, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74

M

Mística 1, 2, 3, 6, 8, 70, 73

Mulheres 1, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 25, 28, 57, 58, 59, 60, 76

N

Narrativas 2, 20, 26, 29, 56, 61, 64, 68, 73

P

Pandemia 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18

Paradoxo 20, 21, 22, 23

Pecado 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 61, 62, 64, 73

Personagem 20, 21, 22, 28, 29, 30, 31, 51, 55, 57

Preexistência 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45

R

Renovação 9, 18

S

Sagrada Escritura 3, 12, 33, 34

Substituição simbólica 1, 6, 7

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 